

REVISTA DE ENSINO

BIBLIOTECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
1900



L. Perceval

REVISTA DE ENSINO

ORGAN OFFICIAL DA DIRECTORIA DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO I

MACEIÓ, NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1927

NUM. 6

Velhas opiniões

(CRAVEIRO COSTA)

A ESCOLA ISOLADA

Não tem sido avára a administração de Alagoas no despender com a disseminação do ensino primario. A difusão do A B C tornou-se mesmo uma preocupação do poder publico. As cifras exatificam, numa comprovação irretorquível, o asserto.

Para o exercicio de 1912 votava o Congresso Estadual 586:353\$997 para a instrução publica, destacando-se desta verba 283:186\$000 para o ensino elementar. Tres lustros depois, no corrente exercicio, essa despeza elevava-se a 1.546:440\$000, a nona parte da arrecadação ordinaria do Estado.

Mas a disseminação do alfabeto não quer dizer eficiencia de organização escolar. Se avançamos nos gastos, com o aumento consideravel do numero de escolas primarias, o progresso pedagogico e o problema educacional do povo alagoano não tem sido correspondente ao sacrificio do erario. Por diversos motivos, dentre os quais o seguinte : o aparelhamento educativo no Estado ainda repousa exclusivamente na escola primaria e esta é a escola isolada, sem finalidade educacional.

As desvantagens e defeitos da escola isolada estão todos estudados, praticamente demonstrados e largamente divulgados. Desvantagens e defeitos de ordem pedagogica e de natureza administrativa que os professores, os mais provecos, não podem

sanar e as administrações não podem remover.

Pedagogicamente, dentre outros, resalta um dos seus defeitos organicos, por isso mesmo insanavel: o professor, na escola isolada, tem a seu cargo varias classes a lecionar, e, como o dia escolar é para isso curto, as classes não podem ser bem instruidas. O programa, fatalmente, terá de ser prejudicado.

A precariedade do tempo e o espaço de que dispõe o professor, forçando-o a acomodar essas classes numa pequena aula, umas ao lado das outras, dão-lhe auditorios diferentes, de idades e adiantamento diversos, para uma só lição. O defeito é inérente ao organismo do instituto. E', por isso mesmo, irremediavel.

Materialmente, á escola isolada deparam-se dificuldades irremoviveis. De todas a principal é a da instalação. A casa da escola é um problema capital. Não podendo solucionar-o, o governo procura sair-se da abertura, fornecendo ao professor exigua quantia para aluguer do predio escolar. E todos sabem o que disso resulta, a começar pelas escolas isoladas da capital: a casa escolar é a negação da mais rudimentar exigencia pedagogica e dos preceitos mais comensurados de higiene, tornando-se a antitesse desse suave conforto e dessa radiante alegria que tornam a escola aprasivel e estimada da petizada. E' antes uma prisão

onde o zelo paterno se compraz em encalourar o espirito infantil, por algumas horas, diariamente, sob a vigilancia do Estado representado pelo professor desanimado da profissão, ou sem noção alguma da sua finalidade.

A sala é acanhada, sem ar, sem luz, sem cubagem, ocupando o professor o resto do predio. Por essa sala transitam fámulos e mais pessôas da casa ou visitas do professor, enquanto este, de vez em quando, deixa a sua cadeira para atender aos arranjos domesticos.

Não ha para a escola isolada situação saudavel, centralidade, facilidade de acesso, afastamento de visinhanças incomodas ou prejudiciaes á saúde e á moral dos alunos. A escola localisa-se onde a conveniencia do professor determina.

Não ha na sala de escola exposição conveniente de luz, renovação constante de ar; não ha mobiliario adequado e a ausencia de objetos indispensaveis ao ensino é completa.

A instalação da escola isolada é sempre deploravel. E ainda mais quando se sabe que éla se destina principalmente ao filho do homem do povo, roído pelas mais crueis privações domesticas, que devia encontrar na escola os elementos educativos do caracter, das maneiras, da sensibilidade, do patriotismo. E se é na escola, como ensina V. HARRIS, que o homem recebe a parte principal de sua educação, mistér se faz que a escola esteja para isso preparada — no professôr, nos processos aduccionais, nos métodos pedagogicos, nos agentes externos de sensações agradaveis ao espirito infantil.

Essa preparação educativa e esse aparelhamento pedagogico faltam em absoluto á escola isolada. E não lh'os pôde dar o governo, pela multiplicidade de casas de ensino dessa natureza, disseminadas

por toda parte. Esse aparelhamento só pode existir no grupo escolar.

Por isso atualmente, em toda parte, em vez de tres ou quatro escolas isoladas numa localidade, levanta-se um edificio para um grupo escolar ou para escolas reunidas. A escola isolada relega-se aos suburbios, aos povoados, aos pontos de escassa população infantil, onde o regimen de uma só escola e de um só professor é ainda necessario, indispensavel, e sel-o á por muitos anos, mas devendo o governo tirar á escola o ambiente de desconforto, de desolação, de atrofiamento fisico, sem uma exterioridade tocante que seja um incentivo de animação e alacridade.

* * *

O ENSINO PROFISSIONAL

A nossa educação resente-se de preconceitos, que são uma herança dos antepassados.

Quedamo-nos ainda, desavisados e incautos, ante as riquezas inexploradas que nos rodeiam, sem nos apercebermos de que só é realmente rico o paiz que se basta a si mesmo, isto é, que produz para as suas necessidades internas e supre em escala abundante as carencias mundiais do consumo das utilidades.

A educação popular ainda não tomou a orientação do ensino profissional. Prevalece a preocupação do esmero na educação intelectual, que pôde produzir magnificos poetas e acatados pensadores, mas não gera as grandes individualidades directoras do nosso poder economico. Pezanos essa fatalidade historica que nos faz olhar com indiferença, quando não com desprezo, aquelas profissões que não sejam rotuladas com os diplomas academicos.

Por isso, o comerciante enriquecido na labuta diaria do balcão, o industrial que

se tornou opulento pelo trabalho braçal da oficina e o agricultor enfartado das abundantes colheitas que êle proprio semeiou, aspiram, comumente, para os filhos em vez da sucessão honrosa na profissão, as pompas do bacharelato, ante as quais se abre facilmente o alçapão da politica, se escancara a porta larga da burocracia, e, não raro, a burra do argentario, amorosamente aberta pela rosea mão de uma herdeira afrancesada, cujo pai o papa fez visconde ou o rei Alberto condecorou...

E quando a aspiração do comerciante, do industrial, do agricultor sae do dominio aureo da academia, é que a sotaina lhe anda no pensamento...

O que outrora só era accessivel ás classes abastadas — o diploma academico — mais por um ornamento de bôa sociedade do que um meio facil de abrir caminho na vida, tornou-se tambem uma aspiração da gente menos favorecida. Já não é somente o filho do rico que quer ser *doutor*; tambem o quer o filho do proletario.

Somos — registro apenas uma verdade mil vezes dita — um povo de doutores e de burocratas. Quem escapa do bacharelato, cae no emprego publico. Raros os que escapam desse circulo vicioso; os que vêm nos officios e nas artes carreiras meritorias, uteis, honrosas e lucrativas; os que compreendem que a mecanica, o electricismo, a engenharia, o comercio e a agricultura são as profissões do futuro, as unicas que farão as linhas ferreas cortar o paiz, ligando o sertão longinquo e ineulto ao litoral em contacto com a civilização, que desentranharão do solo o tesouro inexaurivel da nossa riqueza mineral, que farão as nossas terras produzir para todo o mundo, que encaminharão as populações para as fabricas e as uzinas, desdobrando o progresso brasileiro em perspectivas esplendidas, afirmando o va-

lor da raça, o seu poder de realização e a sua capacidade de trabalho.

A observação historica dos fatos em fôcos nos prenunciam que o futuro do mundo será daquele povo que possuir maior soma de energia e em mais alto grão o espirito de tenacidade construtiva e de senso pratico realizador, espirito que se desloca do Velho Mundo, assolado e desagregado pelos fenômenos sociais e politicos oriundos da guerra e que será absorvido totalmente pelo genio *yankee*, se esta parte do continente americano não procurar assimilar a força de empreendimento e realização da America do Norte.

Sentimos que esse espirito guiador do futuro procura fixar-se entre aquele povo que possuir maior área de terra cultivada, maior numero de fabricas, maior numero de navios no mar — mensageiros da paz, que abasteçam as outras nações e mensageiros da guerra que assegurem a integridade da bandeira em todas as partes do mundo.

Sentimos essa verdade, mas a indolencia atávica não nos permite alhanar o terreno das realidades. O passado oprime o presente como uma efialta terrivel. Com tudo é mistér sacudir o pesadelo, acelerando a circulação das arterias vitais do paiz.

A instrução profissional, para todas as classes sociais, obrigatoria, ao lado do ensino primario, tambem obrigatorio, é o remedio.

A ação do estado deve vir, tutelar, imprimir um rumo novo á educação popular.

A aprendizagem de uma profissão para todo menino maior de 14 anos, devia ser uma imposição do Estado vigilante. Educada a infancia na utilidade do trabalho manual, desapareceria do nosso ambiente a *empregomania*, depauperadora das energias nacionais, que começou "afetando as

altas camadas da sociedade brasileira, pela detenção privilegiada das funções públicas, fez escala pela burguezia enriquecida, acabando por afetar igualmente as classes proletárias”.

E', pois, um dever do governo preparar o homem do futuro, pelo ensino primario e pela instrução profissional, acostumando-o ao livro e ensinando-o a calejar as mãos na rudeza das oficinas.

O trabalho manual é uma dignidade social.

* * *

A EDUCAÇÃO SOCIAL

A estatística escolar brasileira é uma desolação: 6.068.000 crianças de ambos os sexos em idade escolar, das quais estão sem escola 5.218.675 !

A par dessa massa infantil que está crescendo sem a assistência tutelar do Governo, mais de dezoito milhões de adultos analfabetos numa população de trinta milhões. Apenas uns seis milhões sabem ler e escrever.

Basta a simples enunciação destas cifras dolorosas e deprimentes para se ter uma idea exata do estado atual da mentalidade brasileira para o exercicio do regimen democratico e da nossa aptidão, do nosso aparelhamento, para a luta na concorrência da exploração das nossas imensuráveis riquezas.

Por isso, uma verdade cortante resalta, amesquinhando-nos: o que temos em progresso material e o que apresentamos em civilização, de solido, de perduravel, de frutificador, traz o caracteristico do trabalho e do capital estrangeiro, que importamos para essa empreitada economica, desiludidos da nossa gente e da nossa facultade de iniciativa. São Paulo e o Rio Grande do Sul, os Estados *leaders* da nossa vitalidade economica, são uma prova.

Importamos custosamente o imigrante. O brasileiro foi suplantado. Venceu-o a ignorancia, venceram-no as endemias de que se não sabe e não póde defender e o tornam lementavelmente inferior ao estrangeiro, quando tem de com ele competir na propria existencia comum, no ganha-pão de todos os dias.

A grande massa brasileira é o agricultor ronceiro que em nada difere do escravo; é o pescador capaz de se bater com as ondas para ir de Maceió ao Rio de Janeiro sobre os seis páos de uma jangada, mas incapaz de compreender as vantagens da industria moderna da pesca e o prejuizo que advem á conservação da riqueza itologica da pescaria por intoxicação; e o operario “automato para quem a iniciativa creadora é uma expiação, um cansaço, um meio pensoso de prolongar a miseria que o ha-de como por atróz fatalidade, prostar de vez e o vencer”.

O nosso trabalhador dos campos e das fabricas, das industrias urbanas e rurais, é recrutado entre essa massa que, apesar do seu volume na população, não peza e não influe na vida politica da nação.

Produto do cruzamento de tres raças, com qualidades admiráveis de resistencia fisica, capaz dos maiores heroismos e dos mais sublimados sacrificios, não no soube educar o portuguez dominador da colonia, abandonou-o o imperio e esquece-o a Republica.

Para o sertanejo envelhecido nas tradições sanguinarias do cangaço; para o homem creado na rotina da nossa agricultura avoenga; para o operario endurecido no regimen da miseria; para o individuo dos centros populosos que cae na mendicidade á primeira enfermidade, tornando-a profissão; para esses “corroidos pela fauna microscopica das verminoses, desfibrados pelas intermitencias das maleitas, desintelectualizados por seculos de ignoran-

cia e de miseria, organicamente empobrecidos pela alimentação parca e impropria na primeira infancia", sem o espirito de ordem, sem o principio da obediencia, vencido pelos vicios e pelo desenfreamento dos instintos, tenho para mim que dessa massa nada se conseguirá.

Mas ha em vida paralela, ameaçadas pela mesma desgraça, mais de cinco milhões de crianças em idade escolar, aproveitaveis, que são esperanças radiozas do futuro, e estão crescendo á mercê dos instintos, sem o amparo elementar do ensino primario, sem a aprendizagem de uma profissão remuneradora...

A verdade é que ha no Brazil um problema nacional por excelencia, que sobrelva os demais e deveria ser e centro de convergencia da ação dos nossos estadistas, do estudo serio dos nossos parlamentares, dos cuidados das nossas classes cultas e da gente detentora dos grandes capitais, no sentido de uma solução rapida e da qual surja um povo apto para o trabalho pela educação tecnica, em todos os ramos da atividade produtiva, encaminhando para os campos e para as fabricas, com

passagem pela escola e pela officina, esses cinco milhões de analfabetos.

O grande problema do Brazil é o da educação popular, despejada de noções abstratas, rumando a inteligencia nacional ás fontes imensas da produção e da riqueza. Porque, bem o disse em vão, ha mais de quarenta anos, o incomparavel Ruy Barboza: "A produção é um efeito da inteligencia, está por toda a superficie do globo, na razão direta da educação popular. Todas as leis protetoras são inefficazes para gerar a grandeza economica do paiz; todos os melhoramentos materiais são incapazes de determinar a riqueza, se não partirem da educação popular, a mais creadora de todas as forças economicas, á mais fecunda de todas as medidas financeias".

E com o esplendor economico gerado pela educação popular, virão, fatalmente, a moralisação nos costumes, o respeito á soberania da lei, o apego á diciplina, o decoro de si proprio, a compreensão dos deveres civicos, a criação de uma personalidade capaz de "bastar-se a si mesma pelo seu trabalho".

ESCOTEIROS

E' o seguinte o compromisso do escoteiro inglez :

- 1.º — Cumprir meus deveres para com o Deus e para com o rei ;
- 2.º — Ajudar o meu proximo em todas as circunstancias ;
- 3.º — Observar o codigo escoteiro.

Quanto ao codigo ou lei escoteira eis como a redigiu Baden Powell :

- "1.º — A honra do escoteiro é inspirar confiança.
- 2.º — O escoteiro é leal ao rei e a seus officiais, a seus paes, sua patria, seus patrões e seus subordinados ;

3.º — E' dever do escoteiro tornar-se util e ajudar seu proximo.

4.º — O escoteiro é o amigo de todos e o irmão de todo escoteiro, qualquer que seja a classe social a que pertença.

5.º — O escoteiro é cortez.

6.º — O escoteiro é bom para os animais.

7.º — O escoteiro obedece ás ordens de seus paes, de seu monitor e de seu instrutor, sem recriminar.

8.º — O escoteiro sorri e assovia nas ocasiões dificeis.

9.º — O escoteiro é economico.

10.º — O escoteiro é puro com seus pensamentos, palavras e ações".

○ ENSINO POPULAR

A maior tentativa de organização que já se fez no Brasil

Respondendo a uma saudação que lhe foi feita, o Sr. Fernando de Azevedo, Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, expôs as suas idéas, no sentido de uma grande reforma do ensino popular. Desse discurso extraímos os tópicos que seguem :

A ESCOLA PRIMARIA NA SUA CONCEPÇÃO MODERNA

A nossa escola primaria, ligada em varios aspetos de sua organização, á escola regia de que proveio e ainda não se emancipou, não está montada, sequer para o combate eficaz ao analfabetismo, por um conjunto sistematico de medidas de extensão do ensino. O Estado, no Distrito Federal, ainda não enfrentou o problema de alfabetização e das malhas, de tecido largo e frouxo, que estendeu, para colher a população em idade escolar, escapam, todos os anos, milhares de creanças, que não recebem instrução em escolas publicas, nem têm meios de a pagar em estabelecimentos particulares. Ainda não aparelhada para exercer eficazmente essa função elementar, não será de surpreender, na atual organização, o carater antiquado que reveste. As instituições do ensino primario, instaladas, ao acaso, sem uma visão aguda de nossas realidades e sem qualquer espirito de finalidade social, e talhadas ainda pelos moldes da velha escola primaria de letras, obedecem á principios de organização a que já não se conformam as modernas legislações escolares.

A geração atual de educadores já rasgou, por improprio ás tendencias de nova civilização, o programa de escola primaria de letras, consubstanciado nos principios da escola teorica e livresca, em que permaneceu sempre á margem o lado social da obra de educação. A tendencia já predominante em diversos paizes, é de harmo-

nizar a finalidade das escolas publicas com duplo fim do Estado considerado, como ensina Jorge Kerschensteiner, o notavel educador alemão, "como uma comunidade moral, isto é, como um produto historico que tende cada vez mais á sua propria perfeição". Poder-se-á objetar contra essas teorias inovadoras, que deslocaram o centro de gravidade do antigo pensamento educativo, fiel ás doutrinas individualistas, que a elaboração desse novo mundo pedagogico ainda não permitiu que seja despreendida uma orientação firme da massa das experiencias e apanhada nos seus elementos essenciaes, postos em condições de viabilidade pratica. Nada menos verdadeiro. A nebulosa que se ia resolvendo com Pestalozzi, já denunciava, antes da guerra, no nucleo de idéas de Dewey, Decroly e sobretudo, de Kerschensteiner, esse processo de concentração do qual se despreendeu o sistema escolar adaptado á nova concepção social baseada no desenvolvimento crescente das sciencias e das industrias e na expansão correlata das classes operarias.

E', de fato, o desenvolvimento do aspecto social da educação que poz em fóco os tres principios fundamentais com que tendem a conformar-se os grandes sistemas de organização escolar; o principio da comunidade, da escola unica e da escola do trabalho. A educação popular, conciliando as duas tendencias por longo tempo opostas, da vontade autonoma (idéa individual), e de comunidade (idéa social), tomou a si a "tarefa de formar a personalidade autonoma, apta a participar da vida de uma comunidade historicamente unida na mesma civilização". Se o menino deve ser formado pela vida em comum e para ela (primeiro principio), "é preciso realizar desde a escola o meio total da vida real: a comunidade escolar deve ser constituída por todos os elementos da sociedade". E'

o segundo principio, tambem chamado "escola unica"; a mais completa expressão de democracia social, em que assume, como obra eminente da escola, "a formação do cidadão". Mas, como é preciso para este fim, desenvolver o sentido da ação, a vida intensa e creadora, á escola do estudo (lernschule), á escola passiva tradicional, á escola do automatismo livresco, succede, na nova concepção, a escola do trabalho (arbeitschule) a escola ativa e de experiencia pessoal em que todo o estudo deve ser aquisição e trabalho, feito em comum.

É certo que não se pode operar, na escola, uma mudança radical dentro dessas idéas levadas ás suas ultimas conclusões. Não será facil, por exemplo, sem uma reeducação de professores para os impregnar da orientação nova, a substituição efetiva da divisão tradicional dos programas em materias isoladas, pela repartição em complexos correspondentes ao "centro de interesse" da Decroly e agrupados nas tres grandes seções: a natureza, o trabalho e a sociedade. Mas uma reforma, que é função do meio, aliás accessivel pela sua cultura, ás inovações verdadeiramente significativas, de que já compreendeu o alcance pedagogico, não póde deixar de inspirar-se nesse idealismo renovador, emancipado de preconceitos. Pois, despertando na criança um *interesse ativo* por tudo o que a cerca, e "ensinando-a tanto a buscar no livro e na sciencia a resposta a todas as perguntas que se lhe apresentam, como a viver, a estudar e a trabalhar em comunidade", a escola nova impõe com a pratica e a compreensão da sociedade, o contacto e o conhecimento da natureza, e a observação e o estudo do trabalho humano, para a aquisição de habitos de trabalho produtivo e solidario.

Daí o principio de localização do ensino ou sua adaptação ao meio, que manda amoldar as escolas primarias ás singularidades da zona a que servem, sem quebra de sua unidade fundamental, nas suas bases humanas e nacionais. A escola primaria com as suas oficinas de pequenas industrias, na zona urbana, com seus campos de experiencias agricolas em zona rural, ou com seus modestos muséus de aparelhos de pesca, na região maritima, longe de des-

viar da lavoura e da pesca para os centros fabris, ou das industrias para as letras, a população infantil que acolhe, vae assim ao encontro do que deveria ser, ao mesmo tempo que a instrução, o seu fim principal: enraizar o operario ás oficinas, o lavrador á terra e o pescador ás praias, fazendo-os compreender e amar com o trabalho produtivo, a vida intensa das fabricas, a tranquila vida rural ou a vida valerosa das grandes pescarias, em que se tempera, na escola permanente da luta com o mar, a energia dos praiheiros. Assim, a escola do trabalho, que se destina, com um vestibulo do meio social, á formação do individuo pela comunidade e para ela, além de crear o espirito de disciplina e solidariedade social, constitue, com o trabalho realizado no interesse cultural da comunidade, uma fonte de forças vivas e a unica educação popular capaz de nos dar a posse completa de nós mesmos.

A ESCOLA DO TRABALHO. EDUCATIVO E A ESCOLA DO TRABALHO PROFISSIONAL

Certo, dessa concepção moderna, que procura fazer da escola primaria um instrumento de educação moral e civica das massas e um aparelho capaz de dotar-as de elementos de valor para a luta pela vida, decorre como consequencia, a incorporação progressiva de oficinas nas escolas publicas e a anexação a estas de cursos prevocacionais, para o fim de permitir á escola colaborar na moralisação da comunidade, educando os alunos para uma concepção moral da profissão e preparando-os fundamentalmente para esta profissão. Mas, num sistema solido e completo de organização pedagogica, não deve jámais ceder á escola primaria, que é a escola do "trabalho educativo", o carater profissional, no sentido de preparar a uma determinada profissão. Esta é a finalidade da educação tecnica e profissional, até hoje, sem conexão com a escola primaria, em que deveria ter as suas bases, e reduzida á sua função, elementar de ministrar o conhecimento e a pratica de um officio. Sobre esse objetivo que tem em vista, o ensino te-

enico profissional deve procurar transformar o operario num elemento de progresso tecnico nas oficinas e nas industrias nacionais, "elevando-lhe o nivel moral e intelectual, despertando-lhe a consciencia de suas responsabilidades, com a consciencia das bases scientificas e da significação social de sua arte, alargando-lhe a visão e aperfeiçoando-lhe a tecnica no sentido do maior rendimento do trabalho".

Para que "as escolas do trabalho profissional" não continuem a faltar inteiramente nos seus fins essenciais, é necessario reorganizal-as, de maneira que sejam, antes de tudo, respeitadas as realidades do meio e as necessidades industriais dominantes; nelas se agrupam officios afins, dentro de um plano inteiro, com objetivo preciso e limitado, e possam produzir como industrias, sem prejuizo de seus programas de ensino, senão para se bastarem a si mesmos (self-supporting), ao menos para formarem um patrimonio para assistencia aos alunos e desenvolvimento das oficinas. A rigorosa localização do ensino ou a sua adaptação ao meio, a que já nos referimos, é um principio fundamental de organização a que tem de subordinar-se todo sistema de ensino tecnico e profissional que não se destina á vida precaria das instituições artificiais. Não é, porém, menos importante, para a eficiencia dessas instituições, que, em vez de nelas se amontoar toda a especie de officios, tenha cada uma delas uma feição especial, nítida e franca, marcada por officios correlatos ou do mesmo grupo. O problema da orientação na escolha das profissões, a cuja solução se ordenam os cursos anteriores, prevocacionais e vocacionais, procurará, por esta forma, novos elementos subsidiarios de solução na propria experiencia e pesquisa de aluno, cujos horizontes serão alargados nos estagios iniciais, em series de officios correlatos, sem prejuizo de sua especialização final, no officio escolhido entre os do mesmo grupo já conhecidos e tratados.

O PROBLEMA DA FORMAÇÃO DO MAGISTERIO

Mas, não nos iludamos. Todo o sistema de educação, em qualquer de seus

grãos ou de seus aspectos, depende, mais do que de sua organização e de suas instalações, dos professores capazes de aplical-o. O problema de educação é, adjetivamente, um problema de organização e substantivamente, um problema de formação no professorado, em cada uma das funções especializadas ou não, que lhe estejam reservadas, na variedade solidaria das instituições escolares. A Escola Normal da Capital da Republica precisa ser restituída, em instalações condignas, á sua finalidade de instituto destinado á formação propedeutica e profissional dos professores. O que aí está não passa de um ginasio, mal aparelhado, para moças. Ela deve ser reorganizada, com suas escolas de experiencias e aplicação, como um centro de estudos e pesquisas pedagogicas, para ser um viveiro de verdadeiros professores para o ensino primario e desempenhar o papel que lhe cabe, de sentinela sempre alerta da sciencia da educação em progresso constante. E' preciso que esse circulo de formação profissional, em que se apura a alma do educador, se envolva, pela sua organização, uma atmosfera constantemente renovada de idéas e de trabalho experimental que lhe avivem o interesse pelos assuntos de educação, lhe rasquem no espirito aberturas em todas as direções e lhe permitam contribuir, como num laboratorio social e pedagogico sem cessar em evolução, para um continuo aperfeiçoamento dos novos metodos de ensino.

A mesma importancia, com que avulta, na educação primaria, o problema da formação do magisterio, assume o do preparo do professorado tecnico especializado — iman, que atrae a escola — essa sensível agulha magnetica, sempre inquieta e oscilante á procura de sua verdadeira direção. A escola tecnologica de mestres e contramestres, com seu laboratorio de psicotecnica e orientação profissional, é a escola destinada á formação de professores de educação fisica, com seus gabinetes de antropometria pedagogica e com suas escolas de aplicação, constituem uma questão vital, a cuja solução pratica, sem aparato, se acha vinculado o proprio futuro o ensino profissional e da educação fisica, hoje, quasi inteiramente á mercê de auto-

didatas sem preparo scientifico. ou de uma mestrança sem a pratica industrial indispensavel ao trabalho de oficinas... Já vêdes a necessidade e aparelhar o sistema de organização escolar, com esses institutos, de dous fôcos de educadores, que possam trabalhar a argila humana e a materia prima, preparando fisicamente o homem para o trabalho e habilitando-o, pela educação tecnica, ao manejo e ao aproveitamento da natureza pelo trabalho scientificamente orientado nas oficinas industriais.

A HIGIENE ESCOLAR E A HIGIENE FISICA DO ALUNO

E' preciso, por isto, que o Estado que toma a si o encargo da educação, se disponha por medidas eficazes da assistencia social e sanitaria, a vigiar sobre o aluno para que ele se desenvolva com tudo que lhe pode favorecer a saude, conserval-a e preserval-a. Cada aluno deve, na ordem das cousas, transformar-se á sua hora num *fator de produção*: a sua vida é, por assim dizer hipotecada ao Estado, isto é, á comunidade socialmente organizada", de que a familia é parte integrante. Se morre ou se torna esteril por molestia, a sociedade com a qual contraiu uma divida, no periodo de educação, sofre uma perda irreparavel com a morte, ou grave com a redução do rendimento do seu trabalho, com que aumenta, na proporção de sua eficiencia e duração, a riqueza social e economica do Estado. Ora, o desenvolvimento da população escolar, no Distrito Federal, de estreita capacidade de resistencia, quasi sempre forçada pelos estudos e pelo trabalho imenso dos menores sob a pressão das necessidades domesticas, não encontrou ainda, para resguardal-a do exgotamento precoce e do contagio ameaçador, esse conjunto de medidas que vão desde a organização eficiente da inspeção medica e dentaria, da educação fisica em bases scientificas até a preparação do meio favoravel á educação higienica e á assistencia alimentar ás crianças desamparadas.

Esta questão tão importante que basta enunciar para lhe avaliardes o seu alcance, reveste excepcional gravidade, em face

da miseria organica e social da população da maioria das escolas rurais. Eu falo em nome das crianças dos meios rurais e operarios, filhos da rua e da miseria, brotados em lares onde escasseia o pão e sobram as provações e onde o agasalho do corpo e a propria subsistencia não provém do salario certo, mas de expedientes aleatorios. Eu falo em nome dessas crianças enfezadas e anemicas, quasi maltrapilhas, que enchem grande numero de escolas publicas, bem perto do bulicio e do fausto dos grandes centros da cidade, e trazem na tristeza, na tristeza apatica, nas olheiras fundas e no olhar sem brilho, quando não nas escoloses e em toda especie de estigmas, a marca do meio social em que definham, e todos os sinais de uma debilidade congenita agravada pelas taras hereditarias e pela penuria de meios mal-sãos, e oferecida como presa facil á contaminação ambiente. Por menos que pareça, constituem essas pobres creanças, quasi a metade da população em idade escolar, que rumoreja em casarões sombrios em cochicholos infectos, em que a higiene não póde, pela força irremovivel das condições dos predios, passar do papel, e a propria educação fisica se ministra nos saguões dos edificios, nos quintais e em pateos de recreio, impropriados, sujeitos a emanações insalubres, de instalações sanitarias.

Ora, as edificações e intalações escolares adequadas são verdadeiros instrumentos auxiliares de um melhor sistema de profilaxia e de educação. Não é possível sonhar sempre com planos de edificações sumtuosas, com suas galerias internas, á maneira tradicional, com seus balcões floridos e seus terraços soalheiros, abrindo para o recolhimento saudavel dos claustros interiores, para a atrativa frescura dos jardins ou para o verde gramado dos campos de jogos. A situação, agravada pelo abandono completo em que se deixou o problema da instalação condigna das instituições escolares, é seria demais para não nos permitir desfrutar os olhos da triste realidade. Mas é preciso substituir o que ali está, sem condições de salubridade a que deve responder uma arquitetura escolar, por edificações espaçosas e saudaveis ou por singelas e graciosas construções ru-

raís, casas de saúde e de trabalho, batidas de sol, penetradas de luz e de ar, com arvores e pateos, que recebam todos os dias, antes da visita do medico ou do inspetor, a do sol que purifica; em que se restitua ás creanças pobres a alegria de viver e se respire, com o ar livre e penetrante, a primeira lição de higiene e de conforto, emanada de um ambiente educativo de aspectos risonhos e pitorescos.

A educação higienica, e especialmente a educação fisica, na escola primaria, conquistará assim, o meio favoravel á sua applicação nas novas construções escolares aparelhadas de intalações adequadas. A remodelação tecnica do ensino completará a obra que se impõe, instituindo as cantinas escolares, para que os alunos voltem refeitos aos seus trabalhos diarios, as colonias de férias na praia e na montanha, as escolas e classes ao ar livre, para as creanças depauperadas, as classes e escolas para anormais, e um sistema completo de educação fisica, obrigatoria e sistematisada, sobre cujo valor preventivo em relação á saúde não será preciso insistir. O grande problema de inspeção medica e dentario-escolar, encarada em toda a sua amplitude e reorganizado de maneira que seus esforços sejam convergentes, encontrará á sua solução num sistema eficaz de assistencia e profilaxia escolar, definido e articulado, que tenha ao seu serviço, um corpo auxiliar de professoras visitadoras incumbidas de completar a função do medico e o professor, secundar-lhe e intensificar-lhe a ação e estabelecer estreita ligação entre a escola e a familia, para tornar efetiva e vigilante e estender até aos lares, com esclarecimentos e instruções aos pais, a defesa sanitaria das creanças. Pois, nas funções da enfermeira escolar, como observa Batier, "o original é a visita ao lar, — missão ingrata que reclama a fé e o zelo, e para dizer tudo em duas palavras, uma fé ardente. Só a alma feminina pôde encontrar, nos recursos de seu coração, a qualidade de energia imprescindivel a esse papel de missionaria e não se poderia pedir senão a ela lutar a pé firme, corpo a corpo, no seio das familias, contra os focos do contagio".

Mas, não é só pela organização de

meios profilaticos eficazes que a escola deve colaborar na obra da defesa higienica e, portanto, economica das forças vivas do paiz, em plena evolução. Essa inspeção vigilante apanha, no seu raio de ação direta, o nucleo de creanças que, atingida a idade escolar, já se inscreveram nas escolas publicas. E' preciso que a escola procure contribuir, tambem indiretamente, para a formação fisica do povo, preparando, para a sua futura missão na familia, meninas que acolheu. A introdução na escola primaria e em todas as escolas femininas, do ensino de higiene e puericultura, apoiado firmemente sobre a sciencia e dado quanto possivel experimentalmente, constituirá, com as escolas maternais e creches, de preferencia junto ás fabricas, um elemento poderoso de preparação popular das futuras mães. E' ás escolas domesticas, sobretudo, — instituições creadas em proveito da vida de familia, que incumbe especialmente atrair a mulher para as occupações domesticas e contribuir, assim, para a luta contra a mortalidade infantil, pela melhor preparação da mulher para a missão que deve desempenhar aos cuidados e na assistencia higienica das creanças.

A CIVILIZAÇÃO ATUAL E AS NECESSIDADES NACIONAIS

Estes principios que devem inspirar toda a obra de organização escolar, apresentam-se com uma força tão persuasiva que, apesar da orientação moderna que denunciam, talvez vos fique a impressão de velhas verdades, agora, apenas, despertadas. Nem por outra razão teriam os gregos chamado a verdade "aletheia", senão para significarem que a verdade nem sempre é o que reveste carater surpreendente, com seus aspectos inéditos, mas o que, rompendo a crosta da indiferença geral, surge de cousas esquecidas... Cada um dos aspectos dessa questão já deve ter sido, entre vós, abordado, de varias fórmulas, nos meios a que são familiares essas questões do ensino. Mas só de um angulo de observação, que permite e força a visão de conjunto do problema de organização escolar, encarado geralmente ora por um aspecto, ora por outro, se pôde enfrentar

o sistema de educação publica, na sua complexidade e na solidariedade de suas instituições, desde as que constituem elementos essenciais até às instituições, como o cinema e o radio, com que a sciencia acóde constantemente em auxilio á missão do educador, renovando-lhe a eficiencia e a capacidade de ação.

A educação popular, que ainda não passou, entre nós, no Distrito Federal, de uma aspiração platonica, despertada de seus belos sonhos com o pesadelo de legislações intermitentes, confusas e arbitrarías, não póde conservar-se apertada nos moldes estreitos em que a enquadrou a tradição. Já tardou de mais a sua adaptação vigorosa á corrente de idéas da nova civilização em que a sciencia tenta colocar todas as forças da natureza a serviço do homem e em que, portanto, o problema da riqueza é um problema nitidamente scientifico, de educação e de cultura. Adaptada ás exigencias da civilização atual, que arremete todos os paizes entre as pontas desse dilemma: "educar-se ou desaparecer", a educação publica realisará, pela escola do trabalho educativo, a preparação eficaz para o trabalho produtivo, sem esquecer as necessidades especificas de um povo em formação, que exige a sua reforma em bases brasileiras, como força de coesão politica e elemento consolidador de nossa composição tecnica heterogenea, acentuada cada vez mais pelas correntes imigratorias. E' este o alvo em que trazemos postos os olhos, quando pensamos num sistema de educação, vivo e flexivel, concebido como uma obra organica, com um criterio pratico, — idealista e com uma logica sistematização do pensamento moderno e uma consciencia profunda das necessidades nacionais.

* * *

No sentido dessas ideas, o Sr. Prefeito do Distrito Federal, dirigiu ao Conselho Municipal a seguinte mensagem:

"Senhores membros do Conselho Municipal do Distrito Federal:

A situação do ensino municipal está muito longe de corresponder ao gráo de cultura da capital da Republica. Ao assumir o cargo de prefeito, com que me honrou a confiança do eminente sr. presiden-

te da Republica, um dos problemas que logo se me afiguraram de solução urgente, foi o da reforma dos serviços da Diretoria de Instrução, sobre cuja desorganização prestaram um depoimento sincero e criterioso os dois ultimos diretores.

Uma legislação difusa e fragmentaria, como a que possuímos, sem unidade e sem diretriz, desorienta o administrador que não póde encontrar em muitas dezenas de pequenas leis, que se atropelam e se contradizem, o espirito de coordenação dispensavel a qualquer sistema de organização escolar. Sem um código integro, dentro do qual estejam bem estipulados os deveres e os direitos de cada um e delineada uma orientação pedagogica e social, para a qual todas as instruções convirjam, ou da qual todas derivem, não é possivel obter de um aparelho escolar nenhum proveito pratico.

As leis forjadas sem espirito de síntese e sem convergencia para um idéal educativo, tornam-se sempre, em vez de uteis, nocivas á coletividade. Por elas se criam serviços e instituições parasitarias, que sobrecarregam a maquina administrativa e entorpecem a obra social de educação.

Imbuído destes principios, que certamente serão também os vossos, cumpro o dever de vos pedir a devida autorização para remodelar o ensino primario, normal e tecnico profissional, dentro das seguintes bases:

1.^a — reorganizar o ensino infantil (Jardim de Infancia) e o ensino primario com rigoroso criterio pedagogico, espirito claro de finalidade social e carater eminentemente popular;

2.^a — reduzir o ensino primario, para lhe dar maior extensão, a cinco annos de curso, gratuito e obrigatorio, dos quais o ultimo constituirá um curso prevocacional;

3.^a — anexar cursos primarios complementares, vocacionais, de 2 annos, ás escolas normais, profissionais e domesticas;

4.^a — reformar o ensino normal com um plano de estudos integralmente subordinado á sua finalidade de estabelecimento de ensino preposto á formação de professores, de acódo com o duplo principio:

a) da divisão do curso em geral ou propedeutico e especial ou profissional ;

b) do maior desenvolvimento do ensino pratico e experimental, para que possam transformar-se a Escola Normal em um centro de orientação e de pesquisas pedagogicas ;

5.^a — Criar uma Escola Normal Rural, cujo plano de estudo se acomode dentro da finalidade propria da instituição, ás peculiaridades da zona a que tem de servir ;

6.^a — anexar a cada uma das escolas normais, sob direção unica, um Jardim da Infancia e uma Escola de Aplicação, para aprendizagem do aluno mestre ;

7.^a — reorganizar a inspeção do ensino publico e privado :

a) definindo serviços e precisando atribuições ;

b) determinando a extensão e a interdependência das funções tecnicas e fiscaes ;

c) distribuindo serviços no sentido de sua maior eficiencia e de acôrdo com o critério da divisão do trabalho ;

d) e visando, além da organização tecnica, em bases solidas, a defesa e formação do espirito nacional ;

8.^a — remodelar o ensino tecnico profissional, teorico e pratico, de modo que sirva eficazmente ao fim que deve ter, de :

a) ministrar o conhecimento e a pratica de um officio ;

b) elevar o nivel intelectual e moral do operario ;

c) despertar e desenvolver-lhe a consciencia de suas responsabilidades, como a consciencia das bases scientificas e da significação social de sua arte ;

d) alargar-lhe a visão tecnica e artistica ;

e) aperfeiçoar-lhe a tecnica no sentido de maior rendimento do trabalho ;

f) e transformal-o, por esta maneira, num elemento de progresso tecnico nas officinas e industrias nacionais ;

9.^a — reorganizar as escolas, institutos profissionais, masculinos e femininos, de maneira que sejam sempre respeitadas as necessidades do meio e as atividades industriais, dominantes e nelas se agrupem

officios afins, dentro de um plano especializado, com objetivos precisos.

10.^a — criar institutos profissionais reclamados pelas necessidades do meio e escolas domesticas para serem instaladas onde e quando melhor convier ;

11.^a — reorganizar as atuais escolas noturnas com objetivos de as transformar em cursos populares noturnos efficientes, localizados onde os impuzeram as necessidades comerciais e for mais densa a população proletaria e agricola ;

12.^a — estabelecer meios tendentes ao desenvolvimento sistematico da musica e canto coral nas escolas publicas ;

13.^a — instituir, em organização eficaz, a educação fisica, nas escolas publicas, dentro de orientação e bases scientificas ;

14.^a — estabelecer as medidas essenciais á organização e desenvolvimento da educação fisica, como entre outras, a escola destinada á formação de professorado especializado ;

15.^a — reorganizar os serviços de inspeção e assistencia medica e dentaria escolar, sistematizado num plano completo de policlinica escolar ;

16.^a — reformar e crear instituições de higiene e assistencia social como escolas ao ar livre, colonias de férias e escolas maternais e creches, estas preferivelmente junto ás fabricas ;

17.^a — reformar, estabelecer e regular as instituições de assistencia social escolar, alimentar e sanitaria ;

18.^a — prover sobre as edificações e instalações escolares ;

19.^a — crear escolas para educação de anormais, dentro dos principios modernos e de estreita colaboração medico-pedagogica para o estudo e solução das questões de anormalidade ;

20.^a — estabelecer instituições e medidas educativas como o intercambio inter-estadual e internacional escolar, que sirvam ao fim de cultivar as relações pedagogicas com todos os Estados da União e desenvolver o sentimento de solidariedade humana ;

21.^a — instituir um conjunto de medidas de adoção efetiva de instituições auxiliares de ensino, como museus e bibliotecas, cinema escolar e radio, e escotismo ;

22.^a — regular as relações entre a administração e os funcionarios docentes e administrativos do ensino, definindo-lhes os direitos, deveres e atribuições ;

23.^a — remodelar a Diretoria Geral da Instrução Publica, creando as seções impostas pelas necessidades da administração e do ensino ;

24.^a — estabelecer rigorosa articulação entre as diversas instituições e aparelhos do ensino, assistencia e educação ;

25.^a — estabelecer as disposições e medidas necessarias á reintegração do ensino, em todos os seus grãos e aspectos, num plano unico e integral de educação publica ;

26.^a — substituir o atual regimen de classes de professores por um regimen mais equitativo e conforme as necessidades e os interesses do ensino ;

27.^a — extinguir, respeitados os direitos adquiridos, instituições e cargos que se tornem desnecessarios e crear os que forem impostos pela nova organização ;

28.^a — fixar vencimentos para os novos cargos, e, quanto aos atuais, rever a tabela com o fim de melhorar e quanto possivel equiparar, dentro do criterio da hierarquia, vencimentos de cargos identicos ou equivalentes.

Como vêdes, procuro nessas bases articular entré si as varias peças do nosso aparelho pedagogico e estabelecer entre este e o nosso meio social uma concordancia efetiva, que hoje não existe e de cuja falta se resentem todas as instituições escolares, mas, ao mesmo tempo que procuro reorganizar as escolas publicas, dentro de uma finalidade social, viso tornar a sua ação mais eficaz e mais intensa com a adaptação de todo o sistema escolar ás idéas modernas da educação, profundamente renovada, como sabeis, tanto nos seus objetivos, como nos seus meios.

E' meu proposito, em suma, fundar a escola do trabalho educativo e profissional, em que o brasileiro seja educado para constituir um elemento util á coletividade, animado de espirito de disciplina e co-operação, e, ao mesmo tempo, uma individualidade autonoma, armado, eficazmente para a vida, com habitos e instrumentos de trabalho. Peço-vos, ainda, autorização para abrir, para execução da reforma nas

bases expostas, o credito inicial de dois mil contos de réis, em que não está incluído o que oportunamente se tornar necessario para melhorar a situação economica dos funcionarios docentes e administrativos do ensino, de acôrdo com o plano, em estudos, de revisão geral dos vencimentos dos funcionarios municipais.

Esperando que me honreis com a vossa confiança, posso assegurar-vos que dela me utilizarei para dotar o Distrito Federal de um codigo de ensino á altura de suas exigencias e de sua civilização.

* * *

Ouvido pelo "O Jornal" o Sr. Fernando de Azevedo assim resumiu as suas idéas:

AS IDÉAS DO DIRETOR DE INSTRUÇÃO

As idéas gerais do sr. Fernando de Azevedo são já bastante conhecidas, tanto têm sido divulgadas em entrevistas e discursos. Procurado por um redator do "O Jornal", o diretor da instrução, que deveria embarcar para S. Paulo uma hora depois, excusou-se de recordal-as, preferindo aproveitar o tempo para ferir diretamente o assunto, de maneira pratica, nos seus pontos capitais. E sem demora, com o relógio na mão, explicou :

— "Tres foram os principios fundamentais que inspiraram a nossa orientação neste empenho em remodelar o ensino :

1.^o — Extensão de ensino: realizar a escola extensa, isto é estender o ensino a toda a população em idade escolar.

2.^o — Organizar a articulação de peças que funcionam isoladas, algumas das quais inter-dependentes pela sua propria natureza, e realizar assim a integração completa e rigorosa de todas as instituições escolares num plano unico e sistematico de educação publica.

3.^o — Adaptar o nosso sistema escolar — se é que isso se póde chamar sistema — ao meio social e ás idéas modernas de educação, segundo as quais a escola deve ser não a "escola-teorica", mas de conformidade com a "escola-ativa" ou "escola do trabalho", denominada tambem "escola da comunidade", e que os alunos devem ser prepa-

rados para a vida social e para o trabalho produtivo com o espirito moderno da solidariedade."

FINALIDADE DA ESCOLA

O sr. Fernando de Azevedo tinha tocado aí um ponto extremamente delicado: o da finalidade social da escola. E, como lhe perguntássemos qual, na sua opinião, devia ser essa finalidade, repondeu-nos com uma larga e interessante dissertação doutrinaria sobre a função da escola no organismo da sociedade. Depois, resumindo o seu pensamento, reduziu-o á seguinte fórmula capaz de ser apreendida facilmente por qualquer pessoa:

— "A escola deve ser uma instituição social rigorosamente enquadrada no sistema social geral a que ela tenha de servir, não apenas como aparelho de reflexão do meio, mas como elemento dinamico e reformador capaz de contribuir eficazmente na obra da transformação social".

ADAPTAÇÃO AO MEIO

—A "escola, por isso, amoldada á sociedade a que serve — continuou o sr. Fernando de Azevedo — deve ter o contacto mais vivo com a familia, que é a célula social, e ainda mais, com todas as instituições sociais que podem sofrer as suas influencias ou exercer sobre ela uma ação benéfica, permutando serviços.

Como a sociedade não é homogênea e no Distrito Federal, pequeno como é, se distinguem tres meios sociais bem caracterizados, a escola deve adaptar-se a esses meios e ás suas singularidades regionais, tomando o caráter agrícola na zona rural, tendendo a desenvolver o gosto e a atividade da pesca na zona marítima e procurando, em oficinas de pequenas indústrias despertar o amor á vida operaria e industrial nos grandes centros urbanos.

O que é preciso é evitar que a escola pública seja um elemento deslocador de populações: ela deve, ao contrario, contribuir para enraizar o operario aos meios fabris, o homem do campo ao meio rural e o filho do pescador ás praias em que se criou e se educou".

A ESCOLA E A FAMILIA

Voltando a um ponto ferido de leve anteriormente, o sr. Fernando de Azevedo fez as seguintes ponderações sobre a necessidade de uma colaboração entre o professor e a familia:

— "A escola tem vivido no Brasil geralmente sem outra ligação com a familia, a não ser o ligeiro contacto com os pais que intervêm nos incidentes da vida escolar. Em regra, eles se desinteressam quasi sempre da vida normal da escola, desde que, tendo matriculado os filhos supõem que nada mais têm de fazer senão deixar que compareçam todos os dias á aula. É preciso, pois, não sómente interessal-os pela vida escolar no seu curso comum, como também projetar a influencia da escola sobre familia. Como? Isto se obtém com as reuniões de pais e professores (exemplo: para conselhos ás mães, etc.) e, ainda, por meio das professoras ou, melhor, enfermeiras visitantes, incumbidas de levar ao seio das familias pobres, nos meios rurais, operarios e marítimos, esclarecimentos e instruções que possam concorrer para tornar mais intensa e eficaz a educação sanitaria das crianças".

ENSINO PRIMARIO E ENSINO PROFISSIONAL

A maneira pratica de transformar a atual escola primaria, organizada sem finalidade precisa, em escola do novo tipo denominado "escola do trabalho", devia ter sido objeto de larga meditação, porque, do contrario, haveria forçosamente, na applicação de reforma, dificuldades enormes que poderiam talvez perturbar durante muito tempo as possibilidades da sua eficiencia.

Exposto o nosso receio, o sr. Fernando de Azevedo esclareceu o caso:

— A sua duvida provém de parecer que se pretenda transformar as atuais escolas primarias em escolas profissionais. Nada mais absurdo. O que se quer com a "escola de trabalho", é desenvolver na vida em comunidade hábitos de trabalho que o aluno adquiere educando-se para trabalhar. Tudo que se ensinar deve ser pelo

trabalho, pela atividade em pequenas oficinas onde se desenvolva, além da consciência da necessidade do esforço, o espírito de cooperação, sem o qual, quando não se anulem, perdem a sua eficacia os esforços individuais.

Não se trata de dar pela escola primaria um officio, mas de despertar o gosto para os officios predominantes no meio, encaminhar o aluno para esses officios e collocar-o em condições de melhor exercer aqueles em que tiver de especializar-se, de acôrdo com as suas aptidões, nas escolas profissionais. A "escola do trabalho educativo", por meio dos cursos prevocacionais e vocacionais, abrirá caminho para as escolas do trabalho profissional. Só assim desaparecerá esse iáto com que se separam as duas grandes instituições do ensino primario e do ensino profissional que devem funcionar rigorosamente articuladas como duas peças, que são da mesma engrenagem".

PREPARO DO PESSOAL

Observámos, nessa altura, ao diretor da Instrução que, necessariamente, uma reforma tão radical nos metodos do ensino exigiria tambem um pessoal preparado de acôrdo com as novas diretrizes pedagogicas.

— De fato, concordou o sr. Fernando de Azevedo. Mas, por isso mesmo, o ensino normal sofrerá completa remodelação no mesmo sentido. O preparo do magisterio é uma das maiores preocupações da atual administração, embora esteja provado que o atual corpo de professores cariocas, pela sua extraordinaria capacidade de adaptação, poderá, com um pequeno esforço, executar eficientemente os futuros programas. Mas para que os futuros professores sejam completos, a reforma, antes de tudo, cuida do seu preparo tecnico, procurando realizal-os da fórma mais pratica possivel.

A Escola Normal será transformada num verdadeiro instituto destinado á formação profissional do professor, centro de experiencias e investigações pedagogicas com gabinetes de pedagogia e psicologia experimental e campos de aplicação que serão as escolas anexas.

Mas, para o meio rural e maritimo, o ideal seria que o professor primario fosse das proprias zonas e nelas residisse de sorte que uma outra Escola Normal conviría ser localizada, por exemplo, em Campo Grande. Essa Escola Normal Rural, afeiçoada ao plano da primeira ou urbana, sofrerá, entretanto na sua organização, as modificações impostas pelas exigencias do meio; a quimica agricola, a contabilidade agricola, a profilaxia rural, são materias indispensaveis no quadro das suas disciplinas. E' certo que a eficiencia pratica desses estudos depende da existencia dos indispensaveis hortos ou campos de experiencias agricolas.

Não é menos importante, com referencia á formação do professorado — continuou o sr. Fernando de Azevedo — a questão do magisterio especializado e da mestrança profissional.

A criação de uma escola tecnologica de mestres e contra-mestres e a de uma escola profissional de educação fisica constituem as soluções desses dois problemas".

ENSINO TECNICO PROFISSIONAL

O diretor da Instrução proseguiu, resumindo o seu pensamento quanto á especialização :

— A eficiencia do ensino tecnico profissional depende das seguintes condições:

1.^a — Articulação, como já disse, do ensino primario com o profissional. Não podem os cursos profissionais dar qualquer resultado enquanto continuarem a receber, como recebem, alunos analfabetos ou apenas alfabetizados.

2.^a — Adaptação das escolas profissionais ás atividades dominantes do meio em que estiverem instaladas. E' preciso que estejam dentro das industrias organizadas do Distrito Federal; no caso contrario, seriam estabelecimentos puramente artificiais.

3.^a — Definição da sua finalidade. Hoje, nas nossas escolas profissionais, ensinam-se officios sem correlação alguma. Cada escola profissional deve ter um objetivo preciso. Assim, a escola "Visconde de Mauá" seria, por exemplo, uma escola

profissional agricola; a escola "Visconde de Cayrú" uma escola profissional de madeira, madeira artistica e anexas; a escola "Souza Aguiar" seria uma escola de construções metalicas; o Instituto "João Alfredo" tomaria o carater de instituto eletro-tecnico e mecanico. Só a escola "Alvaro Baptista" tem — mas sómente no papel — um carater preciso: escola de artes graficas.

Além dessas, será preciso criar ainda, quando e onde convier, mais as seguintes: escola profissional mecanica, escola profissional de construção para formação de operarios — frentistas, estucadores, cauteiros, marceneiros, pintores e decoradores — escola profissional de pesca em Guaratiba, e, por fim, escola profissional de commercio; em que será transformada a Escola de Aperfeiçoamento.

4.^a — A formação da mestrança. Os mestres e contra-mestres, quando bons, são tirados hoje dos meios industriais onde exercem atividade empirica não sómente sem quaisquer conhecimentos scientificos, como ainda sem nenhuma orientação pedagogica. E' preciso, por isso, preparar mestres que entendam do officio que devam ensinar como também saibam ensinar esse officio. Uma escola de mestres e contra-mestres deverá ter gabinete anexo de psicho-técnica e orientação profissional, com um museu tecnologico e um laboratorio de higiene industrial".

Tais são, em rapido esboço, os principais propositos da Diretoria da Instrução com a projetada reforma do ensino municipal.

Como o Sr. Alvaro Rodrigues, inspetor de ensino profissional, encara a orientação do Sr. Fernando de Azevedo :

O OBJETIVO DA EDUCAÇÃO PRIMARIA

— "Uma reforma séria na educação primaria do brasileiro — assentou, de inicio, o inspector Alvaro Rodrigues — deve ter por escopo principal, por ponto central — predispor as circunstancias para um sistema de ensino popular em que o espirito do aluno não seja tolhido no seu

desenvolvimento pelas lições mecanicas do mestre. E' preciso, em primeiro lugar, identificar o estudo com o trabalho educativo, de tal modo que a sociedade brasileira não se divida mais em duas castas, uma que só estuda e quasi nada produz e outra que só trabalha, mas á mingua de conhecimentos não progride nem lucra.

E isto só se conseguirá, esboçando em lei os metodos de ensino, que conduzem a tal resultado.

Em segundo, modernizando-se o plano de estudos, de sorte que a educação tenha uma finalidade de acôrdo com a pedagogia moderna, pelo cultivo da individualidade imaginativa e representativa do aluno; pelo desenvolvimento de sua potencia de invenção e de critica, dando-se-lhe, ao mesmo tempo, qualidade de energia e tenacidade, que o habilitem a receber depois uma educação profissional, capaz de impulsionar sua iniciativa".

PEDAGOGIA RACIONAL

O metodo deve ser natural, simples e pratico, pelo exercicio racional das faculdades com o esforço orientado pela inteligencia.

A justificativa, na palavra do sr. Alvaro Rodrigues, torna-se originalmente clara e accessivel a qualquer pessoa, com a seguinte comparação de que vae ser deduzido o principio basico da pedagogia racional :

— "As faculdades aprimoram-se no aluno como se desenvolveram na especie humana, por meio de pesquisas, experiencias e realizações.

Ha apenas uma diferença entre o processo historico da civilização e o processo escolar da educação. E' a vantagem que o adeantado gráo de desenvolvimento humano proporciona a este, hoje, condensando os conhecimentos adquiridos e acumulados por seculos.

Logo, deve-se educar o aluno como a natureza educou o genero humano.

Eis o principio, a lei, a sciencia de toda a pedagogia racional, que é a escola do trabalho.

Pestalozzi no seu belo livro "Comment Gertrudes instruit ses enfants" avança

mais, a esse respeito, dizendo "que a educação seja qual fôr a importancia da sua tarefa, seja qual fôr a audacia, com que se haja no despir-nos da condição e, até, das prerogativas da animalidade, nem por isso é menos incapaz e acrescentar um atomo á essência do processo, mediante o qual a nossa especie se elevou de intuições confusas a noções precisas."

PROCESSOS ANTI-NATURAIS

Exposta, de maneira geral, a visão teórica da pedagogia moderna, o sr. Alvaro Rodrigues passou a aplicar o principio ao ensino municipal, na organização existente, e verificando que a Instrução Publica, por sua organização e por seus processos, é contraria ás indicações da natureza "pois presereve o mais puro verbalismo e educa por metodos completamente artificiais". E, depois de a taxa de "cruciante chaga na vida nacional, por ser ministrada na Capital da Republica", entrou a examinar os propositos do sr. Fernandes de Azevedo :

— "Pelas bases delineadas pelo diretor da Instrução Publica, virifica-se que é o seu maior objetivo a abolição dos metodos antiquados, os sucedaneos da antiga "escola-regia", infelizmente mantidas ainda nos estabelecimentos publicos escolares do Distrito Federal."

VERDADEIRA EDUCAÇÃO

E proseguiu :

— "E' o advento da verdadeira educação, que é a que ensina a "fazer" — "fazendo" a unica que póde preparar o brasileiro para as carreiras praticas onde o homem discrimina, combina e domina as fontes naturais da nossa riqueza economica.

Com clarividencia e descortino estabeleceu ele as bases para a criação de cursos pre-vocacionais nas escolas primarias e vocacionais, nas complementares, pontos capitais de seu grande plano educativo.

Isso importa na educação do aluno pelo principio da atividade pessoal, que vae desde o "Kindergarten", na educação dos sentidos, como instrumento fundamental

da educação humana, até a seleção da capacidade ("Begabten Schulen", no ultimo anno do curso complementar.

Selecionada a capacidade, reconhecida a aptidão, era mistér encaminhar o aluno para uma profissão.

As escolas e institutos profissionais têm que ser o coroamento da educação popular e o fator principal do desenvolvimento economico da nossa Capital."

O PONTO CULMINANTE DO SISTEMA PROPOSTO

— "O sistema educativo proposto pelas bases apresentadas ao Conselho Municipal, — continuou o inspetor — completa-se com a reforma desses estabelecimentos, idealizada e definida nos 8º, 9º e 10º itens da mensagem. Sistema solido e completo de organização pedagogica tem o seu ponto culminante no ensino tecnico-profissional. Com uma orietanção clara e certa as bases para a reorganização do ensino tecnico profissional, numa admiravel sintese, articulam e prendem as escolas profissionais ás escolas primarias e resolvem os mais importantes problemas da formação do obreiro nacional".

O PRECONCEITO SOCIAL

"Problemas que foram não só fatores do despovoamento de nossas escolas profissionais e de sua pouca eficiencia, tais como o preconceito social, que afasta os estudantes brasileiros, em grande massa, dos trabalhos manuais recrutando-os para o bacharelismo e que vem sendo o mais forte entrave ao desenvolvimento de nossas escolas: a má localização desses estabelecimentos por não atenderem ás necessidades do meio, ambiente e ás atividades industriais, agrícolas e comerciais nela predominantes e finalmente a falta de adoção de um plano que especializasse as escolas por materia prima, com objetivos precisos, estão agora resolvidos.

O pauperismo dos alunos, que é atualmente o maior flagelo desses estabelecimentos, será atenuado e quiçá extinto pela produção intensa, sem prejuizo de sua finalidade educacional, com o estabelecimento

dum salario nos ultimos anos do curso, o que é indicado nas bases pelo agrupamento de officios afins.

Essa excelente orientação irá até instituir-se o contacto de aprendizagem profissional, de sorte a melhor garantir a permanencia do aluno durante todo o curso, a exemplo do que se faz na Suissa e na França."

O CONCEITO DA ESCOLA MODERNA

Recordando e esposando as palavras do sr. Fernando de Azevedo sobre a finalidade pratica da escola moderna, na entrevista concedida a *O Jornal*, o sr. Alvaro Rodrigues apresentou novamente a questão e a formulou nos seguintes termos :

— "A escola moderna é um laboratorio, uma officina modelo, onde professores e discipulos, como verdadeiros operarios e aprendizes não têm por occupação consumir idéas, porém executal-as. E uns e outros não labutam pelo seu bem estar e progresso, não produzem apenas para seu proprio consumo e sim para o bem estar geral, de sorte que cada conhecimento novo é um serviço publico franco e desinteressado.

Em nenhum outro plano de reforma integral do brasileiro foi esse conceito de escola moderna tão bem caracterizado, definido, e orientado, quer ela se chame "jardim de infancia, primaria — pre-vocacional, complementar vocacional, profissional ou normal", como nas bases enviadas ao Conselho Municipal pelo governador da cidade, dr. Antonio Prado Junior".

A UNIDADE DO SISTEMA

A palavra tomou aí um rumo diferente. Veio á discussão a necessidade de harmonia integral que deve ter todo plano de organização, seja ele de ensino ou de qualquer outro serviço publico.

Quanto ao ensino, sobretudo, o seu organismo, composto de peças varias que se completam, é um todo que precisa satisfazer á condição da mais rigorosa unidade.

Porque, do contrario o aparelho não po-

derá funcionar com a precisão necessaria: o desacordo de órgãos mal articulados, em movimentos sem correlação, criará fatalmente atritos e resistências, perturbando impedindo, anulando a marcha regular e o rendimento útil do sistema.

— "Mas — esclareceu prontamente o sr. Alvaro Rodrigues — a orientação pedagogica resalta nas bases da reforma com unidade de vista perfeita e admiravel."

E concluiu :

— "Tudo se ajusta nos menores detalhes, tudo se equilibra nessa grande obra educacional, da qual a espinha dorsal é o metodo moderno de ensino, que colocará o brasileiro no meio em que ele vae viver. Cada elo dessa cadeia tem a sua finalidade propria, que consulta ao aluno, á familia e á sociedade.

Ninguém, de bôa-fé, poderá regatear os maiores aplausos a esse esforço, formidavel e harmonico, de estudo, descortino e patriotismo do eminente diretor geral da Instrução, dr. Fernando de Azevedo, que assim iniciará uma verdadeira reforma social, da qual surgirá o Brasil de amanhã, rico e feliz pelo trabalho inteligente de seus filhos."

Para captar a atenção da criança ao iniciar o tirocinio escolar, só ha um recurso logico — despertar a curiosidade immediata, fazer o ensino interessante.

A Escola Primaria tem por função ensinar a todos tudo aquilo que todo individuo precisa saber para viver como ser humano social, qualquar que seja a sua situação pessoal e o seu destino possivel.

A "questão da memoria", na Pedagogia, apresenta-se não somente como a de uma função a cultivar, mas, principalmente, como a de um juizo a evitar: a de que a instrução degenere em pura memorisação de palavras e formulas. *M. Bomfim.*

A Escola Nacional, numa democracia como a nossa, deve ser a escola do trabalho.

J. Ferry.

Da historia alagoana

—Trechos de um livro escolar “Alma das Alagôas”—

(CRAVEIRO COSTA)

PALMARES

O sitio, como ponto strategico, não podia ser melhor. A 30 leguas da costa, entre o rio Mundaú e o riacho Jundiá, ao sudoeste da actual cidade de União, pela encosta oriental da serra Barriga, longe, bem afastados dos centros povoados, onde viviam a vida miseravel do cativo, milhares de negros estabeleceram uma republica, abrigando-se á liberdade das tradições e costumes natais.

O asilo sertanejo, que o direito de viver livremente buscara naquella região, offerecia aos fugitivos uma topografia que lhes trazia a recordação saudosa da terra africana. Primeiro, poucos, dizem que talvez 40, foram os que ali se refugiaram, furtando-se aos açoites e aos rudes trabalhos dos engenhos e fazendas dos arredores. Foram esses os fundadores da republica. Levantaram os quilombos, entregaram-se á indolencia — legitima reacção do muito que trabalharam sob a tortura do azourrage. Os imensos palmeirais dos arredores forneciam-lhes o alimento. A crueza natural do homem barbaro levava-os á rapinagem e a depredações pelos povoados circunvisinhos. Tornaram-se temiveis.

A anormalidade trazida á vida laboriosa da capitania pela invasão holandeza e consequente estado de guerra permanente favoreceu a fuga de muitos outros, centenas, que, aproveitando-se da confusão geral reuniram-se aos primeiros fugitivos. A população dos mocambos, pouco a pouco,

avultou. Juntaram-se depois pardos e mestiços em grande numero.

Acusam-nos de rapto de mulheres das cercanias, que foram, talvez, as sabinas da republica negra.

Seguros do seu asilo nas montanhas das palmeiras, crescendo sempre a população, a necessidade do trabalho impoz-se naturalmente. E entregaram-se aos labores da agricultura. Estabeleceram a autoridade e com ella formou-se o imperio da disciplina. O chefe do governo, denominado “zumbi” era eleito e vitalicio. A sua autoridade exercia-se, na administração civil, por intermedio de ministros, e na jurisdição militar por cabos de guerra. Cuidaram seriamente da defeza colectiva, fundando uma cidadela, defendida solidamente por uma triplíce palissada, cada qual com uma porta sob a guarda e vigilancia continua de 200 homens, reforçada a simples suspeita de uma aggressão.

Por fóra da cidadela ficavam as lavouras a perderem-se no raio visual, os pomares frutificando abundantemente e, de permeio, os mocambos que defendiam as plantações. A população formigava, na cidadela e arredores, diligente e cauta. Já não depredavam as propriedades visinhas, ao contrario, entretinham com ellas um commercio regular, permutando os seus productos agricolas pelas véstes, pelas armas, pelas munições e instrumentos de trabalho que careciam.

A obediencia á autoridade suavizou os costumes e abrandou os instintos da comunidade. Socialmente, a republica punia

severamente o homicídio, o roubo, o adultério. O fetixismo africano misturara-se com o catolicismo e uma nova crença estabeleceu o espirito religioso.

Durante o dominio holandez a população atingiu a muitos milhares, cerca de 20.000, dizem, contavam-se por ocasião da extinção da republica. A liberdade cimentara-se pela anormalidade da vida administrativa e economica da capitania.

Tentou-se, varias vezes, a destruição dos quilombos, mas todas as investidas esbararam ante a formidavel resistencia dos negros, agora, mais do que nunca, ciosos da sua liberdade.

Sob o governo de Caetano de Melo e Castro, cessado o dominio holandez, restabelecida a vida regular da capitania, resolveu-se, a pedido das populações circunvisinhas, dar combate decisivo aos Palmares. Vieram 1.000 homens de milicias paulistas, comandados por Domingos Jorge Velho. Travou-se uma luta feroz e os paulistas, derrotados, recolheram-se a Porto Calvo. Para ali, então, seguiram reforços — 3.000 soldados de Olinda, Recife e outras povoações; 1.500 homens de Alagoas, Penedo, S. Miguel e Santa Luzia e mais as forças do alcaide-mór de Porto Calvo, Cristovam Lins, as do capitão Rodrigo de Barros Pimentel e as do mestre de campo Cristovam da Rocha Barboza; ainda juntaram-se os voluntarios de Bernardo Vieira de Melo. E toda essa tropa marchou contra a republica dos Palmares. Os combates que se travaram foram medonhos.

A liberdade, dadiva de Deus, o homem de todas as condições sociais, em todos os tempos, sempre defendeu com encarniçamento, porque nada se lhe compara sobre a terra. E a republica defendia a sua liberdade. A resistencia foi tão vigorosa que Vieira de Melo reclamou ao governa-

dor a vinda de artilharia e 6 canhões guardados por 200 homens foram em socorro do exercito periclitante.

O cerco durava já dois mezes, quando de Alagoas vieram novos reforços. Eram carros e carros com armas e viveres que chegavam escoltados por centenas de combatentes novos.

Do alto, os negros viram o socorro. O cerco, com esse auxilio, foi apertado ainda mais. Houve a escalada da primeira trincheira, que o inimigo transpôz. A segunda foi tomada. Tentaram-no com impetuosidade. A fortaleza resistiu heroicamente, mas o exercito transpôz o ultimo impecilho. Era o cativo para os vencidos, após 64 annos de liberdade, que tantos contava de existencia a republica. Os seus fundadores haviam morrido livres; livres eram os seus filhos, os seus netos. A submissão era a perda desse patrimonio inestimavel. E ninguem, da cidadela, se submeteu.

Quando a transposição da ultima estacada decidiu a vitoria, o "zumbi", á frente dos defensores da republica, correu para o ponto mais alto da montanha e, sublime no seu sacrificio, de lá precipitou-se acompanhado pelos que o seguiam. Milhares de corpos rolaram pelas escarpas da montanha, num suicidio em massa, que só um alto sentimento da liberdade justificava.

Estacaram os invasores, assombrados ante a sublimidade daquela loucura coletiva. Mas milhares de negros erravam ainda pelos campos. Fez-se então uma caçada feroz. Quasi todos foram apanhados, a mão e a laço. Conduzidos para o centro do exercito, centenas se deixaram morrer de fome. Centenas de mãis mataram os filhos, no delirio daquele imenso infortunio.

O suicidio libertou definitivamente

milhares de negros. Os que ficaram vivos foram vendidos para longe. As terras dos Palmares, divididas em lotes, foram dadas em sesmarias aos capitães vencedores.

E', na historia da humanidade, o maior protesto contra a escravidão.

A COMARCA

Durou cerca de trinta anos o dominio holandez. O estado de guerra em que viveu durante esses tres decenios a capitania, retardou consideravelmente o desenvolvimento do interior, e, ao findar a luta, o territorio alagoano contava apenas tres nucleos de população mais ou menos permanente — Penedo, Alagoas e Porto Calvo. Outros povoados, porém, iam crescendo lentamente — S. Miguel, Santa Luzia, Atalaia, Maceió, Anadia e outros, bem poucos, centros das industrias assucreira e pastoril.

O grosso da população era escravo — escravos pretos, vindos da Africa, e escravos bronzeados, que os colonizadores encontraram senhores da terra, principalmente aqueles que, pela sua natural docilidade, mais facilmente se acomodaram ao flagicio da sorte miseranda que se lhes deparara no Brasil. Na escravaria repousava a vida economica desta parte da capitania, como de toda a colonia — base bem precaria de progresso. Porque o progresso só é possivel onde ha liberdade e onde a inteligencia domina.

A inteligencia que dominava era a dos senhores da terra, dos latifundios de matas virgens, com pequenas áreas descampadas para o cultivo da cana, da mandioca, dos cereaes; para a habitação aparatosa senhorial; para o galpão do engenho; para a senzala; para as casas da gente melhor, da intimidade e confiança do senhor. E essa inteligencia quasi que ras-tejava pela da escravaria ignara...

A accumulção de cabedais vultosos, do

oiro e da prata amoedados com a effigie d'el-rei vosso senhor, vindos de Portugal em troca do assucar que os negros faziam sob ação do chicote, era o fito geral, a razão predominante nos espiritos para sustentação da vida desconfortada na terra ainda hostile. A moral, era a moral do tempo, permitindo e sancionando os attentados á vida, á propriedade, á honra, quando perpetrados pelos mais fortes. Mais valia quem mais tinha nas arcas, nos celeiros e nas senzalas, ou quem, pela força, ganhava o respeito de todos sob o imperio do bacamarte.

Poucos sabiam ler e escrever e os que sabiam e pretendiam viver do que podiam ensinar eram olhados com desdem. A educação da inteligencia era coisa secundaria e os que queriam aprimoral-a só o faziam em Portugal. Para as mulheres a instrução era tida como grande perigo, de que os pais circunspetos, cautelosamente, precatavam as filhas.

Duros tempos, esses, tempos máos !

Depois da "guerra dos mascates", que terminou em 1711, Alagoas, nesse mesmo anno, foi elevada á categoria de comarca, desligando-se da obediencia ás autoridades judiciarias do Recife. Foi um grande passo, o primeiro que se dava para a autonomia administrativa, que só se verificou um seculo depois.

O seu primeiro ouvidor, José de Acunha Soares, era um grande carater, um juiz integro. Peitaram-no com tres mil cruzados para, com os ouvidores de Olinda e Paraíba, condemnar á morte os cabeças da "guerra dos mascates". Negou-se, nobremente, á infamia : Não mancharia a sua toga com um julgamento contrario á sua consciencia e obtido pelo oiro. Na balança da sua justiça não pezava o dinheiro.

O gesto do juiz era de pasmar á moral da epoca.

Da fundação da comarca á emancipação politica, 18 ouvidores serviram em Alagoas. Do austero José de Acunha Soraes, o primeiro, ao intrepido Antonio José Ferreira Batalha, dos ultimos, foram cem dilatados anos.

Bons juizes uns, juizes regulares outros, máos juizes, decerto, alguns, os que mais pezaram sobre o póvo, porque um máo juiz é sempre um pezo enorme, um flagelo.

NA AURORA DA EMANCIPAÇÃO

Sebastião Francisco de Melo e Povoas, foi o primeiro governador da capitania. A 27 de dezembro de 1819 desembarcava no porto de Jaraguá e a 23 de janeiro do ano seguinte, solenemente, perante o Senado da Camara da comarca, empossava-se nas suas altas funções.

Maceió, vila de recente data, foi escolhida para séde do governo. Aí, num sobradinho, passou a residir o governador e capitão-general. Vila insignificante, ha cem annos passados, oriunda de um engenho — que existiu no local da-quele edificio, com uma população excassa, espalhada por uma casaria de aspecto rustico.

Na capitania, entretanto, já havia burgos mais avantajados e prosperos, com a categoria de vila: Alagoas, Porto Calvo, Penedo, dos primeiros dias da colonização. teatro do grande drama da conquista holandea, Atalaia, antiga sesmaria de Domingos Jorge Velho, Anadia, Porto de Pedras. Eram os centros principais da vida economica e social da capitania. Pelo territorio por onde se devia estender a administração de Melo e Povoas, cresciam outros nucleos de população laboriosa — Santa Luzia do Norte, S. Miguel dos Campos, Porto Real do Colegio, Camaragibe, Palmeira, S. Bento, Pioça...

A vida economica repousava na agri-

cultura, na pecuaria e na exploração de madeiras. Ao sul, pelo S. Francisco, as fazendas pastoris, mais de tresentas; ao norte estava a zona assucareira, para mais de trezentos engenhos, talvez, concentrando Porto Calvo a hegemonia da industria do assucar. Por toda parte cultivava-se, além de cana, o algodão, cuja cultura fôra introduzida pelo ouvidor José de Mendonça de Matos Moreira, depois de 1779, a mandiôca, o milho, o fumo, a mamona, o feijão. A prosperidade da capitania repousava, pois, no cultivo da terra.

A população seria de 80.000 almas, predominando a escravaria, elemento de trabalho nos campos, nos engenhos e na vida domestica, ao lado das alimarias. Socialmente, "á população das vilas e seus distritos superabunda em honra, verdade e candura", diz um documento dessa epoca. Havia, porem, na classe rica, na classe feudal dos latifundios assucareiros e pastoris, a preocupação do luxo — a ostentação de joias e sedas, quando as senhoras, com o seu sequito de mucamas, se apresentavam em publico, nos templos, unicos lugares onde as reuniões eram mais numerosas e frequentes.

Melo e Povoas foi um administrador esclarecido e prudente. Cuidou seriamente dos interesses da fazenda real, estabelecendo o aparelho da arrecadação dos renditos; fez obras de fortificações e creou corpos de milicias, infantaria e artilharia; abriu estradas para o interior, facilitando as comunicações; construiu em estaleiro de Pajussara a corveta "Maceió"; levantou a planta da vila em que assentara a séde de seu governo e atendeu, solícito, a todas as necessidades da administração publica.

A vila de Alagoas, porem, enciumara-se, dada a preferencia de Povoas por Maceió; e reclamou os fóros de capital que, aliás,

lhe haviam sido outorgados por decreto de 5 de maio de 1821. Povoas, recalitrante, desatendeu — continuaria em Maceió, ponto melhor para uma capital, pela sua proximidade com o porto, excelente ancoradouro, e pela amenidade do clima. E em Maceió permaneceu até á proclamação da constituição das Córtes Portuguezas, quando passou-se para a vila reclamante da primasia.

Com o advento da nova organização politica, cessaram as funções de Melo Povoas como capitão-general. A administração obedecia a outras formulas, mais liberais. O governo passou para uma junta eleita, de nove membros, e da primeira delas Povoas foi o presidente.

O governo provisional durou até 1832, quando foi nomeado o primeiro presidente da provincia, D. Nuno Eugenio de Lossio e Seibliz.

A EMANCIPAÇÃO

Depois da guerra holandeza, creara-se no Brasil o sentimento do patriotismo. Pernambuco estava á frente desse espirito novo formador da nacionalidade. A "guerra dos mascates", oriunda do despeito em fervente rivalidade entre os detentores do solo, que constituíam uma especie de nobreza brasileira, e os negociantes portuguezes enriquecidos pelas explorações mercantis e, pela sua riqueza, protegidos pelos delegados da metropole, em detrimento dos naturais, foi uma explosão desse sentimento.

Portugal afogou em sangue o movimento que se exteriorisara por uma aspiração republicana, na proposta ousada de Bernardo Vieira de Melo, o mesmo da extinção dos Palmares, a primeira manifestação democratica dos brasileiros.

Cem anos haviam decorrido. O nacionalismo deixara de ser um sentimento

vago, um ideal bruxoleando, indeciso, num ou noutro cerebro esclarecido e des-tacado da ignorancia geral. A metropole adotara uma politica conducente ao accleramento do nacionalismo, cerceando á colonia, que se lhe avantajara em riqueza e alimentava-lhe a côrte, o desenvolvimento material e a expansão politica. Da tirania bem se sentiam feridos profundamente os brasileiros.

Quando D. João VI, varrida a soberania lusitana pelos remigios poderosos da aguia napoleonica, refugiou-se no Brasil, com D. Maria I, demente, Carlota Joaquina, principes, frades, condes e magistrados, a côrte toda fugitiva e aterrorizada, e no Brasil estabeleceu a regencia que exercia dos dominios portuguezes em nome de sua mãe, o sentimento de nacionalidade era já uma força irresistivel. A transformação que subitamente se operara no Brasil, passando de colonia á metropole e, logo depois, elevado ao mesmo pé de igualdade a Portugal, pela sua categoria de reino, amorteceu um pouco as aspirações nacionalistas.

Mas em Pernambuco, que estivera sempre á dianteira da evolução nacional sob o influxo das correntes democraticas que a França propagava, os espiritos mais cultos e as almas mais exaltadas não se deixaram deslumbrar pelo esplendor da realleza. E em 6 de março de 1817 explodia no Recife a primeira revolução acentuadamente republicana em terras brasileiras. Uma pleiade illustre insuflara e atirara á face do trono a aspiração popular. Eram Domingos José Martins, padre João Ribeiro, José Luiz de Mendonça, Antonio Gonçalves da Cruz (Cabugá), padre Muniz Tavares, frei Miguelinho, padre Martiniano de Alencar, Abreu e Lima e tantos outros, quasi todos fusilados pela reação realista triunfante. A revolução ex-

tendeu-se á Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, "que deveriam formar uma só republica, devendo-se edificar uma cidade central para capital".

Alagoas estava contida na capitania de Pernambuco. Em demanda para a Bahia, afim de conquistar adesões, percorreu o territorio alagoano o grande Abreu e Lima, cognominado Padre Roma, lançando o rastilho da revolução. O estado de espirito geral na comarca era hostil á metropole, laborando contra os portuguezes a mesma repulsa reinante no Recife. Alagoas pelos seus homens mais representativos, aderiu entusiasticamente, tanto maior o entusiasmo quanto o comandante das armas, Vitoriano Borges dera mão forte á situação subversiva que surpreendera a vida pacata da gente alagoana.

Um homem, porem, encarnando o espirito da realeza periclitante, na integridade de magistrado rigorosamente adistrito á lei, reagiu energicamente, procurando restabelecer, de impeto, a ordem legal. Foi o ouvidor da comarca, Ferreira Batalha, uma figura que nos ficou, duradoura, desse agitado periodo, com um relevo moral estupendo. Era um homem, na expressão da maior dignidade do termo, bem o homem que a corôa precisava no momento.

A sua attitude impetuosa precipitou as medidas coercitivas da sublevação republicana. Alagoas, a esforços seus, forneceu o primeiro contingente que partiu para dominar o movimento, e logo, por sua inspiração, declarou-se desligada de Pernambuco, constituindo um governo provisorio em correspondencia directa com o conde dos Arcos.

Houve um arrefecimento geral no calôr patriótico e dele o ouvidôr, atilado e decidido, procurou aproveitar-se. O primeiro a desertar foi Vitoriano Borges, deixando

os seus correligionarios á mercê das perseguições que já se annunciavam, tremendas e aterrorantes.

Os homens mais comprometidos na sedição fugiram pressurosamente aos seus compromissos, enviando os seus protestos de lealdade ao rei... Apenas um homem ficou de pé, intemerato na sua fé e na dignidade dos seus principios — o capitão Manoel Vieira Dantas, de S. Miguel de Campos.

Depois o marechal Cogominho de Lacerda interveio com as suas tropas e a comarca abafou as suas veleidades democraticas. Mas o conde dos Arcos não se contentou com isso; exigiu a punição dos culpados e foram presos muitos dos que haviam renegado a revolução, enquanto os fusilamentos epilogavam tragicamente a republica.

O atilamento politico do conde dos Arcos levou o rei a alforriar o territorio das Alagoas da tutela de Pernambuco, visando, talvez, o enfraquecimento da capitania turbulenta.

A 16 de setembro de 1817, D. João VI declarava Alagoas desmembrada daquela capitania.

Era a emancipação.

NAS VESPERAS DA INDEPENDENCIA

Lavrava no paiz o espirito patriótico de independencia nacional. Entre brasileiros e portuguezes, de sul a norte, a separação era profunda e a cada momento chocavam-se as hostilidades. O proprio príncipe D. Pedro, se não as insuflava, dirigia francamente o movimento nacionalista, aceitando os fatos como se apresentavam e opondo-se, as escancaras, ás determinações das Côrtes, que ele considerava um

“ajuntamento de facciosos, horrorosos e pestíferos, de infames despotas lusos-espanhóis, a quem o Brasil abominava, detestava e não obedeceria mais” — escrevera ao pae.

Jorge de Avilez, á frente da tropa portugueza, era no paiz o pómo da discordia, latente e irremediavel.

Estava-se nas vespéras da independencia, ou melhor em franca independencia, pois já havia uma assembléa popular funcionando soberanamente.

Em Alagoas, recentemente emancipada da tutela pernambucana, sentia-se intensamente o prurido nacionalista. Melo e Povoas deixara as redeas da governança nas mãos de uma junta eleita. Compunham esse governo provisional o ouvidor Ferreira Braklami, Manoel Duarte Coelho, José de Souza Melo, Nicolau Paes Sarmiento e Antonio de Holanda Cavalcante, homens bons da terra, como se dizia então dos individuos mais considerados e prestigiosos.

A aclamação de D. Pedro, como Defensor e Protetor Perpetuo do Brasil, golpe de força vibrado pela Maçonaria empenhada na precipitação dos acontecimentos, indignara os portuguezes, na previsão do desmembramento, consequencia fatal daquella agitação nacional. A' força irresistivel da finalidade historica dos successos vertiginosamente desenrolados pretendiam eles opôr a força problematica das armas de Avilez.

Na junta governamental de Alagoas estavam os portuguezes em minoria. Eram Braklami e Coelho. Mas a inferioridade numerica desaparecia ante o prestigio do primeiro, presidente da junta e a principal autoridade judiciaria da capitania. Os dois receberam com viva contrariedade a noticia estardalhaçante da aclamação. A junta scindiu-se. A divergen-

cia solapou a harmonia governamental, cavando sulcos de despeitos e desconfianças reciprocas, irrompendo, por fim, fóra, no ambiente popular, o antagonismo reinante entre os homens da administração publica.

A 28 de julho deu-se a explosão inevitavel dos sentimentos populares em ebolição. Um homem prestigioso dispôz-se a dar um paradeiro áquella situação insustentavel, pondo-se á frente do povo — Jeronimo Cavalcante de Albuquerque. Reuniu e armou para mais de 400 homens e com eles invadiu a capital. A junta foi recomposta, substituidos os seus membros portuguezes por brasileiros, o proprio Jeronimo de Albuquerque e o Dr. Caetano Maria Lopes Gama, juiz de fóra de Penedo, que assumiu a presidencia. Assim reconstituída, a junta aclamou solenemente o principe D. Pedro Defensor e Protetor Perpetuo do Brasil.

A junta, porem, não se limitou a esse ato de magno relevo historico naquele momento politico da nação. A separação entre portuguezes e brasileiros não admitia meios termos e a junta agora era essencialmente nacionalista, esposando o rancôr reinante no espirito publico contra os pés de chumbo, alcunha escarninha generalisadora dos portuguezes. Todos os funcionarios lusitanos foram demitidos sumariamente, e despachados para a metropole, escapando apenas da vindicta o comandante da artilharia, Colaço Amado, que não parecia homem de sentimentos extremados. A junta, porem, cautelosamente, tirou-lhe a força, substituindo o corpo de artilharia por um de caçadores, o que importava na demissão. O porto do Francez foi convenientemente artilhado, na previsão de um possivel desembarque de tropa portugueza a procura da desforra. Ao general Labatut, que, de passagem

para a Bahia, se encontrava em Maceió, a junta enviou reforços a bater os portuguezes ali grimpantes.

E não foi tudo: José de Souza Melo, secretario da junta, foi enviado ao Rio com a missão de significar ao principe a lealdade de Alagoas na obra, que se laborava patrioticamente, da independencia nacional.

Melo Moraes, o velho, registra assim esse episodio: "Logo que a provincia aderiu á causa exclusiva do Brasil, o governo provisório fretou um navio e o abasteceu de todo o necessario para uma longa viagem,

e dirigindo-se aos portuguezes e europeus, os consultara se queriam ficar no Brasil, suas pessoas e fazenda seriam respeitadas, e no caso contrario estava no porto um navio provido de tudo, para os transportar com suas familias e haveres para Portugal, o que efetivamente aconteceu, chegando a salvamento a seu destino os que não quizeram aderir á causa do Brasil".

De modo que o movimento da independencia nacional teve em Alagoas o seu episodio notavel, embora, mais tarde, a politicagem de Porto Calvo pretendesse desfigurar-lhe os intuitos patrioticos.

MADRUGADA NA ROÇA

Dentro da sombra matinal os campos
Riem-se do fresco pranto da Alvorada.
Sobre a planicie verde e perfumada
Võa o bando dos tardos pyrilampos

O arrieiro, tonto de preguiça,
Desperta apenas:—ao bulir das mattas
Vem misturar-se o echo das cascatas,
E os lentos dobres da primeira missa.

Sob o véo orvalhado os olhos della
Brilham fitando os meus: ao divisál-os,
Cuido que Deus perdeu mais de uma estrella

Rincham, pulando os nossos dois cavallos,
E atravez da manhã, cheirosa e bella,
Ouve-se o canto festival dos gallos.

LUIZ GUIMARÃES

Uma lição de musica

SYSTEMA TONAL

L. LAVENÈRE

Tonalidade, tom, intonação são vocabulos que teem significações bem diversas, mas, por causa de sua commum origem apparecem na linguagem vulgar como si fossem mais ou menos semelhantes.

Na linguagem puramente litteraria é admissivel a synonymia de vocabulos; mas, na linguagem scientifica o termo tecnico não pôde servir para outro fim si não um: *determinar alguma coisa, sem que duvida faça.*

Em accepção musical não devemos confundir as idéas dos vocabulos *tom, tonalidade, intonação*, como frequentemente se faz, nem attribuir a qualquer delles variedade de significação que o torne impreciso e improprio á função de termo tecnico.

— Que é *tonalidade* ?

— O proprio vocabulo está respondendo — uma *qualidade tonal*.

..E' a qualidade de um certo systema de sons com os quaes se fazem melodias, harmonia...

Systema de sons musicaes, ou systema tonal, é um serie de sons bem defenidos e postos entre si numa relação determinada.

Essa relação entre os sons do systema tonal chama-se *intervallo*.

Qualquer que seja o systema de sons que sirva de fundamento á composição musical, o seu caracteristico é um som *terminante*, que recebe um *accento* especial, *tom*.

Ao *accento* chamava-se na lingua grega *tonos* e dahi vem o seu equivalente em portuguez.

O nosso *systema tonal* consiste numa

sucessão de sons, com intervallos dispostos em certa ordem: a saber, series de oito sons seguidos de tal maneira que o oitavo tenha o dobro das vibrações do primeiro, o nono o dobro das vibrações do segundo, e assim por deante, e os sons centraes se succedam com uma diferença de altura sujeita a determinadas leis physicas.

Não vem ao caso o nome dos sons ou das *notas*, nem tampouco a altura delles: o que especializa o nosso systema tonal é a sucessão dos intervallos dentro de uma *oitava*.

O nosso systema tonal está mui claramente representado pelo *teclado branco* de um piano.

A base do systema está na serie de sons que se denomina *escala diatonica*.

O systema tonal pode ser mais ou menos *alto*; essa altura maior ou menor constitue a *intonação*.

Quando um piano *desafina* são do nosso systema tonal: o *afinador* vem restabelecer a ordem dos sons, independentemente da *intonação* que possa dar ao systema.

Quando se afina um violino ou um bandolim, dando-se ás suas cordas as *intonações de sol, ré, lá, mi*, ajusta-se o instrumento ao nosso systema tonal.

Para tornar mais clara a exposição, comparemos o systema tonal com o systema architectonico de um edificio de muitos pavimentos da mesma altura interna. Cada pavimento valerá por uma *escala* do systema tonal.

Supponha-se que eu tenha uma *escada* que possa attingir o segundo pavimento (primeiro sobrado): essa *escada* valerá

pela extensão da minha voz ou pelo instrumento do meu uso.

Si eu quizer alcançar o terceiro pavimento (segundo sobrado) terei de mudar a minha escada para o segundo pavimento.

Emquanto eu passar com a minha escada de um pavimento para outro, farei uma coisa *natural*, não alterarei a ordem nem a dimensão de nenhum dos objectos.

No piano. Cada posição de teclas entre *dó* e a sua *oitava* corresponde a um pavimento do edificio tomado para comparação.

Emquanto eu não tocar coisa alguma que exija notas differentes das que podem dar ás teclas brancas do piano, estarei na *tonalidade* natural do instrumento.

Isso significa: assim como eu só posso apoiar *naturalmente* a minha escada no *solo* de cada pavimento, só poderei apoiar também *naturalmente* cada melodia que tocar nesse piano sobre a nota *dó* de cada escala do systema.

Supponhamos agora que eu queira attingir o peitoril de uma janella do segundo sobrado (terceiro pavimento) e não possa accrescentar alguns degraus á minha escada.

Só ha um meio de resolver o problema: procurar um ponto de apoio acima do solo.

No piano. Tenho uma melodia que começa por uma nota muito grave que a minha voz não póde alcançar: como não é possível augmentar a extensão da minha

voz, nem muito facil mudar a *intonação* do piano, resolverei o problema mudando também o ponto de apoio da melodia.

Acontecerá, porem, que as teclas brancas do piano ja não a podem executar: com as teclas pretas eu farei dentro do mesmo systema tonal outras escalas com um ponto de apoio mais alto: com isso formarei outra *tonalidade* para a minha melodia, que em vez de se apoiar em *dó*, se apoiará em *sol*, por *hypothese*.

Recapitulemos.

1.º — Quando um piano dá as mesmas notas mais altas ou mais baixas do que outra, existe entre ellas differença de *intonação*.

2.º — Quando no mesmo piano se executa a mesma melodia, *com as mesmas notas*, mas, em regiões differentes do teclado, a differença entre as melodias é de *registro*.

3.º — Quando no mesmo piano se executa a mesma melodia em posições differentes no teclado, mudando-se também os nomes das notas, ha differença de *tonalidade*.

Por brevidade ou por erro diz-se frequentemente *tom* em vez de *tonalidade*, devemos nos esforçar para reagir contra esse habito.

Tom é simplesmente um *accento* melódico.

Tonalidade é uma qualidade tonal da melodia ou da escala.

ALIMENTO

Nem toda a gente sabe comer, escolhendo e dosando, convenientemente, a quantidade dos alimentos. Não basta encher o estomago, matar a fome, para se considerar alimentado.

Ha crianças que passam o dia atrás de

dôces ou de guloseimas dos vendedores ambulantes, e no entanto, não se nutrem com os verdadeiros alimentos, nas horas das refeições. O resultado é ficarem fracas e doentes; não crescem e não se desenvolvem, regularmente. Devemos comer a horas certas, mastigando bem os alimentos.

1 — Para bem viver é preciso saber comer.

2 — Convem comer devagar, mastigando bem os alimentos e lembrando-se, sempre, que os dentes estão na boca e não no estomago.

3 — Não se deve comer fóra de horas, afim de repousarem o estomago e os intestinos. Cançal-os equivale a estragal-os.

4 — A gula é propria aos mal educados e constitue um grave atentado á saude.

5 — Quando estiver á mesa, espere, pacientemente, a vez de ser servido.

6 — O nosso organismo precisa de alimentos variados, porém simples e pouco temperados.

7 — E' conveniente comer menos carne e mais legumes; estes, e os frutos são ricos em principios nutritivos e em ferro, imprescindiveis ás necessidades do organismo.

8 — Preferir o leite ao chá e ao café.

9 — Não convém ás crianças, na primeira infancia, o uso do café e, absolutamente, o uso de qualquer bebida alcoolica.

10 — O vinho, a cerveja, as bebidas alcoolicas, em geral, são perfeitamente dispensaveis; só servem para degradar o individuo e degenerar a raça.

11 — Não use saladas de verduras cruas, de procedencia ignorada, ou as que não forem muito bem lavadas em agua corrente. As verduras pôdem conter microbios maleficos e embriões ou larvas de parasitas, quando empoeiradas ou regadas com agua suja.

12 — Não coma frutas verdes, pôdres ou as que não forem préviamente lavadas.

13 — Conserve os alimentos ao abrigo do contacto nojento das moscas, baratas, ratos e outros animais.

14 — Os doces, confeitos, pasteis, empanadas de procedencia ignorada, são perigosos. Muitas vezes são feitos por pessoas doentes ou sem asseio. Nos taboleiros de vendedores ambulantes ficam expostos á poeira, ás moscas e ás mãos sujas de muita gente.

15 — Correm grande perigo os que comem restos de outrem e usam copos, talheres e guardanapos servidos.

16 — Nunca sentar-se á mesa sem primeiro lavar as mãos; nas mãos sujas pôdem encontrar-se microbios da febre tifoide, da tuberculose, da disenteria e outros.

RENATO KEHL.

Será o castigo corporal medida educativa admissivel?

Dr. Martinho da Rocha Junior

Tanto o professor como o pediatra moderno se deve interessar por assunto de tamanha relevancia, discutindo com os paes de seus alunos, ou clientes, as vantagens e perigos dessa medida. Não creio, exista em materia de educação outro tema que mais vivas e apaixonadas contendas tenha suscitado. Apesar da campanha

cerrada movida a essa intervenção violenta, uma ligeira vista d'olhos pelos povos antigos ou modernos nos provará que sempre existiu. Cabe atualmente á Norte America intensa propaganda contra o castigo corporal; na Alemanha, ao contrario, foi ele sempre praticado, embora proibido por lei nas escolas e colegios.

Para disciplinar as crianças servem-nos a persuasão, a recompensa, a ameaça e o castigo. Os bons conselhos levam, muitas vezes, ao objetivo desejado, enquanto o premio dá resultados passageiros, criando a falsa convicção de que a obediencia requer sempre recompensa. O objetivo da disciplina é, entretanto, inculcar no espirito do educando o habito de obedecer sem indagar razões. A boa ação não deve ter por impulso a esperança de premio, ou o medo do castigo.

Da ameaça se servem ás mães a cada passo para obter obediencia. Recorrem para isso aos mais variados meios, invocando a intervenção de entes fantasticos, animais ferozes, enfim de mil e um artificios. Não raro, servem-se para isso da pessoa do medico, o que representa erro grosseiro de educação. O processo de ameaças é condenavel porque com isso se excita inutilmente o cerebro impressionavel das crianças.

Em muitos casos a correção de erros educativos acumulados exige emprego de medidas energicas, entre as quais o castigo corporal. Ha crianças nervosas, sensiveis, sumamente inteligentes, para as quais um olhar severo, uma palavra aspera ou ligeira ameaça bastam para induzir á obediencia. Para os superexcitaveis, assim como para os debeis mentais e idiotas é contraindicado o castigo corporal; no primeiro caso nos arriscariamos a produzir forte depressão; no segundo, falha o recurso completamente. Nas crianças normais e travessas, muitas vezes, as ameaças são infrutiferas, obrigando os paes ao uso do castigo. Nas familias numerosas, pela necessidade absoluta de ordem no lar, recorre-se, por assim dizer, sistematicamente a esse, de modo mais ou menos intenso e variado. Os filhos unicos, cheios de mimos e erros disciplinares, ficam, entretan-

to, livres dele. Nesses casos, devido a defeitos educativos somados durante anos, o problema se torna extremamente complicado.

Convém salientar que o castigo, em regra, só se torna necessario quando a criança vem sendo mal conduzida durante muito tempo. Se a educação é bem guiada desde o inicio, dispensa-se, em geral, essa medida extrema. O melhor meio de educar crianças de baixa idade é tratá-las com brandura, obrigando-as, entretanto, a submeter-se á nossa vontade: ordem dada é ordem cumprida. Claro está que as pessoas em contacto com elas devem ser as primeiras a revelar bons modos porque seu máo ou bom exemplo é, sem demora, imitado. Quando o bebé atinge tres annos, recommenda-se muito a frequencia de jardins de infancia. Além disso, adtem-se desde cedo em casa brinquedos que prendam sua atenção (massa para moldagem, cubos de madeira para construção, desenhos coloridos, etc.)

Para corrigir a insubordinação ou deixamos de satisfazer um desejo, ou recorreremos ao castigo. Ha petizes que não se emendam com o primeiro recurso; neles teremos de lançar mão do segundo remedio heroico reservado para casos excepcionais. Crianças acima de 10 annos, sobretudo do sexo masculino, julgam-se, em regra, ofendidas em seu amôr proprio pelo castigo. Convém, por isso, evital-o acima dessa idade, porque nos arriscariamos a alimentar nelas odio aos paes e aos educadores.

Está provado que os meninos bem fiscalizados, cujo tempo esteja dividido entre brinquedos adequados, trabalho metódico, passeios ao ar livre, etc., oferecem mais raramente motivo para serem castigados. A' familia e aos professores cumpre, com artificios apropriados, evitar a

necessidade da medida, compelindo-os ao cumprimento de seus deveres, evitando ocasiões para torpelas e traquinices por meio de fiscalização continua.

Quando a criança atinge seis annos, e se mostram em casa insufficientes os processos disciplinares habituais, recorra-se á escola, ou mesmo ao internato, onde a divisão do trabalho e do tempo, o novo processo de vida, os deveres escolares, os folguedos e refeições regradas, etc., são o melhor meio de evitar travessuras. Na escola a criança nivelada aos colegas dominará mais facilmente seus impulsos egoisticos e maldosos. Nessa vida coletiva agirá levando em conta seus interesses e os dos outros, se não quizer eriar logo conflitos em que o professor, como juiz imparcial, não decidirá a seu favor; além

disso, a mudança de meio, retirando-a de ambiente viciado onde até então viveu, é muito salutar.

Confesso haver um grande perigo no castigo corporal : a pessoa que o applica, em regra, só se decide a tanto arrastada menos por intuito de repressão disciplinar, do que por um arroubo de colera. Nessas condições, a medida degenera facilmente em aggressão brutal.

Em resumo — na grande maioria dos casos, o castigo corporal pôde ser evitado por medidas adequadas, entretanto, desse recurso violento infelizmente nem sempre podemos prescindir. O castigo representa, medicação energica cujas difficuldades de indicação, dosagem, via e fórmula de administração e cujos accidentes possiveis sou o primeiro a reconhecer.

A instrução publica de Alagoas

Um dos maiores beneficios que a esclarecida e lucida intelligencia do governador Costa Rego vem prestando á terra das Alagoas, na sua administração, é, sem duvida, o desenvolvimento da instrução publica.

Confiado, até bem pouco tempo, ao operoso e illustre Dr. Adalberto Marroquim, aquelle hoje modelar departamento tem realizado o que, ha alguns annos passados, parecia uma utopia.

A começar pela Escola Normal, tudo hoje referente a ensino está regularizado methodicamente.

As professoras de hoje não recebem sómente na Escola os conhecimentos de que ficavam possuidoras as suas collegas de então, conhecimentos a que se podiam chamar rudimentares.

Não. A normalista de agora já se aprofunda em ensinamentos de Historia Natural, de Português Historico e, principalmente, de Methodologia — indispensaveis a qualquer pessoa que se proponha a aceitar a missão de mestre.

Graças a esse poderoso incremento que tem tomado a instrução, já não se encontram no interior do Estado professoras tão medioeres como as que infestavam as humildes escolas dos vilarejos longinquos.

Desculpar-se iam alguns deslizes na pronuncia de vocabulos ou na escripta de uma epistola menos vulgar, com a influencia do meio, o ambiente de ignorantes em que vissem.

Esses deslizes, porem, chegavam a imperdoaveis insultos ao pobre vernaculo.

Espezinhavam a grammatica, trocavam um vocabulo da lingua por um termo que os insignificantes aldeões de hoje têm pejo de pronunciar.

Não eram poucas as que, sem saberem distinguir a significação de um nome de outro muito pouco ou quasi nada homographo, exclamavam-n'o, em publico, desasombrosamente.

Ha episodios interessantes e evidentes da mediocridade magistral daquella epoca, com honrosas e felizes excepções. Tão eloquentes e escandalosas que parecem hoje inacreditaveis.

Não hesitavam em dizer, despundorosas, perante qualquer auditorio, as maiores selvagerias, linguisticas.

De uma feita, certa educadora de uma localidade no interior do Estado, tomando parte activa na organização de uma procição, na occasião em que se apresentava á turba estacionaria a charolla da imagem festejada, exclamou aos quatro ventos :

— Abram a jaula !

Compreende-se, por este exemplo, quanta imbecilidade comportava uma mulher que se dizia professora, pela incuria dos seus mestres. Com a intenção de pedir a abertura de alas, para a passagem triumphal do objecto da adoração daquelles corações, a barbara assassina da bôa logica ordenou que abrissem *jaula* ! Se ao menos fosse para enclausural-a...

E não fica nesta as barbarias que praticavam innumerados especimens dos dois sexos, que alizavam durante alguns annos os bancos da Escola Normal (ou anormal ?) e recebiam, competentemente firmados por lentes e directores, os diplomas enfeitados de professores publicos.

Ha varios outros exemplos vergonhosos que bem denotam as lacunas do ensino,

com que luctavam as creanças de poucos annos atraz.

Entre estes, é tambem digno de nota o de certa professora de um municipio mais ou menos adiantado do Estado.

Contemporanea da outra impiedosa e barbara creatura do "abram a jaula !", esta empregava frequentemente termos insignificantes, chatos já pelo excesso de uso, com pronuncia tão erronea e disparatada que não se devem attribuir a todos os analfabetos.

E as duas, talvez formadas ahi pela mesma epoca, no pleno exercicio das suas funções de ensinar, viviam a escandalizar o burgo com as suas expressões idiotas, sem nexos.

Esta ultima, então, dizia, constantemente :

— Lá em casa tem um *puê* de coisa...

E muitos outros ditos carregados de mil erros de toda especie que seria enfadonho enunciar.

E não queira pensar o leitor sejam os casos citados meras figuras illustrativas, invencionices propositas.

São factos veridicos.

E não se foram já em eras muito remotas, não. Se tanto, fazem uns dez annos.

Aliás, são desnecessarias essas affirmações, pois é publico e notorio o estado vergonhoso em que se achava a instrucção publica, naquella phase da vida administrativa conterranea.

As pouquissimas e insignificantes escolas do interior eram incapazes de dar um pequeno signal de vida.

Na epoca de actividade era, invariavelmente, a mesma coisa, todos os dias.

Chegavam os meninos ás 8 horas da manhã, sobraçando um primeiro livro de Felisberto de Carvalho, uma taboada, uma folha de papel dobrada ao meio, uma pe-

quena lousa preta. Entravam fazendo ruido com o tamanco, (um só. O outro pé estava sempre doente) sentavam-se num banco estreito e de duras tiras de taboa.

— Bom dia, *fessôra*...

Afinavam as cordas vocalicas e davam começo ás cantigas *rhythmadas*, naquella musicasinha indefectivel, em que só havia estribilho.

Perto das doze horas, a professora rabugenta montava os oculos no nariz pontegudo e insolente e começava a “tomar lições...”

Os alumnos soletravam uma meia duzia de palavras de uma pagina já suja, e prompto.

Rachiticos, esqualidos, deixavam depois a escola, reparando antes no que dissera a professora :

— Traga daqui — de *homem*... até aqui — *trabalho*...

Convem não esquecer que durante uma semana havia os dias em que a mestra estava com enxaqueca, ou a sua filha mais velha soffria com muita febre, ou quando ella propria fora visitar a mulher do juiz que viera da capital: Nestes dias, quando a menina chegava para a aula, encontrava o filho da professora, quasi sempre um menino amarello e de falinha dengosa, possuidor de uma cohorte de bajuladores e de inimigos, que avisava logo, ao vel-a:

— Hoje não tem *escola*...

No fim do anno a educadora annunciava que estavam em ferias.

Cada alumno, então, trazia no dia seguinte ao em que fora divulgada a alviçareira nova, um bolo magestoso, enfeitado.

— Uma lembrança para a senhóra *fessôra*...

Como não ? Se todos haviam conquistado *distinção* naquelle estapafurdio exame, chamado “*sabatina*”, difficil como que !...

Os filhos de paes meio-ricos entregavam-se ao estudo num collegio particular, quasi sempre do promotor, ou do pharmaceutico, estabelecimento em cuja fachada, ás mais das vezes, se via uma taboa enorme com a inscripção do nome do santo homonymo do seu director.

Ahi, qual senhor feudal, o homenzinho ou, as vezes, homenzarrão, praticava selvagerias com os seus discipulos — cordeiros timidos deante de um lobo faminto.

Empunhando um instrumento indesejavel e barbaro chamado *palmatoria*, de *sucupira*, ou *jacarandá*, o estúpido estorrachava, com um golpe formidavel, a mão da pobre creança, que irrompia em pranto convulso e copioso.

Mettiam dó aquellas scenas.

Os timidos agachavam-se para receber a pancada. Os rebeldes, porem, punham na mão espalmada um piolho bem crescido e tinham a impressão de ver, altivamente sacrificados, partir-se, bem no meio, a malfadada *palmatoria*.

Indignação do mestre-carrasco. Alumnos trancafilados num quarto lugubre, apavorante. E, no dia seguinte, nova *palmatoria*, mais forte, mais pesada, menos lisa, menos polida.

Veze havia em que o algoz temivel dos meninos ordenava ficasse uma classe toda de joelhos. E era de ver oito e dez alumnos, genuflexos, a um canto, porque não responderam “na ponta da lingua” aquella primeira pergunta da *grammatica* de João Ribeiro, na lição do dia.

Nos dias de feira era praxe em um tal collegio São José, (o professor tambem tinha o nome do esposo de Maria de Nazareth) numa cidade do norte do Estado, ficarem varios alumnos relapsos postados, de pé, no parapeito de uma janella alta, para que toda aquella gente que passava soubesse que elles não haviam dito, num se-

gundo, qual o resultado de 9 multiplicado por 8...

E eram esses os methodos de ensino de que dispunhamos ha cerca de meia duzia de annos passados.

Vejamos, por isso, de relance, o que vai, actualmente, pela instrucção publica em Alagoas e nos salta á vista o progresso dinamico que tomou na actual administração.

O contraste que se observa é a mais eloquente prova disso.

Saindo da Escola Normal com conhecimentos de varias e imprescindiveis materias de ensino, a professora de hoje sabe dirigir com delicadeza e proficiencia a sua aula, ministra aos seus alumnos a instrucção pelas novas leis de pedagogia, exercita-os na gymnastica.

Em qualquer escola do interior, na hora que passa, ha methodo aperfeiçoado de educação.

Os estabelecimentos educandarios de agora ja não encerram o anno lectivo com uma simples declaração da professora. Promovem festas commemorativas, em que se observam o zelo e dedicação do mestre e o aproveitamento dos discipulos. Ja não passam desaperecebidamente entre os estudantes de hoje as datas festivas da nossa nacionalidade.

Se esses surtos de valor são patentes nas simples escolas publicas, cresce sobremaneira essa magnificencia nos perfeitos Grupos Escolares que se encontram, não sómente na capital como em varios municipios outros do Estado.

Nesses modelares gymnasios, então, pôde Alagoas se orgulhar da perfeição e methodo exemplar do ensino.

Cada um tem para os seus muitos alumnos e almas uma farda especial.

As suas installações obedecem a todos os preceitos de hygiene escolar e ás necessidades impostas pela pedagogia moderna.

Nos dias de festa nacional, depois do hasteamento da bandeira nas fachadas dos predios onde funcionam e de outras cerimoniaes civicas, as creanças ouvem a preleção allusiva á ephemeride, feita por uma professora, preleção desprovida de complicações, á altura mesmo da intelligencia desabrochante do minuscuro auditorio.

Demonstra os juvenis frequentadores dos grupos, amiudadamente, a sua desenvoltura na pratica da gymnastica sã e fortalecedora.

Aprendem declamação, canto, elementos de arte dramatica.

E tudo isso desenvolve vivamente a intelligencia dos homens de amanhã.

Em Maceió, um dos mais bellos espectaculos que o povo assiste é o ajuntamento de todas as escolas, formando um cortejo multicôr e impressionante.

Emociona aquella aglomeração de muitas centenas de creanças, bem vestidas, disciplinadas, a marchar numa cadencia rhythmica e pasmosa, proporcionando á gente uma alegria ingenua, um embevecimento estranho, uma sensação doce de enlevo.

Continuem os futuros dirigentes dos nossos destinos a palmilhar no departamento de ensino do Estado as pegadas deixadas pelos grandes vultos das Alagoas contemporaneas e teremos a certeza de poder collocar o nome da nossa terra junto ás de maior desenvolvimento pedagogico no Brasil.

RAUL LIMA.

DRA. MARIA MONTESSORI

Pédagogie Scientifique

2 VOL.

VENDE-SE NA CASA RAMALHO-MACEIÓ

Exames e examinadores

(CRAVEIRO COSTA)

O exame, ao fim de cada ano letivo, é um achaque da escola régia, que se tornou crônico no organismo escolar.

Processo puramente artificial de verificação de aproveitamento, o exame, tal qual o praticamos, nada verifica no sentido do seu proprio objetivo.

Nisto, como em muitas outras coisas, ficamos parados na contemplação do passado que, no final de contas, em materia de pedagogia, não nos deixou grandes coisas.

Entretanto, ao termino de cada ano escolar, repetem-se as mesmas scenas, registram-se os mesmos episodios e, examinadores, em comissão official, percorrem as escolas, esmiuçando o que a menina devia ter aprendido, pois o que ela aprendeu as comissões inexoraveis condenam sem exame.

A psicologia do examinador é sempre a mesma e curiosissima. Na fauna pedagogica o examinador nutre-se vorazmente das decepções que ele mesmo provoca, ferindo implacavel um alvo imperceptivel, atravez dos pirralhos expostos á sua voracidade sabichona.

Professor — em regra o examinador é professor — official do mesmo officio, o seu alvo oculto ás vistas circundantes é o colega, é mostrar que sabe mais que ele ou que ele não soube transmitir o pouco que sabia.

E diante da menina apavorada, na salinha garrida e repleta de curiosos, o examinador começa a exhibir os seus vastos conhecimentos, minucioso naquela tragica sabbatina de fim de ano, minucioso e exigente, tudo ali, sabidinho, na ponta da lingua — regras, definições, tudo...

Embasbaca-se a assistencia, humilha-se o professor, chora a petizada... Tres ou

quatro perguntas de algibeira, á queimadura, atordoaram os escolares e comprometeram a reputação do docente.

O mestre nada ensinou, a menina perdeu o tempo naquela escola !... E' o julgamento, peremptorio, inflexivel, sem remissão nem agravo, do examinador gulososo do éxito official.

Entretanto o professor não é dos piores, é mesmo, talvez, um dedicado e um entusiasta da sua profissão. Levou o ano a ensinar conscientemente aos seus alunos aquilo que eles precisavam saber, dentro das exigencias formalisticas do programa de ensino. Podiam, ao fim do ano, não repetir as definições e as regras dos compendios adotados, mas faziam — tinham aprendido a fazer — os calculos aritmeticos das quatro operações, praticamente, liam e escreviam com acerto, tinham conhecimentos gerais e praticos das materias recomendadas nos programas...

Mas o professor era um homem leal. A sua probidade repugnava a exhibição de meninos prodigios. A sua classe, entretanto, era um conjunto harmonico de meninos que se preparavam conscientemente para a vida pratica, que os esperava no estreito ambiente da sociedade em que viviam.

Ha, porem, professores que preparam magistralmente a fita do exame de fim de ano. E da maneira mais simples a comissão é embrulhada e sae pela culatra o tiro que o examinador tem por infalivel.

Dois mezes antes do dia das ferias, o professor seleciona meia duzia de meninos atilados, tendo o cuidado de escolher os filhos dos maioraes da localidade. E du-

rante sessenta dias a fio, havendo mesmo treinos extraordinarios, aos domingos e fóra da hora do expediente escolar, o professor, forçando a memoria da sua turma prodigio, mete-lhe na cabeça um horrôr de coisas contidas nos compendios, palavra a palavra, — o mesmo processo de ensinar papagaio a falar.

No dia do exame o exito é certo. O professor prepara de antemão o ambiente : os pais dos meninos prodigios estão presentes e são os proceres locais, presente uma assistencia seleta e risonha. A presença dos pais encoraja a meninada. Ha alegria em todos os semblantes. Ha festa no ar . . .

Chega a comissão. Salamaleques. A escola canta o hino nacional, ouvido de pé pela assistencia. Começa a *fita* . . .

O professor, habilmente, insinúa que a sua escola está preparada, mas ha uma turma para a qual chama a atenção da comissão.

E' claro, a comissão quer logo entrar em contacto com os meninos mais preparados; os filhos dos chefes da localidade, ali presentes.

E os meninos fazem um figurão, repetindo o que a memoria retém, aprendido de poucos dias. Um successo !

— Bom professor, sae a comissão a proclamar, e a buzinaem o mesmo elogio os pais dos meninos prodigios . . .

Isto é um quadro geral, sem que, todavia, lhe tenhamos posto as devidas côres.

Ora, isto com o ser inutil é ridiculo e isso é o que se repete no fim de cada ano escolar.

O exame, quasi sempre, não é uma prova de capacidade, por ele se não afere o aproveitamento de um aluno. Porque o resultado de um exame depende de um conjunto de circunstancias dificeis de reunir. O aluno timido fará sempre um máu exame, embora esteja regularmente preparado, ao passo que o menino desembaraçado, com um preparo mediocre, pôde fazer um exame brilhante.

A impressão de pavôr que o ato do exame exerce na imaginação infantil; a caranca do examinador pedante, dando-se ao desfrute da exhibição de conhecimentos e á perversidade de expixar meninos do curso primario; o aparato inutil de que se rodeia o ato, são circunstancias que influem poderosamente no sentido de deprimir o moral do menino na ocasião apavorante do exame.

Isso já está sobejamente demonstrado. E, por isso, o exame, ao fim do ano letivo, vae sendo abolido. O criterio que prevalece para o julgamento do aproveitamento é o do professor que lidou um ano inteiro com o menino; é o criterio das notas de aproveitamento registradas semanal ou mensalmente pela unica pessoa autorisada a julgar o gráo de desenvolvimento de um escolar — o seu professor.

E' preciso acabar com o exame primario, que nada significa.

A escola primaria no Brasil

A Escola Primaria em Alagoas, como em todo o Brasil, é anterior ao Decreto de 15 de outubro de 1827.

Vinte oito annos antes da officialisação da Escola Publica, Bartolomeu Vitoriano da Rocha obtinha do Bispo de Olinda,

Azevedo Coutinho, Director Geral dos Estudos, a provisão de professor regio de primeias letras na vila de Alagoas.

Era o instituto do ensino popular que se iniciava, mas privativo do sexo masculino. As meninas, sabendo desfiar as con-

tas do rosario e revelando pericia nos arranjos domesticos, era quanto lhes bastava. Saber ler era um perigo. Só em 1826 tornou-se a instrução acessivel ao sexo feminino, primeiramente nos conventos de freiras, depois nas aulas publicas.

Dessa primeira faze da alfabetização popular ha reminiscencias curiosas.

Do alfabeto, que o professor escrevia num retalho de papelão, passava o menino á *carta de nomes*, tambem escrita pelo professor.

Quando, a força de palmatoria, o aluno sabia tudo de cór e salteado, passava a leitura da doutrina cristan, igualmente escrita em papelão. Sabidas todas as orações, feita a leitura de pequenos trechos do novo e velho testamento, pelo mestre manuscritos, o aluno recebia a famigerada *Cartilha do Padre Inacio*.

Aí pegava o carro ! O menino, até então, não havia lido letra de imprensa e a cartilha rematadora do curso era imprensa !

Começava um novo aprendizado vendido a muque.

A *Cartilha do Padre Inacio* era a cupola do edificio escolar.

O Decreto de 15 de outubro de 1827 deu á intrução primaria a sua primeira organização. E tudo que existia veio a baixo.

Mandava o governo imperial crear escolas primarias em todas as cidades, vilas e lugares populosos; dava aos presidentes a faculdade de estipular o trabalho do professor, desde duzentos até quinhentos mil réis; exigia o concurso publico para a nomeação do professorado; estabelecia a vitaliciedade; estipulava as disciplinas do programa escolar, e impunha á obrigatoriedade do método mútuo de Lencaster.

Era uma verdadeira revolução, de alto abaixo.

O governo impunha ao professor primario: "ensinar a ler, escrever e contar, as

quatro operações de aritmetica, a pratica de quebrados decimais e proporções, as noções gerais de geometria pratica, a gramatica da lingua nacional, os principios de moral cristan e da doutrina catolica proporcionada á compreensão dos meninos preferindo-se para as leituras a Constituição do Imperio e a Historia do Brasil.

Tudo isso devia ser ensinada pelo sistema mútuo, novidade pedagogica que ainda sobrevive em algumas escolas.

Inventara esse sistema Lencaster. Consistia, principalmente, em ser o professor auxiliado pelos alunos mais adiantados, que, ao mesmo tempo que aprendiam, ensinavam aos mais atrazados. O professor superintendia, orientava e vigiava o trabalho dos monitores ou decuriões.

Daí uma grande vantagem: uma escola, com um só professor, podia receber mais de cem alunos.

O Decreto de 15 de outubro de 1827 é interessantissimo, como documento historico, pelas inovações pedagogicas que consagra e por ser a verdadeira instituição do ensino primario no Brasil.

Convem, por isso, arquivar-o na Revista.

"Dom Pedro Primeiro, por Graça de Deus e Unanime Aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil. Fazemos saber a todos os Nossos Suditos que a Assembléa Geral Decretou e Nós Queremos a Lei seguinte:

Art. 1.º — Em todas as Cidades, Vilas e Lugares mais populosos haverão as Escolas de Primeiras Letras, que forem necessarias.

Art. 2.º — Os Presidentes das Provincias, em Conselho, e com audiencia das respectivas Camaras, em quanto não tiverem exercicio os Conselhos Geras, marcarão o numero, e localidades das Escolas, podendo extinguir as que existem em logares pouco populosos, e remover os Professores delas para as que se crearem, onde mais

proveitem, dando conta á "Assembléa Geral" para final resolução.

Art. 3.º — Os Presidentes em Conselho taxarão interinamente os ordenados dos Professores, regulando-os de duzentos mil réis a quinhentos mil réis anuais : com atenção ás circumstancias da população, e carestia dos lugares e o farão presente á "Assembléa Geral" para a aprovação.

Art. 4.º — As Escolas serão de Ensino Mutuo se applicarão os edificios que houverão tambem nas cidades, Vilas, e Lugares populosos delas, em que fôr possível estabelecerem-se.

Art.º 5.º — Para as Escolas de Ensino Mutuo se applicarão os edificios que houverem com suficiencias de logares delas, aranjando-se com os utensilios necessarios á custa da Fazenda Publica; e os Professores que não tiverem a necessaria instrução deste ensino, irão instruir-se em curto prazo e á custa dos seus ordenados nas escolas das Capitais.

Art.º 6.º — Os Professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmetica, pratica dos quebrados, decimais e proporção, as noções mais gerais de geometria pratica, a gramatica da lingua nacional, e os principios de moral cristã e da doutrina da religião catolica, ao alcance da comprehensão dos meninos ; preferindo para as leituras a Constituição do Imperio e a Historia do Brasil.

Art. 7.º — Os que pretenderem ser providos nas cadeiras serão examinados publicamente perante os presidentes em Conselho; e estes provarão o que for julgado mais digno e darão parte ao governo para a sua legal nomeação.

Art.º 8.º Só serão admitidos á opposição e examinados os cidadãos brasileiros que estiverem em gozo dos seus direitos civis e politicos, sem nota na regularidade de sua conduta.

Art. 9.º — Os professores atuais não serão providos nas cadeiras que novamente

se criarem, sem exame e aprovação, na fórma do Art. 7.º.

Art. 10.º — Os Presidentes em Conselho ficam autorizados a conceder uma gratificação annual, que não exceda á terça parte do ordenado, áqueles Professores que por mais de doze anos de exercicio não interrompido se tiverem distinguido por sua prudencia, desvelos, grande numero e aproveitamento dos discipulos.

Art. 11.º — Haverão escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho julgarem necessario este estabelecimento.

Art. 12.º — As mestras, além do declarado no artigo 6º, com exclusão nas noções de geometria e limitando a instrução da aritmetica só ás quatro operações, ensinarão tambem as prendas que servem á economia domestica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquellas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimento nos exames feitos na fórma do artigo 7.º.

Art. 13.º — As Mestras vencerão os mesmos ordenados e gratificações concedidas aos Mestres.

Art. 14.º — Os provimentos dos Professores e Mestres serão vitalicios; mas os Presidente em Conselho, a quem pertence a fiscalisação das escolas, os poderão suspender, e só por sentenças serão demittidos, provendo inteiramente quem substitua.

Art. 15.º — Estas Escolas serão regidas pelos estatutos atuais no que se não opuzerem á presente lei, os castigos serão praticados pelo metodo de Lencastro.

Art. 16.º — Na Provincia, onde estiver a Côrte, pertence ao Ministerio do Império, o que nas outras se incumbem aos Presidentes.

Art. 17.º — Ficam revogadas todas as leis, alvarás, regimentos, decretos e mais resoluções em contrario."

METODOLOGIA



LIÇÕES DE COISAS

O AEROPLANO

— Quem já reparou nas aves quando vômam ?

— Eu, professor. Elas batem as asas.

— E o que é que faz, então, com que elas vôem, Manoel ?

— As asas.

— Sómente as asas ? Nada mais contribúe para que elas possam voar ? Quem sabe ?

— O ar.

— Muito bem, Alberto. Diga-me agora, você, Paulo, si o ar e as asas bastam para sustel-as no espaço ?

— Creio que sim, professor.

— Pensem bem... Que fazem as asas quando as aves vômam ?

— Batem, não é, professor ?

— Exatamente, Andrade. E' então necessario o movimento, sem o que as aves não se elevariam do sólo; movimento adequado para o fim a que foram essas asas talhadas.

— Mas eu tenho notado que os córvos vômam a grandes alturas, e quasi não batem as asas, professor ?

— E' porque os impulsos fortes que fazem antes de conservarem as asas espalmadas por muito tempo, permite que eles se equilibrem. Digam-me agora: as aves serão mais levas ou mais pesadas que o ar atmosferico ?

— Mais pesadas.

— Sim, então os córpos mais leves que o ar, não são os unicos que se elevam. Quem me dará exemplos doutros córpos mais pesados que o ar, que se elevem tambem nele.

— O balão.

— O balão, Paulo, não é mais pesado que o ar; ele se torna mais leve em virtudo dum gaz que traz no seu bojo. Desse

modo sobem pelo espaço os balões de papel de seda que vocês soltam nas noites de S. João.

— Sobem porque estão cheios de fumaça, que é mais leve que o ar, não é, professor ?

— Perfeitamente.

— Eu quero, Rubens, outro exemplo, mas dum corpo mais pesado que o ar.

— O aeroplano.

— Muito bem. E porque se eleva o aeroplano ? Fale você, Antonio.

— Porque tem asas e uma helice que gira com muita rapidez.

— E como é que essa helice gira rapidamente, Hermogenes ?

— Tocada pelo motor.

— Isso mesmo. O motor impulsiona a helice velozmente, pondo ao mesmo tempo em marcha o aeroplano que se eleva daí a instantes, emquanto as asas o equilibram no espaço.

— Parece, professor, que a cauda do aeroplano tambem se movimentã.

— Sim, ajuda o aparelho a equilibrar-se, tornando-se tambem, uma especie de *leme*, pois o aeroplano necessita de mais esse accessorio para o seu equilibrio. E sabem vocês, com certeza, quem descobriu a dirigibilidade dos aeroplanos ?

— Foi Santos Dumont.

— Perfeitamente, foi esse glorioso patrio nosso quem estudou e descobriu a direção desses aparelhos.

Antes de Santos Dumont ter descoberto a dirigibilidade dos aeroplanos, qual foi o brasileiro que descobriu o aerostato ou balão ?

— Foi um padre, professor.

— Sim, foi o padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, cognominado *O Voador*. Esse illustre brasileiro nasceu na cidade de Santos.

— Então, quem descobriu o balão foi

um brasileiro, e quem descobriu a direção dos aeroplanos, foi também um brasileiro ! Que gloria para o Brasil, professor !

— Agora o Rubens vae me dizer para que serve um aeroplano.

— Serve para correio aereo, para a guerra...

— Sim. A aplicação do aeroplano como meio de transporte é muito util e pena é que ele sirva também para espalhar a morte nas guerras.

— Muitos homeis também encontraram a morte quando faziam experiencias não-professor ?

— Infelizmente. E dentre esses abnegados e estudiosos temos a lamentar a morte de Augusto Severo e muitos outros nacionais e estrangeiros.

Na proxima lição falarei sobre alguns desses abnegados patriotas. Não se esqueçam também, de que antes da descoberta do aeroplano, os homens se elevaram no ar, por meio do balão. Eram ascensões perigosas e incertas.

A DIGESTÃO

— Ouçam, com atenção, o que lhes vou dizer. Hontem, no recreio, notei que um de vocês comia seu lanche muito depressa; mastigava mal; quasi que engulia sem mastigar !...

— Bem diz você, Julio, afirmando que tal modo de comer é prejudicial. E porque será, Paulo ?

— Exactamente : porque, mastigando-se mal, a digestão não se efetua como é necessario.

— Muito bem, José ! O alimento mal mastigado dá muito trabalho ao estomago... E o que mais póde acontecer, Roberto ?

— Isso mesmo: podemos ser vitimas de indigestões, que tanto prejudicam a saúde... Vejamos agora o que quer dizer digestão. Quem quer responder ?

— Ninguém responde ? E' justo, por isso vou explicar-lhes. A digestão é o tra-

balho efetuado pelo aparelho digestivo. O Carlos vae, portanto, nos dizer quais são as partes principais desse aparelho. Sabe, Carlos ?

— Respondeu bem: boca, estomago, intestinos... Vejamos agora as funções desses organs, a começar, pela boca.

— O Julio me diz que na boca se dá a mastigação dos alimentos. Disse bem. Os alimentos aí são mastigados e formam um bolo chamado *bolo alimenticio*. E' a primeira fase da digestão — a *digestão bucal*.

— Você, Juvenal, me pergunta si ha outras digestões ? Ha sim: a *estomacal* e a *intestinal*.

— Justamente, Godofredo : a primeira dá-se no estomago, e a segunda, nos intestinos, onde se completa o trabalho digestivo.

— Agora é você, Jorge, que deseja saber como se dão essas digestões ? Ouça. Na *digestão bucal* os alimentos são mastigados e misturados com as salivas, sofrendo modificações. E' um trabalho importante para a digestão final.

— Bem ponderado, Luiz: é por isso que devemos mastigar bem os alimentos, antes de deglutil-os.

— Não tenha pressa, Romeu. Já vae conhecer a digestão estomacal. Logo que o estomago recebe o bolo alimenticio, é este atacado pelo *succo gastrico*, que também o modifica. Aí já começam a sêr absorvidas as substancias nutritivas.

— E depois ? pergunta-me o Mario. Depois o alimento, já bem trabalhado, passa para os intestinos delgados, onde se completa a digestão e onde a absorção dos elementos nutritivos vae levar ao sangue o que ele precisa para a vida de todo o corpo.

Para uma boa digestão é necessario que, mastigue-se bem a comida; é preciso ainda não comermos demais; finalmente,

cumprir comer a horas certas, para que novos alimentos não venham perturbar o trabalho do estomago.

A PODA

— A pergunta que você me fez hontem, Mario, sobre a póda das arvores, vae sêr respondida agora que temos bastante tempo e estamos precisamente dentro do horario da aula de lições de coisas.

— Que bom ! Assim poderei mostrar a papae, quando formos á nossa chacara, que eu tambem entendo um pouquinho do tratamento de arvores frutiferas.

— Fiquem vocês sabendo que o inteligente fruticultor procura, para que o seu pomar tome grande desenvolvimento, empregar todos os meios que lhe pareçam de relevancia pratica.

— Então, as arvores, assim como os animais, exigem bom tratamento para se desenvolverem ?

— Perfeitamente. As plantas, assim como os animais, necessitam de cuidados. O bom fruticultor, além do tratamento das arvores, serve-se tambem da póda, que faz com que as plantas produzam mais.

— E dizem que os frutos duma arvore podada são mais doces.

— E' exato. A póda tem por fim : dar a fórmula de maior embelezamento ás arvores ; prolongar-lhes a vida ; reduzir ou evitar as causas e os efeitos dos agentes inimigos ; revigorar as arvores que estão em via de morrer ; procurar meios de conseguir otimos frutos e obter uma produção e abundante frutificação.

— Quantas coisas boas a póda das arvores póde fazer ! E' por isso que alguns pomares produzem muito mais que outros.

— E' porque são cultivados com mais gosto, cuidado e inteligencia. O vigor duma planta está sempre dependendo da uniformidade da distribuição da seiva nu-

tritiva em todas as partes do seu organismo.

— Seiva é o alimento da planta ?

— Sim. E' o liquido que as raizes tiram da terra para a nutrição do vegetal.

— E a seiva vae até á pontinha dos ramos ?

— A seiva, tendendo ás extremidades dos galhos, dá maior vigor aos brotos que nelas surgem do que aos outros da base ou de meio desses galhos.

— Por que razão muitas dessas arvores deixam de dar frutos depois de certo tempo ?

— E' porque essas arvores já estão *cansadas, extenuadas*, devido a terem sido forçadas a produzir.

— E então, elas nunca mais darão frutos ?

— Nesse caso deve-se tentar uma nova frutificação podando-se-lhes os ramos *adventicios*.

— Que são ramos *adventicios*, professor ?

— São aqueles que não produzem frutos. São ramos *estereis*, improdutivo, portanto, e que servem de *estorvo* á planta, usufruindo parte de sua seiva.

— Eu tenho visto arvores frutiferas, cortadas quasi que pela metade !...

— Cortando-se uma parte da arvore, José, a seiva refluirá em beneficio das partes proximas.

— E a póda das arvores é feita em qualquer época do anno ?

— Não, Arthur. Conforme o clima e conforme a planta, ela é feita em tempo certo.

— Eu sei que os *pés* de uvas são podados no meio do anno...

— As *videiras* são plantadas comumente em agosto e setembro, e a póda é feita regularmente em julho e agosto, não havendo ventos frios, visto que, nesse tempo, a seiva é *concentrada*.

— Que quer dizer seiva concentrada, professor ?

— Seiva *concentrada*, quer dizer — seiva que se encontra num só ponto.

O MERCURIO

Professor — (Mostrando á classe um termometro.) Eis aqui um pequenó objeto que muitos de vocês já conhecem. Você já viu, alguma vez, Paulo ?

— Já, sim, senhor.

— Eu tambem conheço esse objeto, professor.

— Tambem eu; já o vi muitas vezes.

— Em minha casa ha dois termometros como esse.

— Ora, muito bem. Eu já esperava respostas como as que me deram, e estou certo que este objeto não é estranho á maioria de meus alunos. Como bem disse o Julio, o nome deste objeto é — *termometro*. Não é, porém, sobre o termometro que vamos agora conversar. Vou passal-o a vocês, para que o examinem bem e, principalmente, vejam o que ele contém. Em seguida, o Roberto me dirá o resultado do seu exame.

— Eu vejo no interior do termometro um corpo brilhante, parecido com chumbo

— Exatamente, Roberto... E você, Alfredo, o que observou ?

— Notei um pequeno deposito desse mesmo corpo, e ainda um fio que parece sêr da mesma substancia.

— Muito bem observado, Alfredo. Era justamente o que eu queria, porque é sobre esse corpo que vamos falar. Trago uma pequena porção dele neste vidro. (Mostrando aos alunos um pequeno frasco com mercurio).

— Que é isso, professor ?

— E' o mesmo corpo que vocês viram no termometro. Antes, porém, de dar o seu nome, quero que meus alunos o exa-

minem bem... Aproxime-se, Arthur, e fique aqui junto da minha mesa, de frente para seus colegas. Faça a mão em concha, que eu vou pôr nela um pouco desta substancia. (Põe um pouco de mercurio na mão do aluno). Que nota você, Arthur ?

— Como corre ! Não pára ! Vae cair, professor !

— Tenha cuidado, que não cae. Vá agora mostral-o aos seus companheiros.

— Que será isto ? Parece chumbo derretido.

— E' chumbo.

— Não póde sêr. Si fôsse chumbo derretido, queimaria a mão.

— E' prata.

— Não póde sêr tambem.

— E' mesmo ! O chumbo e a prata são metais ; o metal é solido e não liquido como isso.

— E' verdade, Amadeu; disse bem. os metais são córpos sólidos. Entretanto, ha na natureza um metal liquido.

— Metal liquido professor ? !

— Sim, Roberto, e esse metal é justamente o corpo que estamos examinando. E' o unico metal que se apresenta no estado liquido.

— E como se chama ele ?

— E' o *mercurio* ou *azougue*.

— Ha de sêr um corpo muito util.

— Sim; utilissimo, Luiz. E' um corpo mui sensivel á temperatura, ora dilatando-se, ora comprimindo-se, com grande facilidade.

— Já sei... por isso que o mercurio é empregado nos termometros !

— Porque diz isso, José ?

— Porque é ele que marca no termometro a nossa temperatura quando estamos doentes.

— Exactamente; tenho observado isso em minha casa.

— Sim, Amadeu: o mercurio é empre-

gado nos termómetros para marcar a temperatura dos doentes; é empregado também no barómetro...

— *Barómetro!*

— Sim, barómetro, que é outro instrumento destinado a medir a temperatura da atmosfera, isto é, o grão de calor ou de frio.

— Mas, como é que podemos conhecer esses grãos de temperatura?

— Gostei da sua pergunta, Armando, e vou já responder. Quando você examinou o termómetro, que mais notou, além do mercúrio?

— Notei uns risquinhos no tubo de vidro.

— E você, Fabio, que está tão desejoso de falar?

— Eu notei uns números.

— Muito bem. Agora todos vão ficar sabendo como é marcada a temperatura nos termómetros. Os risquinhos marcam espaços, divisões que representam grãos, e estes são indicados pelos números. Do modo que, devido ao calor ou ao frio, a coluna de mercúrio ao subir ou ao descer, assinala na sua extremidade o grão de temperatura.

— Onde se encontra o mercúrio?

— O mercúrio é um mineral que geralmente se encontra unido ao enxofre, e às vezes bróta puro da terra. Quando unido ao enxofre ou a algum metal, o minério é separado, desprendendo então vapores que são muito venenosos. E' preciso, pois, muito cuidado com o mercúrio.

(“Revista Escolar” S. Paulo.)

VERBO

A professora dirigindo-se aos alumnos, impõe silencio e faz a seguinte pergunta:

Professora — Meus meninos, qual materia preferem vocês para palestrarmos um pouco?

(Toda classe) Português.

P. — Muito bem; vamos falar sobre o verbo, o que acham?

Alumno — Sim senhora, é um ponto optimo e do qual gosto muito.

P. — Quem sabe definir o que é o verbo?

(Alumnos) Eu sei. Também eu. Posso responder?

P. — Perfeitamente, Carlos.

A. — Verbo é a palavra que exprime acção ou estado.

P. — Mas a acção, a que o verbo dá nome, póde estar a fazer-se, Irineu?

A. — Póde, sim senhora.

P. — Quero um exemplo. (O alumno levanta-se e vae ao quadro negro, porem fica um pouco perturbado; um outro levanta-se e exclama :) Professora dá licença, eu sei dar o exemplo; na lição passada, a senhora explicou isto.

P. — E' verdade, Manoel, você sempre dá provas de um alumno attencioso e distincto; pode escrever.

A. — *Eu canto*; a acção de cantar é presente; póde ja se ter ella realizado, como: *eu contei*; ainda pode a acção ser futura, como: *eu cantarei*.

P. — Muito bem; portanto, os tempos fundamentaes em que o verbo exprime acção, são tres: presente, passado e futuro.

Assim como os substantivos designam as cousas, os animaes, as pessoas, os verbos exprimem os movimentos, as acções. Pelc verbo se pode encontrar facilmente o sujeito. O verbo ou predicado grammatical concorda com o sujeito em numero e pessoa; quero dizer que o verbo vae mudando de forma conforme o sujeito é da 1.^a, 2.^a, ou 3.^a pessoa e conforme é do singular ou do plural. José vá ao quadro e escreva a seguinte sentença: *Chegou muitos cadernos*. (Os alumnos entreolham-se admirados.) Vocês estão notando alguma coisa de anormal naquella sentença?

(Toda classe). Estamos.

P. — Que é então ? Luis, será você capaz de fazer esta explicação.

A. — Sim senhora. Concordando o verbo com o sujeito, em numero e pessoa a sentença está errada e só pode ser assim: (escreve) *Chegaram muito cadernos*.

P. — Sim; o sujeito cadernos, é da 3.^a pessoa do plural, por isso, pede a forma *chegaram*, que é da mesma pessoa e do mesmo numero. A forma *chegou*, é da mesma pessoa (3.^a) mas não é do mesmo numero, é singular; portanto, não há concordancia de numero, ainda que haja de pessoa. Fiquem sabendo que taes erros graves, tomam o nome de solecismo. Eu digo: *partiu os meninos*; pratiquei algum erro ?

A. — Praticou um erro gravissimo: solecismo; em vez de *partiu os meninos*, deve ser *partiram os meninos*.

P. — Manoel, quantas formas de conjugação há ?

A. — Quatro; tres geraes e uma especifica.

P. — Quaes são as geraes Aloysio ?

A. — As dos verbos treminados em ar, er, e ir.

P. — E a especifica, Durval ?

A. — E' apenas a do verbo em or, pois a esta, pertence somente o verbo pôr.

P. — Sim, porque a 4.^a conjugação só tem o verbo por e seus compostos, *propôr*, *suppôr*, etc. Este verbo pertencia a 2.^a conjugação, no antigo portugês, pois tinha a forma poer, que se contrahiú mais tarde em pôr. Francisco, vá ao quadro negro escrever verbos da 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a, conjugação. (O alumno levanta-se e escreve:) *Cantar*, *soffrer*, *partir*, *propôr*.

P. — Quanto á conjugação, o verbo classifica-se em regular e irregular. Sabem o que é verbo regular e irregular ? Prestem attenção, vou explicar. Verbo regular, é aquelle cujo thema permanece invariavel e a terminação se flexiona de conformidade

com um typo geral ou modelo da conjugação chamada — *Paradigna da conjugação*. (A professora vae ao quadro e escreve exemplos para que os alumnos comprehendam bem a lição) *Cant-ar*, *cant-o*, *cant-arei*, etc.

José, não converse, preste attenção. Vamos agora saber o que é verbo irregular.

Verbo irregular, é aquelle cujo thema varia, ou o que se conforma com as variações do paradigma. (Escreva) *Faz*, *faz-er* — *faç-o*, *fiz*, etc. Os verbos irregulares da 1.^a conjugação, são: *dar* e *estar*; da 2.^a, *aprazer*, *caber*, *dizer*, *fazer* etc.; da 3.^a, *ir* e *vir*.

Ha verbos que não se podem conjugar integralmente, por effeito da euphonia e por effeito de sua predicção que se não pode applicar a qualquer sujeito. João, estes verbos como se dividem ?

A. — Em indefectivos e defectivos.

P. — Muito bem; o que é verbo indefectivo ?

A. — Professora, desculpe, estou esquecido.

P. — Vou explicar novamente; na semana passada, eu falei relativamente aos verbos defectivos e indefectivos, não é verdade ?

Verbos indefectivos, são aquelles que têm todas as formas constitutivas da conjugação integral, como: *pôr*, *fazer*, *mover*, etc.

Verbos defectivos, são aquelles que não têm todas as formas constitutivas da conjugação integral, como: *abolir*, *brandir*, *querer*, etc. Vou explicar a divisão dos defectivos.

Os verbos defectivos se dividem em impessoaes, unipessoaes e pessoaes.

Verbos impessoaes, são aquelles que na sua accepção propria se usam apenas nas terceiras pessoas do singular e não podem attribuir a ninguem; como, *relampeja*, *chove*, etc. Expressam estes exemplos os factos physicos da natureza.

Unipessoaes, são os verbos que na sua ac-

cepção propria se usam tanto na terceira do singular como na do plural e podem ter sujeito determinado, como: sussurra e sussurram, zurra, e zurram, etc.

Pessoas, são os verbos que têm as tres pessoas, mas, perdem as vezes uma ou alguma de suas formas, como: *precaer, brandir, rehaer, etc.* Compreenderam ? Quem não comprehendeu diga, porque na lição

vindoura explicarei novamente. Agora vamos estudar flexão conjugativa, modos, tempos, tempos compostos e verbos depoentes. E' inteiramente impossivel continuar a lição, porque como vocês ouviram, a sineta deu o signal para o recreio.

HELICIDIA ARAUJO LIMA.

Do Grupo Escolar "D. Pedro II"

O ensino publico em Alagoas

(Notas para posterior desenvolvimento)

(CRAVEIRO COSTA)

Uma fonte oficial se nos depara no estabelecimento do ensino publico em Alagoas, a Lei n. 21 de 15 de maio de 1835.

Temol-a, porem, simplesmente como ponto de partida de uma perquirição para não recuar demasiado estas notas. Porque é fóra de duvida que a nossa obra educacional precede ao advento da primeira Assembléa Legislativa da Provincia, consequente do Ato Adicional, de cuja autoridade emanou aquella Lei.

Em 1835 existia a instrução publica em Alagoas. Havia um curso secundario com aulas de retórica, filosofia, geometria, francez e latim em Alagoas, filosofia, latim e francez em Penedo, latim em Maciú, Atalaja e Porto de Pedras, e um curso primario ministrado por 29 escolas disseminadas por vilas e povoações, das quais 5 se destinavam ao sexo feminino.

Não ha estatística escolar desse tempo ; pelo menos nunca vimos. Mas é facil architectar. Em 1847 a população da Provincia, segundo os dados censitarios do dr. João Paulo de Miranda, oficialmente publicados em 1849, era de 207.776 habitan-

tes. Em 1835 essa população seria de 195.000 almas. Póde-se sem optimismo avaliar a população escolar em 20.000. Dando-se para cada escola, na hipotese favoravel de estarem todas elas providas e regularmente funcionando, 40 alunos, chegaremos ao resultado seguinte : para as 29 escolas primarias 1.160 alunos. Mais de 18.000 crianças ficavam sem instrução. E não é para admirar porque em 1842, na capital do Imperio, existiam apenas 25 escolas publicas com 1.243 alunos matriculados.

Em 1836, pela primeira vez, o ensino primario foi regulamentado (Reg. de 21 de outubro, autorizado pela Lei n. 21 de 9 de março.)

O presidente da Provincia ficava com o encargo de inspeção das escolas de primeiras letras, o que equivalia á legalisação do abandono do ensino primario. Traçava-se aos professores um plano de ensino, desde a aprendizagem do alfabeto, á caligrafia, ás regras da ortografia, á leitura, á taboada, ás quatro operações, á doutrina cristan, aos preceitos da gramatica.

O sistema Lencasteriano, obrigatorio desde 1827, dez anos depois dessa obrigatoriedade, era completamente desconhecido em Alagoas. Encontramos essa surpreendente revelação na Lei n. 3 de 14 de março de 1837. Por ela ficava o presidente da Provincia autorizado a "prover interinamente a cadeira de primeiras letras da cidade de Alagoas pelo ensino individual, até que appareça pessoa habilitada no metodo de Lencaster."

Escassearam pessoas idoneas para o magisterio, mesmo assim. E a Assembléa Legislativa, descoroçoada, tomou uma providencia decisiva: suprimiu a formalidade do exame e suficiencia. Bastava á investidura funcional: saber ler e escrever, conhecer regularmente a doutrina cristã, não ser de todo leigo nas quatro operações (Lei n. 29, de 13 de março de 1838).

Surgiram professores a razão de 200\$000 anuais. Foram providas algumas cadeiras, talvez todas, que "amansa-burros" não faltavam; rareavam os mestres.

Se o ensino primario arrastava-se assim penosamente, o secundario participava do mesmo infortunio.

De 1839, Espindola fornece-nos a seguinte estatística escolar :

Escolas primarias — 31 do sexo masculino com 1.500 alunos e 7 para meninas frequentadas por 196.

Cadeiras secundarias — 6 com 68 alunos — latim, francez, geometria e retorica em Alagoas, e latim e francez em Penedo. Cinco cadeiras haviam sido extintas. Retrogradara-se.

Mancando, andou o ensino publico até 1843. Procurou amparar-o o presidente Caetano Silvestre da Silva, dando-lhe organização em harmonia com o progresso do tempo. Administrativa e pedagogicamente foi remedio salutar.

Um Conselho Permanente de Instrução Publica, na capital; fornecimento gratuito

de compendios e traslados; jubilação dos professores, e preenchimento vitalicio das cadeiras, derogada a Lei de 1838 — eram as medidas capitais da reforma.

O ensino secundario só em 1849. (Lei n. 106 de 5 de maio) foi regulamentado, no sentido de sua metodisação, desenvolvimento e eficiencia, com a criação do Liceu, que passou a ser o centro de orientação pedagogica da Provincia. Extinguu-se o Conselho Permanente de Instrução Publica, passando as suas atribuições para a Congregação do novo estabelecimento.

A metodo de leitura repentina de Castilho fazia epoca. Era uma ruidosa novidade pedagogica. O governo mandou á Côrte um professor estudal-o — José Alexandre Passos, o nosso illustre filologo.

Cuidou-se em 1854 do ensino profissional. Foi creado o Collegio de Educandos Artifices, onde orfãos desvalidos podiam aprender primeiras letras, musica vocal e instrumental e officios mecanicos (Lei n. 234 de 7 de abril de 1854).

José Antonio Saraiva expediu o Regulamento do educandario. O collegio foi instalado em Jaraguá a 17 de setembro, sob a direcção do tenente-coronel João Belarmino dos Santos e vice-direcção do padre Getulio Augusto Vespasiano da Costa. Teve vida curta o educandario: 7 anos. Em 1864 foi extinto, pela Lei n. 371 de 5 de julho.

Até então se não cogitara da questão principal do ensino primario: a formação do seu professorado. Não havia na Provincia uma escola normal. Esse estabelecimento foi creado em 1854 (Res. n. 124 de 18 de junho), marcando-se-lhe um curso de dois anos.

Em 1870 a situação do ensino publico expressava-se assim :

Escolas masculinas 64 frequentadas por 3.492 meninos, escolas femininas 40 com 1.742 alunas.

O Lyceu era frequentado por 203 estudantes.

Computadas 64 escolas primarias particulares com 1.280 alunos aproximadamente e 5 collegios (internatos e externatos) com 392, teremos 173 casas de ensino proprio com 5.806 alunos.

A população nesse ano era de 310.585 habitantes, segundo Espindola, devendo existir cerca de 50.000 crianças em idade escolar.

A massa de analfabetos adultos, excluidos 48.815 escravos e os menores era formidavel. Era, de resto, a situação no paiz.

No Rio de Janeiro, capital do Imperio, no mesmo ano, existiam apenas 158 escolas, sendo 49 publicas e 109 particulares, com a matricula de 10.111 alunos. E a população escolar da Côrte contava-se por 39.230 alunos. Em todo o Brasil existiam 3.365 escolas com 105.906 alunos numa população escolar de 1.630.000.

Estava-se no segundo reinado, alvo atual das nossas mais comoventes tiradas sentimentais. Temos-lhe atribuido as mais formosas virtudes e assinaladas benemerencias. A verdade porem, impõe-se: o Imperio finou-se com uma grande divida popular — a alfabetisação do paiz.

*

• •

A Constituição de 25 de março de 1825 declarou gratuita a instrução primaria a todos os cidadãos, competindo, consequentemente, ao governo proporcional-a

Não só ministrar esse ramo do ensino publico, organisal-o e difundil-o eficientemente eram resultantes infungiveis daquella imposição constitucional. A Lei de 15 de outubro de 1827, propagando e regulamentando a instrução, consagrava a intervenção do Estado na educação mental do povo brasileiro, se não prescrevendo na epoca, ampliando-a, distendendo a

esfera educativa da população, pondo-a sob a egide tutelar do poder publico.

A reforma constitucional de 1834 outorgou ás Assembléas Provinciais a faculdade de legislar sobre o ensino primario. Essa decisão contida no artigo 10 do Ato Adicional parecia uma solicitação ás Provincias, por seus corpos deliberantes, no sentido de uma colaboração prestimosa na obra educacional que o Imperio iniciava. Mas assim não foi. O governo geral abria mão da tutela que a Constituição lhe impuzera, abdicando-a nas Provincias. Só no municipio neutro ficou a seu cargo o ensino primario e a sua regulamentação, alijando, por fim, esse encargo sobre a municipalidade.

Desde então a instrução primaria ficou privativa das Provincias, na sua legislação, na sua orientação e na sua propagação, como é hoje dos Estados. E nas Provincias, trabalhadas pelas competições partidarias, sem continuidade administrativa, desaparelhadas de recursos financeiros o ensino primario entrou pelo caminho da desorganisação e da deficiencia. Assim, pelo menos, em Alagoas.

Quarenta e tres anos depois do Ato Adicional, em 1877, o presidente Pedro Antonio da Costa Moreira, na sua *Fala* á Assembléa Provincial, asseverava que a instrução publica tinha sido “negligenciada na Provincia, mormente no que respeita ao ensino elementar”. E, textualmente, acrescentava :

“O numero de matriculados nos tres ultimos anos tem decrescido consideravelmente, e, quanto á frequencia, nos fornece esta uma prova bem triste em desabono do nosso progresso moral, se bem que para seu notavel decrescimento tenha concorrido a falta de recursos nos cofres do Thezouro e consequentemente na bolsa-particular.”

Citava cifras, pondo a chaga a descoberto :

“A frequência do ano passado foi inferior a do ano de 1875 em 649 alunos e á de 1874, em 713, e isto mesmo se quizer-mos dar credito aos mapas dos professores, que, por conveniência propria, segundo informa a Diretoria, abusam ao ponto de aumentarem o numero de frequentes.”

E, desalentado, proseguiu o presidente :

“Confrontae esse resultado com o censo a que se procedeu em 1872, pelo qual se verificou que de uma população de 78.470 meninos, de 6 a 15 anos de idade, sómente frequentavam as escolas 9.483, e tereis, levando ainda em conta o augmento moral e progressivo da população e o pouco aproveitamento dos frequentes, o nivel vergonhoso a que tem baixado a instrução popular em nossa Provincia”.

Era um libelo. Mas o presidente parecia equivocar-se: a instrução popular não decaira do seu nivel porque nunca o tivera superior: mantinha-se em acordo com o nivel moral da população. Esse sim é que era vergonhoso, o mesmo degradante atraso moral e mental de 1835.

O presidente tinha em preparação uma reforma — que já era nesse tempo o paliativo. Impugnava — ele que causticava o atraso vergonhoso da população ! — a obrigatoriedade do ensino primario estabelecida pela Res. n. 743 de 8 de julho de 1876, suggeria a conveniencia do ensino mixto e lembrava a graduação das escolas.

Desde 1876 que uma comissão elaborava a regulamentação daquela Resolução ; mas essa comissão dormia pachorrentamente e o problema continuava insolúvel. A comissão foi, por fim, dispensada de seu encargo e substituída por outra — Mariano Silva, Adriano Jorge e Inacio Costa.

Essa não foi melhor sucedida. Tudo continuou como dantes.

Em 1882, o vice-presidente Eutiquio Gama, passando o governo da Provincia ao presidente Domingos Antonio Raiol, informava :

“Este ramo de administração necessita ser colocado em condições de corresponder ao sacrificio da Provincia, que com ele despense anualmente mais da quarta parte de suas rendas.

E o dr. Henrique de Magalhães Sales, era da mesma opinião :

“Este ramo de serviço está necessitando de reforma séria e refletida que torne em realidade o empenho do governo pelo progresso da instrução”.

E adiantava :

“nada se ha adiantado quanto á fiscalisação, melhoramento das condições do professorado e aquisição de utensis para as escolas”.

Depreende-se desse remate da informação oficial que a culpa da penuria pedagogica e administrativa do ensino publico era do governo da Provincia, a cujo cargo estavam a fiscalisação do ensino, a situação de magisterio e a instalação conveniente das escolas.

Nesse tempo, talqualmente hoje, o mal era o mesmo, porem o remedio estava nas mãos da administração e se o não applicavam o libelo presidencial resultava improcedente.

Entretanto não faltavam leis, programas e reformas. O professor primario, pessimamente remunerado, era um servo da politica, constantemente de Herodes para Pilatos e dessa sua condição miseranda vingava-se, descurando o ministerio e palmatoando a petisada. A escola era era lobrega e os procesros de educação em geral embrutecedores. Crear a escola e nomear o professor era o dever do gover-

no; mas a instalação escolar, os metodos de ensino, a fiscalisação pedagogica e a eficiencia educacional não entravam nas cogitações officiais. Assim ainda hoje...

A população ignorantissima desinteressava-se do ensino primario. As reformas, por isso, se tornavam ineficazes.

A despeza com o aparelho de instrução publica, em 1870, era 93.794\$685. Mantinha a Provincia 104 escolas primarias com 5.234 alunos, computando-se em... 50.000 a população escolar. A população de Alagoas nesse anno era de 310.585 habitantes.

A ultima lei orçamentaria da Provincia acusava a existencia de 184 escolas de primeiras letras com 6.500 alunos aproximadamente. A população excedia de... 660.000 almas, sendo a população escolar 100.000 mais ou menos.

Resumamos os dados comprobatorios da evolução da instrução primaria :

Anno	Escolas	Alunos	Pop. Escolar
1835	29	1.160	20.000
1838	38	1.696	22.000
1807	104	5.234	50.000
1872	116	5.558	78.470
1889	184	6.458	120.000

Se á instrução primaria ministrada particularmente dermos o numero de 6.000 alunos, mesmo assim chegaremos a evidencia de que a obra educacional do Imperio, na Provincia, foi deploravel. Quanto ao numero, quanto aos resultados e quanto á ação direta do governo no mecanismo escolar — ausencia de fiscalisação, de instalação, de metodisação e de garantia para o magisterio.

A Republica encontrou analfabeta a grande massa proletaria. Analfabeta e sem educação profissional.

Ao finar-se o regimen monarchico havia em Alagoas um nucleo notavel de educadores e professores. Eram Diégues Ju-

nior, Francisco Domingues, Domingos Moeda, Adriano Jorge, Inacio Costa, D. Cantidiana de Bulhões, Francisco Goulart, Joaquim Inacio Loureiro e alguns outros. Foram mestres e guias de muitas gerações.

Quasi que se lhes deve tudo que a monarchia legou á Republica em materia de ensino.



Ao findar do regimen monarchico, o ensino publico era ministrado na Provincia no Liceu Alagoano, ao qual funcionava anexo, um curso normal, no Liceu de Penedo e em 193 escolas primarias, frequentadas por 6.458 alunos.

A ultima lei orçamentaria provincial consignava á instrução publica..... 238.703\$969 reservando ao ensino primario 206.233\$969. Era a quinta parte da receita provincial. Não se mostravam aváros os poderes publicos.

De prodigalidade até se os pode acusar, pesados e medidos os resultados reais desse serviço publico. A ação official não ia além da criação da escola e da nomeação do professor.

O mais ficava a mercê do acaso. "Não se ha adiantado quanto á fiscalisação, melhoramento das condições do professorado e aquisição de utensis para as escolas", lamentava-se o presidente Magalhães Salles, dos ultimos que teve Alagoas.

E se considerarmos que a eficiencia do ensino primario depende da idoneidade do magisterio, da instalação escolar e da fiscalisação, concluiremos que o problema continua insolúvel em Alagoas como, aliás, não o resolvera a monarchia em todo o Brasil.

O novo regime politico encontrara á frente da instrução publica em Alagoas o dr. José Antonio Duarte, substituindo interinamente o dr. Silverio Tertuliano de

Almeida Lins. Seguiram-se outros gestores do ensino publico: João Gomes Ribeiro, Diegues Junior, Joaquim José de Araujo, Francisco Domingues da Silva, Pedro Nolasco Buarque de Gusmão, José Bernardo de Arroxelas Galvão, Virgilio Antonino de Carvalho, Antonio Tolentino da Costa, administrações curtas, até 1896, sem continuidade de orientação, meramente burocraticas. Desse tempo um instituto serio e util, que acharam demasiado e desapareceu, por isso — O Pedagogio. De 1896 a 1904 foi um só periodo de direção. Preencheu o sr. dr. Bernardino de Senna Ribeiro.

Em 1896 existiam em Alagoas 236 cadeiras de instrução primaria, frequentadas por 9.075 menores, dos quais 4.784 do sexo feminino. As escolas modelo registravam a matricula de 198 alunos. Difundira-se o ensino primario, mas as suas condições de funcionamento e eficiencia não haviam melhorado.

“Já muito tempo se ha perdido, dizia em relatorio o dr. Bernardino Ribeiro, com reformas sem proveito ; já muito se ha cogitado e pouco obtido sobre esse ramo de serviço, e a experiencia não cessa de mostrar-nos que enquanto tivermos instrução sem casas escolares, escolas sem mobilia e material apropriado, desprovidas de todos os outros meios praticos, o ensino não será uma realidade; tel-o-emos sempre mentido, uma ficção, nunca porem uma verdade; e assim tudo tenderá a baixar desde a aptidão e idoneidade dos mestres até a direção e fiscalisação, que são a bussola da instrução.”

O mal se inveterara no organismo do ensino publico. E subsiste... As reformas, de fato, já não podiam ser remedio eficaz, porque tinham degenerado em panacéa.

No Liceu, promiscua e simultaneamen-

te com o ensino secundario funcionava o curso normal, frequentado apenas por 36 alunos. Reclamava o Diretor a descentralisação desse curso, para o efeito da liberdade do ensino normal, cujas vantagens recomendava ao governo, “contanto que os exames das respectivas materias fossem prestadas na epoca regulamentar, simultaneamente com os alunos do Liceu.

Nesse tempo os exames naquele estabelecimento haviam atingido á extrema demoralisação. A sugestão da Diretoria, longe de preparar professores, abria a porta do magisterio á incompetencia.

O governo, parece, limitava-se a receber os relatorios anuais da Diretoria da Instrução Publica, dando-lhes o destino que, em geral, têm esses documentos officiais.

Porque alvîtres aproveitaveis sempre houve. O ensino publico, porem, não avançava, para melhorar. Creavam-se escolas e nomeavam-se professores...

Mais nada. Tanto assim que, em 1899, José Duarte, secretario do Interior, informava ao governador :

“A instrução publica primaria no nosso Estado não têm, em seu aspecto geral, a significação pratica indispensavel aos seus diferentes grãos e pela qual verdadeiramente se afere o alto valor de sua utilidade.”

Conitudo uma legislação copiosa havia sobre instrução publica. As reformas successivas iam consignando, em traços gerais, os principios capitais das melhores organizações. Mas as reformas tinham a vida efemera dos jornais que as publicavam. Não se faziam para serem executadas.

A instrução secundaria era dada no Liceu Alagoano, em quatro cursos: Sciencias e Letras, Normal, Commercial e Agrimensura, e no Liceu de Penedo.

Em 1899 a estatística escolar fora a seguinte :

Liceu Aagoano: 12 alunos matriculados no Curso de Agrimensura, 79 no Normal, 7 no Comercial, 7 no de Sciencias e Letras e 80 em diversas materias avulsas. Total 185. No Liceu de Penedo a matricula fora de 122 alunos. Mas o nosso Liceu tornara-se uma verdadeira fabrica de exames de preparatorios. De todos os Estados, na epoca regulamentar, afluíam moços candidatos aos nossos *faceis certificados* que lhes dariam ingresso nos cursos superiores do paiz.

Em 1899 foram aprovados em Maceió... 1.265 rapazes e no ano seguinte 980 !

O ensino primario registrava as seguintes cifras :

251 escolas com 9.872 alunos matriculados e 8.694 de frequencia. As quatro escolas modelo matricularam 174 alunos.

Havia o ensino particular, quer secundario, quer primario. Mas não havia uma só escola municipal. Os Municipios, como atualmente, descarregavam todo o peso do ensino primario sobre o Estado.

Ao deixar, em 1904, a direção da Instrução Publica o dr. Bernardino Ribeiro, havia uma nova reforma a ser executada no ano seguinte. Crearam-se dois grupos escolares.

Para o ensino primario a estatística escolar acusava a existencia de 243 escolas, alem das modelo com 10.407 alunos; 143 no Liceu e 216 no Liceu de Artes e Officios, que de *artes e officios* só tinha o nome.

Com a aposentadoria do dr. Bernardino Ribeiro, em outubro de 1904, foi nomeado Diretor da Instrução Publica o dr. Alfredo de Araujo Rego, cuja administração foi a mais longa que já teve o ensino publico em Alagoas. — dez annos. Não foi somente a mais longa, foi tambem a mais proveitosa.

A sua capacidade, á sua energia, á sua

dedicação deve Alagoas um periodo brilhante e eficiente na administração do ensino publico.

Não foi um burocrata, foi um organizador, um disciplinador, um verdadeiro diretor.

Combatido e mal julgado, já é tempo de, revivendo com imparcialidade esse decenio, fazer-lhe justiça.

*

• •

Ao decimo sexto ano do regimen republicano o ensino publico em Alagoas decaira, ou melhor, se avultara na despeza estadual, não se recomendava pela sua eficiencia. Porque aumentar o numero de escolas sem prover a casa escolar do material pedagogico e mobiliario indispensaveis ao fim educacional e sem entregal-a a mestre que alie a competencia á dedicação ao magisterio, não é precisamente concorrer para a verdadeira utilidade do ensino e educação.

Estamos diante de um documento de sinceridade dolorosa: o primeiro relatorio do sr. dr. Alfredo de Araujo Rego, diretor geral da Instrução Publica. E' um libelo formidavel.

“Causas estranhas aos interesses gerais da comunhão, diz o ilustre pedagogista, influindo de modo detrimetoso na gestão dos publicos negocios, atinentes á instrução popular, vão determinando o seu aniquilamento, gerando a anomalia administrativa conhecida entre nós com o nome de — Instrução Publica — que outra coisa não é senão a burla que sob este pomposo titulo figura nos quadros do nosso orçamento, sobrecarregando de onus pesadissimo, e quasi inutil, o erario publico”.

O ensino publico a esse tempo, na opinião autorizada de seu diretor, era simplesmente, nuamente, uma *burla*, uma *anomalia administrativa*. Porque a ação governamental, rumando caminho oposto á

orientação que á Instrução Publica procuraram imprimir alguns dos seus diretores, não tinha a escola como uma oficina onde se prepara laboriosa e inteligentemente a alma do povo e nunca viu no professor o artifice abnegado dessa obra magnifica de perfeição popular. Absorvido pela politica de seu partido, cujos interesses collocava acima dos interesses coletivos, via o governo na escola e no mestre simples elementos de exito faccioso com que fortalecia a dedicação dos chefes locais.

As casas escolares eram "infectos casebres", privados de todo conforto, onde vemos immobilizados deante de um individuo qualquer, arvorado em professor, grupos de timidias creanças, a se imbecilizarem nas rotineiras tarefas do silabario, da taboada e do catecismo.

Não havia uma só escola instalada em predio proprio; todas funcionavam em casas comuns, desprovidas dos requisitos de higiene, de aluguel. O mobiliario em algumas era antiquissimo; em outras era o proprio mobiliario do professor; em muitas "caixas vasias de kerosene", e havia escolas em que os alunos se sentavam no proprio solo, "como se viu até o ano passado n'um dos grupos da capital".

Quanto á profissão nobilissima do professor, essa, chegara ao extremo rebaixamento moral "a confundir-se com os meios de vida ordinarios, simples ganha-pão de uma tantas mediocridades, que exploram-na com a sofreguidão de quem não tendo aptidão para mais nada, dela se socorrem como o mais facil e ultimo recurso."

Salvaram-se dessa desmoralizante generalidade senhoras virtuosas e homens distintos de regular cultura literaria, mas sem o preparo profissional, que eram, com-tudo a esperança da Diretoria.

O resto, dizia o dr. Alfredo Rego, "um mulhero quasi ignorante, fanatico, de idéas atrasadas e costumes grosseiros, des-

tacando-se dentre elas algumas de moral duvidosa".

Era um descalabro ! E excetuado um pequeno grupo, o diretor da Instrução Publica era de opinião que melhor fôra dispensar o governo o resto, licenciando-o, já que outra medida não permitiam as demasias liberais da legislação escolar.

O curso normal não tinha professorado proprio nem tinha casa sua. Era absurdamente anexado ao Liceu Alagoano, a cujas disciplinas estava adistrito. Não tinha um programa especial. Não se cuidava de preparar professores. Abandonado e desorganizado, desmoralisara-se. "Refugio das *crias de estimação* e de raparigas atoleimadas e sem recursos pecuniarios, transformou-se em instituição de caridade, onde a custa da ruina de gerações inteiras, se *formava dote para moças pobres*".

No Liceu Alagoano imperava a indisciplina. Os alunos não frequentavam as aulas, preferindo entregar-se a assuadas e excessos á porta do edificio, e quando entravam no estabelecimento danificavam o mobiliario escasso e escreviam pornografias nas paredes.

As *moças pobres*, que cavavam o *dote* do curso normal, viviam em promiscuidade com esses rapazes, mas não sabemos se, como eles, vaiavam os transeuntes e escreviam *coisas feias* nas paredes...

Os exames de preparatorios dos diferentes cursos do Liceu eram conhecidos como os mais desmoralizados do paiz.

E tais coisas nos diz o ilustre sr. dr. Alfredo Rego no seu relatorio de 1906, que só podemos concluir pela inexistencia do ensino publico em Alagoas. Havia apenas uma fonte de despeza, a pesar sobre o povo, com o pomposo titulo de Instrução Publica.

Teria S. S. carregado demasiado nas côres do quadro ?

Achamos que não. O que assombra, ao ler-se hoje esse extraordinario documento, de cuja contextura resalta a capacidade pedagogica do seu autor não é o grão de desmoralização a que chegara o ensino publico entre nós, é a coragem, a franqueza, a lealdade patriótica com que S. S. denunciava verdades sabidissimas do publico mas ainda não ditas em papel oficial.

Foi o sr. dr. Alfredo Rego diretor geral da Instrução Publica durante dez anos. A enfermidade que combalia o organismo desse ramo de administração, oriunda de causas varias e antigas, foi combatida com resultados apreciaveis.

A sua obra representa um serviço inestimavel á Instrução Publica em Alagoas.



Pela primeira vez a Instrução Publica tinha á sua frente, na pessoa do dr. Alfredo Rego, um homem que se dispunha a reagir energicamente contra um lamentavel estado de desordem que reduzira a extrema desmoralisação o ensino publico em Alagoas.

Nessa obra de levantamento moral e de eficiencia pedagogica, o Diretor da Instrução Publica teve a seu lado, a ajudal-o e a prestigial-o, Diégues Junior, Virgilio Antonino, Otaviano Loureiro, Domingos Cardoso e Agnelo Barbosa.

A' Instrução Publica foi dada uma nova regulamentação, que vigorou até 1912. As medidas contidas na reorganização foram, pouco a pouco, entrando em vigor. Basta enumerar o que se fez para avaliar a importancia da obra.

O edificio do Liceu Alagoano, depois de passar por obras gerais, recebeu as seguintes instalações: um *gabinete de física*; um *laboratorio de química*, um *gabinete de historia natural*, com as respectivas seções: mineralogia, geologia, zoologia e botânica; uma *biblioteca* com 2.000 volumes

utilissimos, frequentada diariamente; um *portico de ginastica*, convenientemente montado e dispendo dos mais modernos aparelhos; um *sala de armas* para educação militar dos alunos; um *aparelho cinematografico*.

A par dessas intalações e melhoramentos introduzidos em o nosso principal estabelecimento de ensino, providencias outras foram tomadas atinentes ao regular funcionamento das aulas, á moralização dos exames e á disciplina interna por parte dos discentes.

O Liceu Alagoano passou a ter uma "disciplina de colegio particular bem organizado".

Os rapazes que o frequentavam já não vaiavam os transeuntes, não escandalizavam as familias da vizinhança, não danificavam o mobiliario, não escreviam pornografias, nas paredes. Ao contrario disso, frequentavam com assiduidade as aulas, agora funcionando regularmente; visitavam diariamente a bibliotheca; dedicavam-se á ginastica e aos exercicios militares; organizavam sociedades literarias sob inspiração do diretor, e o edificio chegou a ter um teatrinho onde, de vez em quando, os alunos faziam representações e festas encantadoras.

Pela primeira vez, em Alagoas, no Liceu, se cuidou da educação fisica da mocidade. Havia diariamente exercicios de ginastica sueca sem aparelhos e de ginastica em aparelhos apropriados, dirigidos pessoalmente pelo Diretor com regularidade e pelo metodo de Ling.

Fazia-se na Secretaria do estabelecimento a inserição dos alunos para esses exercicios, e registavam-se as cifras relativas ás mensurações antropometricas bem como os coeficientes da robustez. Em ginastica pedagogica o dr. Alfredo Rego tornou-se um especialista completo.

Os exercicios militares eram alternados

com os de ginastica, ás tardes. Muitas vezes os alunos do Liceu Alagoano, a esse tempo, exhibiram-se em publico em marcha, evoluções e paradas, uniformizados, com garbo verdadeiramente militar. E alguns alunos alcançaram cadernetas de reservistas do exercito, solenemente entregues pelo general Marques Porto.

A educação civica foi tambem uma das constantes preocupações do dr. Alfredo Rego. Nas vespersas dos dias da festa nacional, os lentes faziam preleções acerca do fato historico do dia seguinte.

O Diretor consagrara-se de corpo e alma ao seu cargo, desburocratizando-o.

Não existia uma Escola Normal ; havia um curso normal anexado ao Liceu, frequentado por mocinhas á cata de um dote. Não era uma instituição destinada, como hoje, a preparar professores. As aulas eram promiscuas e as candidatas ao magisterio não precisavam desenvolver o menor esforço porque havia a opinião absurda de que "moça não se devia reprovar".

O dr. Alfredo Rego pôz côbro a essa situação desmoralizante do magisterio. Foi creada a Escola Normal de Alagoas e, por isso, foi mister extinguir o Liceu de Penedo.

Como Diretor da Instrução, o dr. Alfredo Rego, sempre ligou muita importancia a feição pratica do ensino normal, porque, compreendia ser a Escola Normal uma instituição destinada a preparar profissionais do ensino, a tecnica especial dessa profissão devia merecer toda a atenção do corpo docente. Aulas praticas frequentes; exercicios de ensino com applicação de metodos modernos, ora na propria escola, ora na Escola Modelo, conferencias pedagogicas, pelos lentes e pelos alunos, tudo foi posto em pratica para formar o preparo tecnico dos futuros professores.

Creou o dr. Alfredo Rego a Caixa Es-

colar, traçou o plano do mobiliario das escolas primarias, procurando abastecel-as do necessario ao seu funcionamento e fim educativo.

A pleiade brilhante de professores, que hoje honram o magisterio alagoano, vem desse tempo, foi formada no ambiente que o dr. Alfredo Rego creou no ensino normal.

Foram dez anos de trabalhos incessantes, rumando um fim altamente patriotico, um decenio de dedicação, de utilidade, de eficiencia.

Vencendo empecilhos tidos como irremoviveis, contrariando interesses pessoais que o filhotismo amparava, combatendo abusos cronicos, estirpando vicios inveterados, o dr. Alfredo Rego levantou contra si a onda dos despeitados; nada o demoveu de seu proposito de levantar o nivel moral do ensino publico em Alagoas. E conseguiu.

Alagoas deve-lhe um grande serviço, dos maiores que lhe podia prestar um alagoano.

(Continúa)

HISTORIA DO MENINO GERALDO

Geraldo é um menino de seis annos de idade.

Todos os dias, ele, pelas nove da manhã enverga o uniformezinho de caki, com botões amarelos, enterra a cabeça num bonné hediondo, passa ao hombro a correia da malêta á tiracolo, em a qual se contêm os livros e mais objetos escolares; e marcha, têsso, rumo ao collegio, onde vae aprender a lêr.

Lá o espera uma professôra pacientissima, criatura das muitas que se santificam em vida, numa beatificação anonima, que

jámais lhe renderá a pompa de um altar.

Sentado á sua carteira, aguarda o menino Geraldo a hora de ser chamado á lição. E essa hora chega afinal. Chamado á lição abre Geraldo a sua cartilha, e lê, cantadamente, olhando não para o livro, mas para um pequeno que está lá ao canto e veiu de roupa nova :

Vovô viu a ave

A ama do menino

O pobre pede pão

E por aí fóra vai o menino Geraldo cantando quanto lhe guardou a memoria, sem compreensão alguma dos valores graficos de cada letra, sem conhecer, muita vez, as letras que formam cada palavra da sentença.

Se lhe apresentarem uma cartilha, que no alto da página tenha :

O rato roe a roupa

Geraldo, que decorou bem a primeira lição da pagina de sua cartilha, dirá sem pestanejar :

Vovô viu a ave

que isso é o que decorou em primeiro lugar, na lição do dia.

Como, porém, não houve troca de cartilhas, então a professora não põe maior duvida ao caso, e para todos os efeitos, Geraldo soube a sua lição.

E assim aprende a ler o menino Geraldo, na escola publica moderna, em que se emprega o processo da *sentenciação*.

Pobre Geraldo !

Antigamente, no tempo em que rotineiramente se usava o metodo da *soletração* o menino começava a alfabetizar-se conhecendo, antes de tudo, o valor da letra; em seguida aprendia a combinação de letras, os efeitos de suas justificações, contrações, e combinações. E assim entrava no conhecimento da silaba. Quando já era capaz de ajuntar letras, compondo silabas, então entrava a com ellas construir vocabu-

los, de tes passando mais tarde a formar sentença.

De modo que se adextrou a inteligencia da criança, não como se adextra a inteligencia dos irracionais, pela memoria sensitiva das coisas; mas adextrava-se a criança tendo-se sempre em mente que a criança era especificamente um homem, isto é, adextrava-se-lhe o raciocinio.

Quando uma criança chegava a ler a palavra *vôvô*, ella já sabia que *v* junto a *ô* fizia *vô*; e, como isso se repetia no mesmo corpo vocabular, ella lia racionalmente ;

Vôvô

Hoje as crianças que lêem a palavra *vôvô*, não sabem ler a palavra: *viva*, porque as imagens dos todos são diferentes, e elas ignoram o valor dos elementos graficos.

Pela maneira antiga a criança apreendia a noção do elemento *v* e a do elemento *ô*; e toda a vez que topava com o grupo *vô*, repetido, armava, no seu cerebrozinho rapido :

v-ô faz vô;

outra vez

v-ô faz vô;

lôgo isso tudo junto faz *vôvô*.

Esse raciocinio é o mesmo que desenvolve qualquer pessoa letrada quando topa com um vocabulo.

E' instantaneo quando a linguagem é escrita, porque aí se vê o vocabulo inteiro diante dos olhos; é mais lento quando o vocabulo lhe vem pelo telegrapho sem fio, letra por letra.

Uma criança do tempo antigo leria indiferentemente na cartilha ou numa camara de T. S. F.

Vôvo viu a ave

porque ella formára a frase com palavras, depois de haver formado as palavras com silabas, e estas com letras.

De sorte que *v-ô*, escritas ou dadas em signaes fonicos, resultariam sempre *vô*.

Hoje a criança receberia a letra *v*, cujo valor ella ignoraria; o mesmo havia de succeder com respeito ao *ô*; e ella não leria coisa alguma.

De tudo isso decorre que, na criança de hoje, o raciocinio posto á margem, destreinado, atrofia-se, oblitera-se, embota-se; o que obriga e habitua a criança a descansar animalmente na memoria sensitiva. E d'ahi já se sabe: começa por detestar a matematica, não consegue entender a filo-

sofia e acaba por não compreender coisa alguma.

Assim é que, do menino Geraldo, que vae fardadinho com aquele boné hediondo, á escola onde se ensina a lêr pelo metodo moderno na *sentenciação* — não será já-mais de esperar-se que surja um geómetra, um biologo, um legislador ou um estatuario; d'elle coitadinho, surgirá quando muito um excelente *goal-keeper*.

Mendes Fradique.

NOITE D'INVERNO

Ambiciosa, a minha'alma foi outrora
 Gracil repuxo que no ar subia;
 Hoje, desenganada, é fonte fria;
 Não sobe, desce; já não canta, chora...

Nesta noite sem termo, vejo-a agora
 Sosinha e cheia de melancolia:
 Abre um livro, mas breve se enfastia...
 Chega á janella: tudo é negro fóra...

Senta-se triste á luz do candieiro:
 Pega nas cartas, mas não tem parceiro,
 Pega na roca, e não desfia o linho...

Atiça o lume, e tem as mãos de neve...
 A pena molha, hesita... e nada escreve...
 Põe-se a beber, mas acha azêdo o vinho...

EUGENIO DE CASTRO

AMBIENCIA ESCOLAR

(LUIS ACCIOLY)

A hygiene como problema social, até ha pouco visava unicamente um objectivo que se restringia á defesa dos seres ameaçados, pela aggressividade do meio ambiente, na sua integridade physiologica, isso com uma preocupação, mais ou menos limitada, dos recursos da prophylaxia com as possibilidades da nossa resistencia organica.

Hoje, porém, uma outra importancia reveste o magno problema, abrangendo não sómente o individuo em contacto com o meio, mais ainda o conjuncto da sua individualisação como formadora da raça, do padrão da nacionalidade, dum factor desdobravel em valores.

Mens sana in corpore sano.

Foi esta a legenda que, no pedestal da ostentação plastica da força e da belleza, esculpiram os povos antigos mais representativos da eugenia e da supremacia racial.

Mas naquelles tempos era muito mais facil gravar na fachada dos templos das olympiadas a legenda immortal, o que não occorre, hoje, que o homem veneido pela vida, sente mais a ansia de extinguir-se do que a alegria de viver.

Na Grecia de Péricles o homem vivia o hausto de belleza da instantaneidade dos magnificos aspectos da vida, em contraste com este seculo de vertigem que produziu o aeroplano e elimina as massas humanas no circulo fulminante dos gazes asphyxiantes.

Desse contraste podemos concluir que a defesa do ponto de vista da nossa conservação como especie privilegiada, persiste não já naquelles processos de imunização,

limitadas a uma acção combativa a uns tantos inimigos conhecidos ou possiveis de conhecer.

Pode-se affirmar que o microbio que ameaça a estabilidade humana, é simplesmente um producto da decomposição moral da sociedade actual.

A sua *caldá de cultura*, está na mentira, no convencionalismo, na covardia de todas as nossas intenções, no nosso descorajamento a caminho das bellas attitudes, da verdadeira finalidade que nos rumasse ao destino traçado pela natureza, pela bondade e pelo amor.

E' assim que nos devastamos a nós proprios e por uma mysteriosa necessidade de nos irresponsabilizarmos, creamos os inimigos imaginarios causadores dos males que a nós proprios causamos.

Na curva, pois, onde se atocaiam todas essas sombras, que não são mais do que os phantasmas, das nossas vacilações, dos nossos desfalecimentos, devemos construir, mesmo no rescaldo dos nossos desvarios, dos nossos erros, o templo dos que nos sucederão, melhores e mais completos, no scenario de um outro destino social para o qual não estamos ainda aparelhados.

A prespectiva é de uma nitidez meridiana. Nella não ha uma sombra, uma curva, um desvio, onde a mentira se embuce ou o artificio se mascare: ou aceitamos a lucta para vencer ou ficaremos vacilantes no amortalhamento da indecisão e da derrota.

Nessa perspectiva está desenhado o destino da criança, que é o proprio destino da patria, da raça, da nacionalidade.

Falar na criança, no seu destino como

a formadora da feição desse outro Brasil, dessa outra patria engrandecida na sua finalidade, é interrogar o que se tem feito por ahi em torno do problema do ensino e do preparo da alma infantil.

A criança é um bloco que as mãos desse artifice que é o mestre, o esculptor da sua formação, devem trabalhar com o mesmo ardor do artista de genio, que anima o marmore e faz vibrar na pedra inerte a scintilla da belleza e da perfeição.

Na criança o reflexo dessa beleza deve revelar-se na plastica do seu caracter, moldado na comprehensão de tudo que dignifica a vida e o trabalho. Do mesmo modo que o sentimento da perfeição deve accumular-se no seu ser em evolução até formar a cellula consciente da sua integração com um todo harmonioso, util e intelligente.

No meio de tudo isso surge o problema relevantissimo da casa da criança. Da officina ideal onde deve ser trabalhado esse marmore divino, soprado pelo halito creador do mestre; essa argila que se transformará em preciosas reservas de energias, de força miraculosa, para a construcção de tudo que está por fazer na immensidade deste Brasil, a desafiar e *fiat* dos creadores de realidades.

Não estamos, porem, na epoca em que se creavam mundos em seis dias; no periodo de inauditismos ingenuos, a sciencia funambulesca dos thaumaturgos.

Todo segredo da descoberta das grandes verdades que se occultam no seio da terra, no mysterio dos céos, na consciencia do homem, está nos dominios collosaes das sciencias positivas.

A estas está reservada a tarefa de produzir coisas sensacionaes, muito mais impressionantes do que o acervo das lendas e dos factos milagrosos.

Nesse particular a sciencia medica, aparelhada de processos novos, de novos re-

curso, capazes de todos os milagres, de todos os assombros, realizará a renovação do nosso mechanismo social.

A tuberculose, a syphilis, o rachitismo, que são os maiores, os mais temiveis inimigos das crianças, os seus dizimadores implacaveis na agglomeração das escolas, concorrendo para o total apavorante das estatisticas da mortalidade infantil, terão que ceder ás medidas de defeza prophylactica, á acção da hygienização moderna.

Agora mesmo, na França, o Dr. Calmette, autor da vaccina contra a tuberculose infantil, encontra-se á frente de uma benemerita campanha de defeza da população das escolas, protegendo-a contra aquelles flagellos que a ameaçam impiedosamente.

As escolas, na França, têm soffrido modificações collossaes. A criança não é mais submettida ao regimen do enclausuramento entre as quatro paredes de um compartimento, muitas vezes indesejavel.

Já se contam, na Belgica, na Alemanha, na Suissa, na Hollanda, nos Estados Unidos e na propria Argentina, escolas ao ar livre, ao sol, em plena natureza, como medida de defeza contra os perigos da infecção resultante do grande numero de crianças aglomeradas no espaço deficiente dos salões escolares.

Tudo isso já não constitue novidade nos grandes meios civilizados. Já em Londres, ha muito tempo, o Dr. Bernard fundou com o auxilio exclusivo da iniciativa particular, sem intervenção do governo, pelo menos no começo, a bella instituição de assistencia e ensino a crianças abandonadas, estabelecimento que tomou o nome de seu fundador.

Refiro-me á fundação *Bernard' House*, unicamente para frisar o criterio que prevaleceu na organização dessa notavel iniciativa, no ponto de vista do carinho, bem estar, hygiene, harmonia ambiente, de

onde saíram e continuam a sair os mais preciosos elementos de utilidade pratica para todos os departamentos do trabalho na Inglaterra e suas colonias. O Dr. Bernard levou seu carinho e seus desvelos pela causa da criança a um ponto tal de eficiencia moral e pratica, que além do estabelecimento de Londres, fundou um outro que teve o nome de *Bird Castles*.

E' bem do que estamos precisando. Da fundação dessas escolas modelares com o nome de casas dos passarinhos, verdadeiras colmeias onde se deve agitar, laboriosos e sadios, os lindos enxames.

Porque enclausurar a criança, num bello paiz como o nosso, cheio de sol, de vibração, de colorido, e perfumados ambientes ?

Ponhamos a criança em contacto com a natureza. Sómente ella é o bem, a saude, a alegria; habituemos a criança a amar os bellos aspectos do campo, das aguas, das flôres, dos passaros; eduquemol-a no culto á terra, onde repousam as grandes energias de que necessitamos para a formação do padrão da nossa individualidade como povo, nação, organização, trabalho, riqueza e estabilidade económica.

Fóra disso será a continuação do que estamos vendo: o germen da nossa desorganização na politicagem, na intriga, na indecisão, na anarchia, nessa inconsciencia do que podiamos ser e não somos pela inversão do nosso esforço mal aplicado.

Edifiquemos, então, na esperança da criança as bases solidas e inadiaveis do Brasil de amanhã, curado de todas as suas mazelas, sadio e forte, vestido com a verdadeira roupagem da sua opulencia nobre e honesta.

O trabalho do homem, é tanto mais productivo, quanto mais cultivada a sua intelligencia.

HORACIO GREELEY

A MELHOR HIGIENE NA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Falando *A Noite*, o Dr. Massilon Saboya, uma grande autoridade em higiene escolar emitiu a seguinte opinião :

No meu entender, as mais urgentes necessidades para a eficiencia exata das escolas são: — a) predios escolares; b) organização da merenda; c) clinicas infantis especializadas; d) seguro escolar obrigatorio; e) classes ao ar livre, colonias de ferias, preventorios, escolas para retardados e anormais; f) campos de recreios organizados: educação fisica das crianças ; g) educação sanitaria ; h) melhor aproveitamento das funções do medico escolar : serviço de enfermeiros auxiliares; i) consolidação de escolas e melhor transporte na zona rural. O que exponho representa a sintese de todo um vasto programa, a aproximada perfetibilidade da organização escolar, tal como se exerce em muitos paises europeus e alguns americanos, notadamente na Suissa e nos Estados Unidos. Não cogito de saber se esse programa poderia ser realizado, entre nós, de momento: exponho o plano com um padrão afiançado na pratica.

— A higiene escolar, propriamente ?

— E' um ponto. As escolas norte americanas são, a esse aspecto, modelares. Nada lhes falta no que toca á higiene e ao conforto. As suas instalações de gymnastica são admiraveis. As piscinas de nataçao e os campos de exercicio facultam ás creanças meios mais variados de se recrearem e de se desenvolverem fisicamente. A creança das zonas ruracs tem, naturalmente, meios de exercicios: a equitação, a nataçao, a corrida livre nas estradas e nos campos. A cidadina, porém, com um

campo limitado, faz-se em regra menos desenvolvida.

Solicitada pelas atrações intelectuais — o theatro, o cinema e tantas outras diversões comuns dos grandes centros — exercita-se mais mentalmente do que no fisico.

Torna-se precoce ao primeiro aspecto, o que é ainda uma forma de fadiga e, portanto, um mal — mas retardado quanto ao desenvolvimento fisico. A escola norte-americana reúne elementos que provêm a um desenvolvimento equitativo das faculdades infantis: têm, ao mesmo tempo que toda sorte de estimulantes fisicos, os excitantes intelectuais, como sejam o *auditorio*, com instalações de radio-telefonio e cinema. A criança, sobremodo, recebe educação integral. Preocupa-se, igualmente, com a nutrição, regulando-a pela *cafeterie*, onde é servida a merenda e onde existe a pequena cozinha para o seu preparo.

A assistência medica na escola, perfeita entre os norte-americanos e os suíços, é outro ponto que deve interessar entre nós. Ella deve ser, sobretudo, rigorosamente infantil. Isto é: abranger a população infantil na idade pre-escolar, ou seja dos tres aos sete anos, quando muitos defeitos fisicos podem ser facilmente reparados e muitas doenças — tais as de conformação ossea e da laringe — remediadas e sustadas.

Assim, é preferível que as clinicas a cargo dos serviços de assistência ou de associações privadas ou de beneficencia, sejam infantis e atendidas crianças desde a idade pre-escolar, sendo mediante ajuste encaminhadas para clinicas especializadas — dentarias, oto-rino-laringologicas, obtalmologicas, ortopedicas, etc., os alunos, cujo tratamento deve ser fiscalizado pelo medico escolar de cada distrito.

Para custear todas essas despesas ha a

criação do seguro escolar obrigatorio ou a ampliação das caixas escolares já existentes.

São excelentes os resultados obtidos por esse seguro na Suíça, onde cada aluno paga 1,75 por mez, tendo direito a tratamento, correndo $\frac{3}{4}$ das despesas por conta da caixa e $\frac{1}{4}$ por conta dos pais, que têm, aliás, o direito de escolher o medico dentre os clinicos locais que aderiram ao serviço e cuja idoneidade é aceita pela caixa de seguro.

Os alunos de reconhecida indigencia seriam naturalmente isentos de pagamento.

As atribuições do medico escolar, dado o progresso a que atingiu esta especialidade, devem ser de preferencia de um higienista e educador de higiene, fazendo, auxiliado por enfermeiras, o exame periodico dos alunos, selecionando e encaminhando para clinicas especialistas os que necessitem de tratamento.

Ha certos pontos em que se confundem as suas funções com as do medico de Saúde Publica, havendo vantagem de cooperação intensa embora independente de ambos os serviços.

— A educação fisica ?

— Já disse que é uma necessidade fundamental. Nos Estados Unidos, depois de estabelecida em amplitude propria, verificou-se a diminuição sensível da criminalidade infantil. O dispendio regular de energia com exercicios pacificos, educa a vontade e abranda o carater á criança. Deviamos ter estadios escolares em numero suficiente para o recreio e o exercicio da população escolar. Temos, no Rio, para tanto, riqueza de condições naturais.

Nesse mesmo sentido, ha a ponderar a criação de escolas ao ar livre, expressões maximas de higiene. O general Genaro Sisto, visitando escolas ao ar livre em Olivera, na Argentina, disse esta frase expressiva : "Cada escola deste tipo que se

eria, evita a construção de um hospital para tuberculosos". Creio ter dito o bastante, termina o Dr. Massilon Saboya, pois iríamos longe demais se fossemos por menorisar em considerações todos os pontos que assignalei de começo.

PLANO DE AULA SOBRE NUMEROS

I — O NUMERO SEIS

Preparação material :

1) *Material* : a) papel de calculo para cada aluno e lapis; mesa comprida e baixa; contador mecanico, tornos, mapa de Parker.

b) Os objetos podem ser outros: papel para ser dividido; solidos geometricos; cartões pequenos, de fórmulas geometricas; taboinhas de 1 dm × 0.5 dm; grãos de milho ou de feijão, pedrinhas, etc.

2) *Tatica escolar* : Mando a seção B do 1.º ano fazer copias de sentenças; a seção C, tórnos; e, a um sinal, a seção A se levanta e, a outro sinal, vem em fila rodear a mesa longa; o monitor da semana distribue papel e lapis.

CONHECIMENTO DO NUMERO

1) *Revisão (numeros sem seu nome)*. Mostrem-me tantos dedos quantas bolas eu separei no contador. Apontem no mapa de Parker tantos animais quantos dedos veem. Separem tantas canetas quantos animais mostraram. Separem igual numero de tornos.

2) *Numero com seu nome* :

a) *Quantas* bolas estão vendo no contador? (seis).

b) *Mostrem* 6 crianças, 6 dedos, 6 pirâmides; mostrem no mapa 6 circulos; mostrem qual destes poligonos tem 6 faces; e destas pirâmides...

c) *Desenhem* 6 bolinhas no quadro negro e no papel, como eu faço no quadro negro.

SOMA

1) a) (*concreto*) — Tome 5 bolas no contador; mais uma bola; quantas são?

b) (*concreto abstrato*) (com as bolas escondidas) 5 bolas mais uma bola quantas são? (Ou, indicando as bolas sem nomeal-as: 5 mais 1 são...?)

d) *Mostrem* no mapa de Parker onde está escrito 5 mais 1.

e) *Façam com os tornos, sobre a mesa, $5 + 1 = 6$ (|||| + | = ||||||).*

f) *Vou escrever $5 + 1 = 6$ no quadro negro; venham fazer o mesmo. Escrevam no papel: $5 + 1 = 6$. Leiam isso. Escrevam agora assim :*

$$\begin{array}{r} 5 \\ 1 \\ \hline 6 \end{array}$$

2) a) Quem pode achar, com os tornos, dois numeros que, reunidos, façam seis? ($1 + 5$, $2 + 4$, $3 + 3$, $4 + 2$, $5 + 1$, $6 + 0$. Vejam com os tornos.

b) Com esse grupos ($1 + 5$, $2 + 4$, $3 + 3$, $4 + 2$, $5 + 1$, $6 + 0$) se fazem os exercicios a, b, c, d, e, f; do § 1.

3) *Problemas* :

a) Si um caderno custa 4 tostões e um lapis custa 2 tostões, quanto custam ambos?

b) Quantos lados tem esta sala? E si contar tambem o soalho e o tecto quantos lados são?

c) Luiz deixou o livro na cadeira, o chapéo na mesa e derrubou 3 penas no chão; quantas coisas elle precisa apanhar e pôr no logar?

d) Quantos pés tem um quadrupede mais um bipede?

4) *Problemas imaginados pelos alunos* :

a) Quem conta uma historia de 4 pintainhos e mais 2 pintainhos? Conte-me a historia de 4 gatinhos e 2 gatinhos.

b) Quem conta uma historia de 3 mais 3? Outra. Outra. Outra.

c) Contem uma historia de 5 mais 1.

5) *Problemas sem numero* :

a) Pedro tem alguns abacates; Antonio tem um certo numero da mesma fruta; Raul tem outra quantidade; quantos aba-

caes têm os tres juntos ? (os tres juntos têm os abacates do 1.º, mas os do 2.º, mais os do 3.º).

b) Numa cestinha ha varias rosas e varios cravos; quantas flôres ha na cestinha?

6) *Problemas ilustrados* :

Mario, illustre no quadro negro esta historia: dois gatinhos estavam brincando; depois vieram mais 4 gatinhos brincar com elles.

SUBTRAÇÃO

1) a) Tomem 6 tornos; deem um ao collega; quantos ficam ?

b) (Sem olhar para os tornos): 6 tornos menos um torno, são... ? Ou, mostrando-nos sem os nomear) $6-1$ são... ?

c) Então $6-1$ são ?

d) Mostrem no mapa onde está escrito $6-1$.

e) Façam com tornos sobre a mesa :
|||||—|=|||||.

f) Vou escrever $6-1=$ no quadro negro venham fazer o mesmo. Escrevam no papel $6-1=5$. Leiam isso. Escrevam agora assim :

$$\begin{array}{r} 6 \\ 1 \\ \hline 5 \end{array}$$

2) a) Que numeros podem tirar de 6 ? Vejam com os tornos ($6-6$, $6-5$, $6-4$, $6-3$, $6-2$, $6-1$, $6-0$). Ou: suponham que estes tornos são ratinhos e um gato veiu caçal-os. A, quantos ele caçou de seus ratinhos ? quantos ficaram ? E Viñicio ? e Joia ?

b) Com esses grupos ($6-6$, $6-5$, $6-4$, $6-3$, $6-2$, $6-1$, $6-0$, se fazem os exercicios do § 1 (a, b, c, d, e, f).

3) *Problemas* :

a) Na semana passada faltei 2 dias á aula; quantos dias compareci ? E si tivesse faltado 3 dias ? 4 dias ? 5 dias ? 1 dia ?

b) Quem acha mais depressa 6 coisas na mesa ? Peguem-nas. Ponham uma só coisa na mesa. Nas mãos ficaram... ?

c) Trace 6 em continuação; quantos preciso tirar para ficar 2 ? para ficar 4 ? 3 ? 5 ? 0 ? 1 ?

4) *Problemas dos alunos* :

a) Conte uma historia de 6 menos 5 resta 1. (Uma roseira tinha 6 rosas, o vento desfolhou uma; agora só ha 5 rosas).

b) Conte uma historia de 6 menos 4 (6 meninos jogavam futebol; 4 saíram do campo, ficaram 2.) Outra. Contem do $6-3$, do $6-2$, do $6-1$, do $6-6$.

5) *Problemas sem numero* :

a) De um viveiro com tantos passarinhos, sahiram alguns; quantos ficaram ?

b) Uma lapiseira que custou tantos tostões; vendi-a por muito menos; quante perdi ?

6) *Problema ilustrado* :

Ilustrem. Tenho 6 carrinhos; um cahiu num buraco.

MULTIPLICAÇÃO

1) a) Separem 6 esferas do contador em 2 grupos iguaes.

b) (escondendo-as) 2 vezes 3 esferas são... ? (Ou, mostrando-as sem as nomear: 2×3 são... ?

c) Então: Dois tres são... ? (Ou: duas vezes tres são... ?)

d) Mostrem no mapa onde está escrito 2.3 e 2×3 .

e) Façam dois tres com os tornos: ||| |||

f) Vou escrever: dois tres são: $2.3=6$ e tambem 2 vezes 3 igual a $6:2 \times 6$. Leiam isso. Escrevam no papel.

$$\begin{array}{r} 3 \\ 2 \end{array}$$

Agora escrevo: — Copiem.

$$6$$

2) a) Que numeros iguaes fazem 6 ? Ou: Que, dois numeros iguais fazem 6 ? Vejam com 6 tornos, ou 6 quadrados, ou 6 decimetros, ou 6 triangulos, etc. Que

tres numeros iguais ? Que 6 numeros iguais ? Que um numero faz 6 ?

b) Com esses grupos ($6 \times 1, 3 \times 2, 1 \times 6$) fazer os exercicios a, b, c, d, e, f do § 1.

3) *Problemas* :

a) Um triangulo tem 3 verticaes; 2 triangulos quantos têm ?

b) Comprei tres cravos a 2 tostões cada um; quanto custaram ?

c) Tres meninos quantas mãos têm ? 6 meninos quantos narizes ? 3 juntas de bois quantos bois são ? Quantos lados têm dois triangulos ? Quantos dentes 2 tridentes ? Quantas folhas 2 trevos de 3 folhas ? Quantos pés 2 tripés ?

4) *Problemas dos alunos* :

a) Conte-me uma historia de tres dois. Outra. Outra.

b) Conte-me uma historia de dois tres; de seis uns; de um seis.

5) *Problema sem numero* :

Lucia traz alguns pratos com tantos ovos cada um; quantos ovos traz ?

6) *Ilustração de problemas* :

São duas roseiras com 3 rosas cada uma. Quantas rosas nasceram ?

DIVISÃO

1) a) Tomem 6 tornos; dividam-nos em grupos de 2; quanto coube a cada grupo ? Em 6 tornos, quantos 2 tornos ha ?

b) (escondendo-se): 6 tornos divididos por 2 dão... ? Em 6 tornos, quantos 2 tornos ha ? (Ou, mostrando-se sem os nomear): 6 tornos divididos por 2 são... ? Em 6 quantos dois ha ?

c) Então: 6 dividido por 2 é igual a... ? Quantos ha em 6 ?

d) Mostrem no mapa $6 \div 2$.

e) Façam com tornos: ||| |||.

f) Vou escrever 6 dividido por 2 igual a 3 ou 6 tem 3 dois: Leiam isso. Escrevam no papel. Escrevo 6 | 2
Copiem. 3

2) a) Vejam com bolinhas, tornos, decímetros, triangulos, etc., quantos numeros iguaes contém 6. Ou quantos uns podem achar em 6 ? quantos dois ? quantos tres ? quantos seis ?

b) Com esses grupos ($6 \div 1, 6 \div 2, 6 \div 3, 6 \div 6$) se fazem os exercicios a, b, c, d, e, f do § 1.

3) *Problemas* :

a) Eu tinha 6 botões; preguei um em cada casa da minha blusa; quantas casas tinha a blusa ?

b) Vi 6 passarinhos, 2 em cada gaiola; quantas gaiolas eram ?

c) Tenho 6 vintens e quero dar 6 vintens a tantos pobres quantos me fôr possível; quantos pobres ganharão dinheiro, dando eu 6 vintens a cada um ?

4) *Problemas dos alunos* :

a) Quem conta uma historia de $6 \div 2$? (Tenho uma fita de 6 metros para dividir por 2 meninos; cada um ganhou 3 metros) — Outra. Outra.

b) Contem historias de $6 \div$, de $6 \div 3$, de $6 \div 6$. Outra. Outra.

5) *Problemas sem numeros* :

a) Tantas caixas contém tantos doces ; quantas são as caixas ?

b) Algumas caixas contém tantos doces ; quantas são as caixas ?

6) *Problema alustrado* :

Ilustrem: Havia 6 ovos, 2 em cada ninho; quantos eram os ninhos ?

FRAÇÕES

1) a) Separem 6 tornos em 2 metades; quanto é cada metade ?

b) (sem olhal-os). A metade de 6 tornos é...? (ou, indicando-os sem nomeal-os): a metade de 6 é...?

c) Então: a metade de 6 é...?

d) Mostrem no mapa de Parker onde está escrito

$$6$$

$$\frac{6}{2}$$

e) Façam com os tornos, sobre a mesa, a metade de 6: ||||| = ||| |||.

$$6$$

$$1$$

f) Vou escrever $\frac{6}{2}$ ou $6=3$, no qua-

$$2$$

$$2$$

dro negro; venham fazer o mesmo. Escrevam isso no papel. Leiam. Escrevam também assim: $6 \left| \begin{array}{l} 2 \\ 3 \end{array} \right.$

$$3$$

2) a) Quem pode achar partes iguais, ou frações de 6 ? (—, —, —)

$$6 \quad 3 \quad 3$$

b) Com esses grupos fazem-se os exercícios, a, b, c, d, e, f do § 1º.

3) Problemas :

a) Comprei um boné por 6 mil réis; paguei metade á vista; quanto fiquei devendo ?

b) Uma legua tem 6 km.; um terço de legua quantos km. terá ?

c) Joia tem 6 anos; Vinicio tem a sexta parte dessa idade; quantos anos tem Vinicio ?

4) Problemas dos alunos :

a) Contem uma historia da metade de 6 (Uma duzia de garrafas de limonada custa 6 mil réis; meia duzia custa tres mil réis). Outra. Outra.

5) Problema ilustrado :

Desenhem 6 canivetes, a metade com as folhas abertas, a outra metade com as folhas fechadas.

EXERCICIOS ESCRITOS

Copiem e digam quanto são :

$$1+5= ? \quad 6-1= ? \quad 6 \times 1= ?$$

$$2+4= ? \quad 6-2= ? \quad 3 \times 2= ?$$

$$3+3= ? \quad 6-3= ? \quad 2 \times 3= ?$$

$$4+2= ? \quad 6-4= ? \quad 1 \times 6= ?$$

$$5+1= ? \quad 6-5= ?$$

$$6+0= ? \quad 6-6= ?$$

$$2+?=6 \quad 6-?=4 \quad ?+2=6$$

$$1+?=6 \quad 6-?=5 \quad ?+1=6$$

$$6 \div 1= ?$$

$$6 \div 2= ? \quad \frac{1}{2} \text{ de } 6=6$$

$$6 \div 3= ?$$

$$6 \div 6= ? \quad \frac{1}{3} \text{ de } 6= ?$$

$$?-1=5 \quad \frac{1}{6} \text{ de } 6= ?$$

$$?-2=4$$

$$3+?=6 \quad 6-?=3 \quad ?+3=6 \quad ?-3=3$$

$$4+?=6 \quad 6-?=2 \quad ?+4=6 \quad ?-4=2$$

$$5+?=6 \quad 6-?=1 \quad ?+5=6 \quad ?-5=1$$

$$6+?=6 \quad 6-?=0 \quad ?+6=6 \quad ?-6=0$$

$$1 \times ?=6 \quad 6 \div ?=1 \quad ? \times 6=6 \quad ? \div 6=6$$

$$2 \times ?=6 \quad 6 \div ?=2 \quad ? \times 3=6 \quad ? \div 3=6$$

$$3 \times ?=6 \quad 6 \div ?=3 \quad ? \times 2=6 \quad ? \div 2=3$$

$$6 \times ?=6 \quad 6 \div ?=6 \quad ? \times 1=6 \quad ? \div 1=6$$

$$\frac{1}{2} \text{ de } ?=3 \quad \frac{1}{?} \text{ de } 6=3$$

$$\frac{1}{3} \text{ de } ?=2 \quad \frac{1}{?} \text{ de } 6=1$$

$$\frac{1}{6} \text{ de } ?=1 \quad \frac{1}{?} \text{ de } 6=2$$

EXERCICIOS DE COMPARAÇÃO

1 — Desenhe 6 circulos numa fileira; e por baixo, sucessivamente: 5, 4, 3, 2, 1 circulos. Qual a fileira que tem mais ?

2 — Quanto a fileira de 6 tem mais que a imediata abaixo ? Quanto a de 5 tem mais que a de baixo ? Quanto a de 4 tem mais que a de baixo ? Quanto a de 3 ? a de 2 ?

3 — Quanto preciso adicionar em 1 para fazer 2 ? Em 2 para fazer 3 ? Em 3 para 4 ? Em 4 para 5 ? Em 5 para 6 ?

4 — a) Separe as fileiras de 6 e de 1. Quantos circulos ha em 6 mais do que em 1 ? Contem-me uma historia a respeito.

b) Tire a fileira de 1 e ponha a de 2 por baixo da de 6. Quanto ha mais em 6 do que em 2 ? Conte-me uma historia.

c) A mesma coisa para cada fileira ; comparal-as ; pedir uma historia.

5 — a) Uma locomotiva está com 5 rodas ; mas tem 6 ; quantas rodas lhe faltam ? b) Dois garfos têm 4 dentes e 3 têm 6 dentes ; quantos dentes os tres garfos têm mais do que os dois ? c) O jardineiro tem dois cravos de tres tostões, dois de dois tostões, e um de um tostão. Quais custam mais ? Quanto mais ? d) Pus dois litos de gazolina numa lata de seis litros de capacidade. Quantos litros ainda preciso pôr para enche-la ? e) Em meia duzia ha seis coisas. Em um quarto de duzia da tres coisas. Qual você prefere : meia duzia de balas de ovos ou um quarto de duzia ? f) A quarta de milho na occasião da colheita custa cinco tostões ; mas custa seis tostões depois da colheita. Quanto e quanto custa mais ?

6 — a) (mostrando os cubos sem nomeal-os : Seis (cubos) menos um (cubo) são... ? Seis menos dois são... ? Seis menos tres são... ? Seis menos quatro são... ? Seis menos cinco são... ? Seis menos seis são... ?

b) Cinco e um são... ? Quatro e dois são... ? Tres e tres são... ? Dois e quatro são... ? Um e cinco são... ?

b) Cinco e quantos são seis ? Quatro e quantos são seis ? Tres e quantos são seis ?

Dois e quantos são seis ? Um e quantos são seis ?

d) Tres dois são... ? Dois tres são... ? Seis uns são... ?

e) Quantos uns ha em seis ? Quantos dois ? Quantos tres ? Quantos seis ?

7 — a) Cinco são quanto mais do que tres ? Seis são quanto mais do que dois ? Dois são quanto menos do que cinco ? Cinco são quanto menos do que seis ? Cinco são quanto mais do que dois ? Quatro quanto mais do que um ? Um é quanto menos do que seis ?

b) Mostrem-me com cubos, que seis é um mais do que cinco ; e dois mais do que quatro ; tres mais do que tres ; quatro mais do que dois ; cinco mais do que um.

8 — Contem de um em um de nenhum para seis ; contem de dois em dois ; de tres em tres.

9 — Leitura das cartas de Parker até o numero 6.

REVISÃO

Visão simultanea

Diga-me de golpe quantas bolinhas tem cada um destes dados que eu apontar.

A igualdade

1 — Olhem esta balança. Para que serve ? Quantas conchas tem ?

Onde estão os braços ? Olhem o fulero. Quando é que a balança se equilibra ?

2 — Leiam estes pesos :

a) Ponham 2 kilos na concha esquerda e 1 na direita ; desenhem a balança assim.

b) Ponham 1 kg. em cada concha ; qual descera ? haverá equilibrio) ; porque estão na mesma altura ? desenhem.

d) Ponham 2 na esquerda ; quanto devera ir na direita para bom equilibrio ? e pondo 3 ? e 4 ? e 5 ? 6 ?

3 — Quando se faz o equilibrio, que po-

sição toma a alavanca ? e a travessa ?
Desenhem ambos :===== Também para
escrever que uma coisa é igual a outra se
faz este sinal=. Assim, $1=1$; $2=2$;
B, etc.

4 — a) Ponha 6 kilos na concha esquer-
da; quantos pesos de 1 kilo deve pôr na
direita para equilibrar ?

b) e de dois kilos ?

c) de que maneira mais poderão equi-
librar ? ($5+1$, $2+2+1+$, $2+1+1$
 $+1+1$).

5) Exercícios

$6=2+$?	$6=2\times$?
$6=3+$?	$6=3\times$?
$6=1+$?	$6=1\times$?
$6=4+$?	$6=6\times$?
$6=0+$?	
$6=5+$?	

Problemas :

1 — a) Luis faz hoje quatro anos; da-
qui a 2 anos, que idade terá ? — Contem-
me uma historia.

b) Seus seis cubos são pintinhos; veiu
um gambá e comeu 3; quantos ficaram ?
E si comesse só 2 ? 4 ? 5 ? 6 1 1 ? —
Contem-me uma historia.

c) Si eu andar 2 leguas por dia, quan-
tas ando em 3 dias ? em 2 dias ? — Con-
tem-me uma historia.

e) Comprei um leque por seis mil réis;
paguei a metade á vista; quanto fiquei de-
vendo ? — Contem-me uma historia.

E outros problemas analogos.

2 — a) Eu tinha 4 frascos e quebrei
um, então comprei dois e dei um; depois
perdi um; com quantos fiquei ? — Con-
tem-me uma historia.

b) Eu tinha alguns mil réis no bolso ;
perdi tres mil réis, mas ganhei cinco; com

quantos fiquei mais do que tinha ? —
Contem-me uma historia.

Raul tinha cinco bolinhas ; perdeu
duas e comprou duas; com quantas boli-
nhas ficou ? — Contem-me uma historia.

Fazer problemas analogos.

3 — a) Um homem tinha que gastar
quatro dias para limpar um jardim; en-
tão contractou um outro homem para aju-
dal-o. Em quantos dias ambos limpam
o jardim ?

b) Da casa do pai de Raul á sua chacara
são duas leguas de distancia. Raul foi
junto com o Papai; quantas leguas cada
um andou, ida e volta ?

4 — a) Quanto tempo gasta o ponteiro
grande do relógio em fazer uma volta in-
teira ? Que parte do mostrador elle per-
correrá em meia hora ?

b) Quantas luvas são dois pares e mais
meio par de luvas ?

Compra e venda :

Você, Renato, é o negociante; vocês ou-
tros, os freguezes. Estes tornos são tos-
tões e outros objetos sobre a mesa são fru-
tas, cadernos, lapis, livros, etc. ; Luiz é o
1º freguez.

— Luiz: Quanto custam as peras ?

— Renato: Dois tostões cada uma.

— L : Dê-me duas. Aqui está uma
moeda de 500 réis ou 5 tostões.

— R: Duas pêras a dois tostões são qua-
tro tostões e (dando o troco) um tostão
são cinco.

— Maria: Você tem cadarço ?

— R: Quantos metros ?

— M: Tres.

— R: Custa seis tostões.

E assim por diante.

Exercícios escritos :

(Quando a professora estiver ocupada
com outra seção).

Copiem e digam quanto são:

$$\begin{array}{r}
 5+1=? \quad 3 \cdot 2=? \quad ?-5=6 \quad 3+2=? \\
 2+?=6 \quad 6-3=? \quad 3+?=6 \quad 4-3=? \\
 3+3=? \quad 6-5=? \quad 6-1=? \quad 5-4=? \\
 ?+2=6 \quad 6-?=4 \quad 6-2=? \quad 1+3=? \\
 1 \quad \dots\dots\dots 6-?=2 \quad 3 \times 2=? \quad 6+6=? \\
 - \quad 6=? \quad 2 \times 3=? \quad 6 \div ?=6 \quad 3 \times ?=6 \\
 2 \quad \quad \quad 2 \cdot 3=?
 \end{array}$$

Quando não souberem, façam com tornos.

Leitura das cartas de Parker

Leitura das cartas desde o numero 1 até o n. 6 :

a) F, leu a 1.^a coluna; B, a 2.^a; C, a 3.^a. Quem a lê toda ?

b) G, aponte para os outros lerem de baixo para cima e saltadamente.

INVESTIGAÇÕES LOCAES

1 — Procurem em casa quaes os habitantes de seis pernas. Contem as perninhas das formigas, das borboletas, das baratas, dos gafanhotos, das abelhas. Quem tem mais pernas, a aranha ou a formiga ? (Para ver em casa ou no museu da escola).

2 — Contem as pernas de tres-aves ; de um cão e de uma gallinha; as azas de uma borboleta e de uma abelha; os dedos todos do papagaio; as petalas do amor perfeito e da violeta; as folhas de dois trevos; as sepalas de uma rosa; os estames da flôr do maracujá; as maminhas de uma gata; as paredes dos alveolos de um favo de abelha.

3 — Quantos dias da semana estão as lojas abertas ?

4 — Uma estampilha de quantos tostões se põe nos recibos ?

5 — Contem as côres da bandeira do Brasil; contem as estrellas do Brasil; contem as estrellas do Cruzeiro do Sul.

6 — Quantas janellas tem a frente de sua casa ?

7 — Quaes as 6 ruas mais proximas de sua casa ?

CORRELAÇÃO DE LIÇÕES

Leitura analytica — Leitura sobre um assumpto que se relacione com o numero seis.

Linguagem oral — Palestra ou conto sobre as abelhas ou outro inseto, que tem seis perninhas.

Sciencias naturaes — Estudo dos insectos.

PROF. JOSÉ RIBEIRO ESCOBAR, (lente de Didactica da E. NORNAL, de S Paulo).

AS DIVERSAS NUMERAÇÕES

(Charles Laisant)

Quando começámos (n. 3) a formar os numeros com palitos, depois com mólhos, com feixes, etc., o que conduz ao conhecimento da numeração, podiamos ter tomado igualmente bem, em vez de dez, qualquer outro numero de palitos para constituir um mólho.

Podiamos ter convencido, por exemplo, que 8 palitos formavam um mólho, 8 mólhos um feixe, e assim por diante; donde teria resultado que os algarismos necessarios para escrever um numero qualquer (n.º 10) seriam apenas 1, 2, 3, 4; 5, e 6 e 7, aos quaes — é claro — tornar-se-hia necessario ajuntar o zéro.

A semelhante methodo de escrever os numeros chama-se um *sistema de numeração*, e o numero escolhido denomina-se *base* do sistema.

Assim, o sistema, que temos visto até

aqui e que é universalmente usado, chama-se sistema decimal e tem por base 10. O que acabámos de indicar tinha por base 8 e podia ser chamado sistema octaval.

Se tomassemos 12 para base d'um sistema, que denominaria duodecimal, teríamos que ajuntar 12 palitos para formar um mólho, 12 mólhos para formar um feixe, e assim por diante. Seria então preciso ter, além do zéro, onze algarismos, a saber: os nove da numeração decimal e dois outros para representar o 10 e o 11.

Um sistema de numeração, que tem por base um numero B, exige sempre B—1 algarismos, sem contar com o zero, e o numero B escreve-se invariavelmente : 10.

Não é máu, e é extremamente facil, saber escrever um numero n'um determinado sistema de numeração, quando nol-o dão escrito n'um outro.

Dão-nos, por exemplo, 374 escripto no systema de base 8. Procuremos escrevel-o no sistema decimal. Se nos lembrarmos dos nossos palitos, veremos que o numero em questão compreende

4 palitos	4
7 mólhos de 8 palitos	56
3 feixes de 8×8 palitos	192
	252

Na pratica, chega-se ainda mais depressa ao mesmo resultado, partindo da esquerda para a direita, dizendo: 3 feixes de 8 mólhos, mais 7 mólhos, são 31 mólhos ; 31 mólhos de 8 palitos são 248 palitos, e mais 4 dá 252.

Se, ao contrario, queremos escrever, no sistema decimal, temos apenas que subtrair 8, em quanto o podermos fazer, e o resto é o ultimo algarismo da direita. Temos, pois, que fazer a divisão de 598 por 8, e tomar o resto, que é 6. Esta operação dá-nos tambem o numero, 74, de mólhos de

8; dividindo-se por 8, temos o numero de feixes, 9, e restam 2 mólhos; é o 2.º algarismo. Dividindo 9 por 7, vemos, finalmente, que resta 1 feixe (1 é o 3.º algarismo).

A operação dispõe-se como segue :

$$\begin{array}{r} 598 \mid 8 \\ 38 \overline{) 74} 8 \\ - 6 \quad 29 \overline{) 8} \\ \quad 1 \quad 1 \end{array}$$

e 1126 é o numero pedido, escrito no sistema de base 8.

Se quizessemos escrever este numero no sistema de base 12, tínhamos :

$$\begin{array}{r} 498 \mid 12 \\ 118 \overline{) 49} 12 \\ \quad 10 \quad 1 \quad 4 \end{array}$$

e o resultado era 41 (10), representado por (10) o algarismo 10 do sistema decimal.

Vimos acima que 374 do systema 8, se escreve 252 no systema decimal. No systema de base 12, escrever-se-ia 190, como é facil verificar.

Passa-se assim, d'um sistema para outro á nossa escolha, por intermedio do sistema decimal.

Com um pouco de pratica, conseguimos calcular em qualquer numeração. O ponto essencial está em não nos esquecermos de que os transportes, os *quantos vão*, se fazem não por dezenas, mas por grupos de 8, se B é a base; para isso, é preciso um certo habito.

Damos, em seguida, o numero 1000 da numeração decimal, escrito nos sistemas de numeração de base 3, 4, 5, até 12.

$$\begin{array}{r} B = 3 \dots\dots\dots 1101001 \\ \quad 4 \dots\dots\dots 33220 \end{array}$$

5	13000
6	4344
7	2626
8	1750
9	1331
10	1000
11	82(10)
11 . *	82(10)
12	6(11)4

Uma aplicação do sistema de numeração de base 3 combatido com o emprego dos numeros negativos, verdadeiramente digna de nota, é a que vamos referir. N'ela, os algarismos reduzem-se a 0, + 1 e - 1; e não é só esta particularidade, que a torna interessante, mas ainda o facto de se prestar a um emprego pratico, em certas questões relativas aos ascensores hidraulicos.

O Sr. Marcel Deprez, membro do Instituto de França, a quem se deve o transporte da energia pela electricidade, teve a amabilidade de me communicar uma observação curiosa sobre o sistema de pesos a empregar, para effectuar pesagens com uma balança. Parte-se do principio de que se podem collocar pesos nos dois pratos da balança. N'estas condições, o problema proposto consiste em determinar um sistema de pesos (um unico peso de cada especie) a partir de 1 gramma, por exemplo, de maneira que seja possivel equilibrar, por este meio, corpos que pesem 1, 2, 3... grammas; ate um determinado limite.

Vemos que, com os dois pesos: 1 gramma e grammas, se podem fazer pesagens até 4 grammas, porquanto $= 3 \cdot 1 + 1 = 4$.

Tomando os trez pesos: 1, 3 e 9 grammas, podemos pesar até 13 grammas.

D'uma maneira geral: se se tomam n pesos, 1, 3,, $3n - 1$ grammas, podem-

$$3n - 1$$

se fazer passagens até ——— grammas.

2

Por exemplo: com os 7 pesos 1, 3, 9, 27; 91, 243 e 729 grammas, pode-se pesar desde 1 até 1093 grammas.

Esta questão, como é facil de verificar, reduz-se a escrever os numeros successivos no sistema de base 3, utilizando os algarismos negativos. Assim, em vez dos algarismos 1, 2, empregam-se 1, 1; este 1 indica que o peso correspondente deve ser collocado no segundo prato da balança. Por exemplo: 59 escreve-se n'este sistema, 1 1 1 1 1, porque. $59 = 81 - 27 + 9 - 3 - 1$. Para pesar 59 grammas, collocar-se-ão, pois os pesos 81 e 9 n'um dos pratos, e os 27, 3 e 1, no outro; collocando então n'est'ultimo um corpo, que pese 59 grammas, estabelecer-se-a o equilibrio.

Póde ter interesse accrescentar aqui algumas observações referentes á numeração romana. Actualmente a sua importancia matematica é mediocre; emprega-se apenas para marcar as horas nos mostradores dos relógios. Tambem é bom conhecê-la para decifrar as datas das inscrições antigas; e eis tudo. Outro é, porém, o seu valor, se a encaramos sob o ponto de vista pedagogico. Limitar-me-hei a resumir as observações, que, sobre o assumpto, me foram apresentadas da muitos annos, pelo sr. Godar, então director da Escola Monge.

Se, sobre um quadro negro, traçarmos um grupo de riscos muito eguaes a regularmente distanciados, e se perguntarmos bruscamente, a um observador desprevenido, quantos riscos constituem aquelle grupo, a resposta será immediata, se o grupo fôr de dois, trez ou quatro; além d'este numero isto é: de cinco e d'aí para cima, torna-se necessaria uma operação preliminar do espirito — que pode ser

muito rápida —, uma decomposição mental do numero, e a resposta deixa de ser, na realidade, o resultado da visão directa. E' este um fato, que parece bem averiguado e que experiencias muito numerosas confirmam.

Por outro lado, vemos que o numero cinco desempenha um papel capital na numeração romana.

D'ahi o perguntar-se: se esta numeração não terá tido por origem primeira o fato fisiologico, que acabamos de indicar, e ido buscar os simbolos da sua escrita ás disposições anatomicas da mão do homem.

Os numeros um, dois, tres e quatro, serão representados por um, dois, tres e quatro dedos levantados :

|, ||, |||, ||||

Cinco é a mão toda, que se o polegar estiver levantado e afastado dos outros dedos, reproduz muito aproximadamente a fórmula da letra V. Dez, é a reunião de duas mãos, dirigidas uma para cima, V, a outra para baixo, Λ , o que dá a letra X.

Não tratamos agora senão dos principios basilares da numeração romana, e abstemo-nos de falar dos outros simbolos: L, C, M,... Notaremos, contudo, que se evita sempre a repetição consecutiva d'um mesmo sinal além de quatro vezes.

Para obter os numeros comprehendidos entre cinco e dez, collocam-se as unidades á direita do signal V :

VI, VII,...

Da mesma maneira se procede para os numeros superiores a dez :

XI, XII,....

E' muito verosimil que, por um aperfeiçoamento ulterior, mas certamente

muito antigo, occorresse a ideia de indicar a subtração collocando a unidade, ou outros simbolos, á esquerda d'um determinado signal numerico, em vez de os pôr á direita, o que representa a adição. Foi assim que se estabeleceu, esta maneira de escrever, e muitas outras analogas:

IV, IX, XL,...

que significaa: cinco menos um, ou quatro; dez menos um, ou nove; cincoenta menos dez, ou quarenta. E cousa muito para notar: encontramos aqui, sob uma fórmula por assim dizer embrionaria, a primeira tentativa de tradução grafica do *signal* pelo *sentido*.

Estas observações afiguram-se-nos bastante curiosas para merecerem ser mencionadas. Parece deduzir-se d'ellas que a numeração romana era uma numeração de base cinco, mas incompleta, porque não se servia de simbolos diferentes para representar os quatro primeiros numeros e, muito principalmente, porque não possuia o recurso precioso do zero, esse eixo central de toda a numeração racional, esse *nada*, que é *tudo*, em Arithmetica.

A NUMERAÇÃO BINARIA

Vimos, no numero precedente, que, se B é a base d'um sistema de numeração, esse sistema exige $B - 1$ algarismos, além do zero. Se tomarmos 2 por base, apenas podemos empregar um unico algarismo: o algarismo 1.

A ideia d'esta numeração, em que todos os numeros se escrevem com dois caracteres apenas 1 e 0, parece ser de Leibniz 1, embóra se diga que os chinezes,

1 LEIBNIZ, matematico e filosofo allemão, natural de Leipzig (1646-1716).

em tempos muito remotos, fizeram uso d'ella.

Este sistema, se fosse usado na pratica habitual do calculo, apresentaria o inconveniente de alongar muito a escripta dos numeros. Assim, o numero 1000, da numeração decimal, escrever-se-hia 11111101000 no sistema binario ; seria um numero de dez algarismos. Mas, a numeração binaria encontra emprego util e interessante em algumas applicações scientificas, e dá-nos tambem a explicação de certos jogos, como a *Baguenaudier* (1) e a Torre de Hanoi. Baseado n'ella, inventou-se até um pequeno jogo de sala, que Eduardo Lucas descreve na sua *Arithmétique amusante*, sob o nome de *Leque misterioso*.

Para ficarmos sabendo no que elle consiste, supponhamos que temos os 31 primeiros numeros escriptos em numeração binaria :

1	1				
2	10	12	1100	23	10111
3	11	13	1101	23	10111
4	100	14	1110	24	11000
5	101	15	1111	25	11001
6	110	16	10000	26	11010
7	111	17	10001	27	11011
8	1000	18	10010	28	11100
9	1001	19	10011	19	11101
10	1010	20	10100	30	11110
11	1011	21	10101	31	11111

(1) Jogo de paciência, o quebra-cabeças, é muito antigo, pois parece datar do XVI seculo ; mas, pouco conhecido em Portugal.

Consta de duas peças distinctas : 1.ª — uma lamina retangular alongada de metal ou d'osso, com orificios (geralmente em numero de onze), por cada um dos quaes passa um arame, tendo uma das extremidades achatada, como a cabeça d'um prego, para não poder escapar-se do orificio,

Depois, sobre um cartão A, escrevemos no sistema decimal todos os numeros de'sta serie, que terminam em 1 no sistema binario :

A	B	C	D	E
1	2	4	8	16
3	3	5	9	17
5	6	6	10	18
7	7	7	11	19
9	10	11	12	20
11	11	13	13	21
13	14	14	14	22
15	15	15	15	23
17	18	20	24	24
19	19	21	25	25
21	22	22	26	26
23	23	23	27	27
25	26	28	28	28
27	27	29	29	29
29	30	30	30	30
31	31	31	31	31

Sobre um segundo cartão B, escrevemos da mesma maneira os numeros, cujo 2.º algarismo, a partir da direita, é um 1 na numeração binaria ; em seguida, procedemos de egual modo (cartões C, D e E) para os 3.º, 4.º e 5.º algarismos.

Se, tendo entregue estes cinco cartões a uma pessoa, lhe pedirmos que pense n'um numero e nos indique os cartões, em que

e a outra ligada a uma argola ou anel, tambem de metal ou d'osso ; 2.ª — um arame dobrado em fórma de rectangulo, de dimensões eguaes ás da lamina, fixo a um pequeno cabo de madeira, pelo qual se segura na mão.

O passatempo consiste em enfiar e desenfiar, segundo uma determinada ordem, todas as argolas da primeira peça no rectangulo d'arame da seguida.—N. do T.

esse numero está inscrito — e só esses — é o mesmo que pedir-lhe que nos aponte os algarismos com que se escreve, em numeração binaria, o numero em questão. E' facilimo verificar que, para achar esse numero, basta sommar os numeros, que figuram na primeira linha d'aquelles cartões. Seja, por exemplo, 25 o numero em que se pensou; os cartões, que nos indicam, são o A, o D e o E, que começam por 1, 8 e 16; óra, $1 + 8 + 16 = 25$.

Com 6 cartões, em lugar de 5, pode-se prolongar a serie numerica até 63, em vez de ficarmos em 31; com 7 cartões, chega-se a 127. Tambem se póde dar á advinhação uma apparencia ainda mais misteriosa, substituindo os numeros por nomes proprios. Organisa-se, d'uma vez para sempre, uma lista de concordancia dos nomes e numeros, e tem-se sempre presente que os differentes cartões começam por 1, 2, 4, 8, 16, 32 e 64.

Cada um de nós pode confeccionar muito facilmente um jogo d'estes cartões, até 7, por exemplo. E, se não conseguimos assim passar por feiticeiro, tiramos pelo menos, de tudo isto, o proveito de nos exercitar a fazer sommas de cabeça, com rapidez e segurança; sem o que, expor-nos iamos a perder todo o prestigio.

EXERCICIOS FISICOS

RENATO KEHL

1 — Não seja indolente e preguiçoso.
— O que vive na inercia aborrecida, não sómente é d'irmãos roubador; é suicida; e mais vil que o suicida; é suicida a quem falta o valor.

Castilho.

2 — A indolencia e a preguiça, como a tristeza, são, em geral, sinaes de doença.

3 — Procure ser sempre ativo e alegre,

trabalhando, movendo-se, brincando ou exercitando-se ao ar livre.

4 — A ginastica é indispensavel á beleza e á robustez.

5 — As doenças atacam, de preferencia, as pessoas fracas ou as que não obedecem os preceitos de higiene.

6 — São geralmente franzinas, pallidas, fracas e não crescem as crianças que não fazem exercicio.

7 — Os exercicios especialmente indicados ás crianças são os folguedos infantis, passeios a pé e a ginastica aprendida na escola.

8 — Tão util é o exercicio moderado quanto é prejudicial o exercicio excessivo: o primeiro fortalece, o segundo, ao contrario, debilita.

9 — Antes do banho matinal faça sempre, ao ar livre, alguns dos movimentos ginasticos aprendidos na escola.

10 — Depois do banho respire devagar e profundamente, tres a cinco vezes. Assim se fortificam os pulmões arejando-os.

11 — Nunca faça ginastica logo após as refeições.

12 — Traga a cabeça protegida quando estiver ao sol.

13 — Não significa robustez, nem beleza, o desenvolvimento exagerado dos musculos. O valor deles está na resistencia e não no volume.

14 — Não se preocupe, pois, em criar "muque", com exercicios violentos ou imoderados.

tencia adquiridas na infancia, pelos exercicios fisicos, são valiosissimos elementos de defesa: concorrem, vantajosamente, para a conservação da saude e prolongamento da vida.

Ensinar, é aprender duas vezes.

JOUBERT

O ALCÓOL



Eu quero um bocadinho...

—Tambem quero...

—Eu preciso saber se tenho ou não?

—Quanto a mim não me vexo e não me altero,
Espero caladinho o meu quinhão.

—Esperem todos mais um pouquinho,
Os seus desejos saibam conter,
Que deste velho, gostoso vinho,
Hão de beber.

—Esperaremos satisfeitos,

—Todos sentados, em silencio.

—Que ha de aquecer os nossos peitos
O vinho do Juvencio!

*

* *

—“Trago tambem o peito regelado,
Sou candidato ao vinho tentador!”
Disse num tom solenne e compassado,
O sabio director.

E do grupo gentil se aproximava,
Risonho e de vagar.

Emquanto a meninada que esperava
Do vinho do Juvencio partilhar.

Se levantou num momento,
Com estranha ligeireza,
Pela esquisita surpresa
Daquelle apparecimento!

Levantou-se e foi sahindo,
Um tanto ressabiada!

—“Ah !... ninguem sai da cilada”
Ordena o mestre sorrindo,

André Lino, Auxencio, Dorea,
E outros todos aqui;

Vou contar-vos uma historia
Que ha longos tempos ouvi.

Roubar-vos-ei o resto do recreio !
Mas ha na minha historia tanta luz,
Que acabareis pensando que ella veio
Dos labios de Jesus!

Ouvi, pois, a historia triste
Da suprema desventura
De uma infeliz creatura
Que existiu, já não existe,

Isto é, que pereceu contando apenas
Dezoito annos de idade!
Morreu cheio de dores e gangrenas
Em plena mocidade!

E sua propria mãe foi quem primeiro,
No seu tenro organismo inoculou
O virus traiçoeiro,
Que o fez padecer e que o matou!

Tendo somente uns dias de nascido,
Uns trinta dias só,
Dava-lhe um alimento corrompido;
Vinho no pão-de-lot!

Por simples ignorancia alcoolisava
O corpinho nascente e peregrino
Da pequenina flor, que tanto amava,
Seu mimoso menino!

E tendo vinte meses a querida
Creancinha, que era o seu maior deleite,
Já lhe não dava mais o pão da vida!
Já não lhe dava leite!

Entretanto, de um modo invariavel,
Dava-lhe o MAL,

Dando-lhe vinho, embora que ineffavel,
Posto que saboroso e especial!

Seus pais envenenaram como os vossos,
Quando vinho vos dão alguma vez
As suas carnes molles e os seus ossos
Inda sem solidez!

O vinho punha-lhe o alcool venenoso,
Nos seus tecidos de organismo vivo:
No muscular e no osseo e no nervoso,
No epithelial e no conjunctivo!

Punha-lhe em tudo (antes me não lembrasse)
O veneno terrivel:
Em seu craneo, em seu cerebro, em sua face,
De um modo indescrriptivel!

Corroia-lhe as visceras dia a dia
O vinho que era mau como os ladrões!
Seu coração, seu ventre e os seus pulmões

la cominsistencia intoxicando
Seu figado, seus rins!
Seu sangue corrompendo e saturando
De elementos ruins!

—“Coitado!” murmurou, interrompido,
Um dos jovens alumnos, que alli estavam
E dous que foram mais se enternecendo,
Tristemente, indagavam:

“E o vinho, professor, faz taes quebrantos
Em quem o bebe?”

—Certamente. É um facto.
Os males que produz são tantos, tantos,
Que lhes não sei dizer o numero exacto.

Mas deixae-me acabar a historieta
De tal menino que se fez rapaz
Bebendo até tomar feição completa
De ebrio pernicioso e contumaz!

Bebia, sem cessar, sempre a miude;
Era, já um tristissimo sandeu!
E, depois de perder toda a saude,
Todo o brio perdeu!

A principio agarrando
Cacete ou faca de afiado córte,
Sai a toda a gente provocando,
A toda a gente promettendo a morte!

De valente a função communicou-se,
Querendo trucidar quem quer que fôsse!

Depois, o vimos a dizer tolices,
Cambaleando, sem sentir—
Em gestos descompostos e momices
De causar pena e fazer rir!

Por fim, trajando sordidas roupetas,
Trapos impuros,
Passava horas e horas nas sargetas!
Dormia nos monturos!

Tinham-lhe piedade os homens todos
Encontrando-o descalço, espaduas nuas,
Sob a chuva, constante dos apôdos
Do garoto das ruas!

E assim vivêra como um cão sem dono,
Maldizendo dos pais com atroz cynismo,
Até que teve o derradeiro somno:
—Morreu de alcoolismo!

Tombou em plena rua o vagabundo,
Tendo o lixo por leito e por lençol!
O pai achou-lhe o corpo frio e immundo
Quase a se decompor á luz do sol!

*

* *

Dahi, o serem almas corrompidas,
Almas de instinctos vis,
As que deitam alcoolicas bebidas
Em labios infantis!

*

* *

O alcool é peor que a vibora damninha,
Eu vos affirmo, pequeninas flores.

*

* *

Para a bocca infantil:—agua fresquinha,
Innocentes licores!

Sanorosos refrescos, e os orvalhos
Que nos envia o céu, que tanto amamos...

*

* *

Vamos recommear nossos trabalhos,
Vamos...

NOTICIÁRIO



VIDA ESCOLAR

SETEMBRO

DIA 19.

Por decreto n. 67, foi transferida a cadeira mixta do povoado Alagoinha, município de Penedo, para a parte mais populosa daquela localidade, situada no município de Triunfo, devendo acompanhá-la a professora, d. Enoy de Campos Machado.

DIA 20.

Foi autorizado o pagamento de ajuda de custo, por ter sido nomeada professora efetiva de 1.ª entrância do povoado Barra, em S. Miguel de Campos, a d. Maria de Lourdes Cavalcante de Mello.

DIA 21.

Foi removida para o grupo escolar "Torquato Cabral", a professora Leonor Assunção, que servia no grupo escolar "Diegues Junior" e daquela para este, em comissão, a professora Edith Machado.

DIA 22.

Foram indeferidos na forma do art. 244 letra C, do decreto n. 1.140, de 19 de setembro de 1925, os pedidos de licença das professoras Isaura Pinheiro, de Itamaracá, e Maria Mendonça Pátury, de Penedo.

DIA 28.

Foi autorizado o pagamento da ajuda de custo a que tem direito, a professora do povoado Mandahú-Merim, em União, d. Elisa Gomes Ribeiro.

DIA 29.

Conforme pediu, foi removida a professora publica da cadeira de 1.ª categoria do

sexo masculino da vila Porto Real do Collegio, d. Eulina de Almeida Castro, para a 2.ª cadeira, vaga, de 3ª categoria, do sexo masculino, da cidade de Penedo.

DIA 30.

Por decreto n. 69, foi aprovado o contrato feito entre o Sr. Secretario do Interior e d. Estefania de Mendonça Rossiter, para ministrar o ensino de Costura e Corte ás alumnas do Grupo Escolar "Ambrosio Lira", na cidade de Camaragibe.

— Foi nomeado o cidadão José Miguel de Vasconcellos Neto, Inspector Rural do Ensino do povoado Urupema, em Atalaia.

DIA 31

O sr. Governador do Estado, em face dos laudos das duas juntas medicas a que se submeteu a professora d. Maria Benigna da Fonseca Cassiano, da cadeira do sexo feminino da cidade de Victoria, indefiriu o seu pedido de jubilação.

— Foi designado o bacharel Adalberto Marroquim para passar a 1.ª cadeira de Portuguez da Escola Normal, durante o impedimento do respetivo cathedratico.

OUTUBRO

DIA 5.

Foram nomeados: José Gomes da Silveira, para exercer, em comissão, o cargo de Presidente da Junta Escolar do Município de Viçosa, e Manoel Chaves, Inspector Rural de Ensino, do povoado Potengy, em Piassabussú.

DIA 6.

Foi autorizado o pagamento da ajuda de custo a que tem direito, á professora, d. Maria Stella de Nazareth.

DIA 9.

Foram justificadas 14 faltas dadas no mez de setembro pela professora da cadeira subvencionada da Ponta da Terra, d. Adelaide Cardoso Marques.

DIA 10.

Foi jubilado com todos os vencimentos o professor publico de instrucção primaria, que servia, em commissão, no Grupo Escolar "Cincinato Pinto", desta cidade, cidadão Ulysses José de Cerqueira, conforme requereu, visto se achar impossibilitado de continuar a exercer as suas funções, segundo os laudos medicos de inspeção de saude a que o mesmo se submetteu.

DIA 11.

Por decreto n. 73 o sr. Governador do Estado commissionou o lente da 1.^a cadeira de Portuguez da Escola Normal, professor Francisco Henriques Moreno Brandão, para rever os programmas adotados, dando-lhes nova organização pelo sistema de — tests —, que melhor satisfizer as exigencias do ensino elementar, ficando por força desta communicacão o referido professor afastado do exercicio de sua cadeira até que desempenhe a mesma commissão pela forma estabelecida no referido Decreto, sem direito a qualquer outra remuneração alem da que lhe compete como lente cathedratico da mesma Escola.

NOVEMBRO

DIA 3

Foi exonerado, a pedido, do cargo de professor publico subvencionado da cadeira do sexo masculino do povoado Botelho, municipio de Belo Monte, o cidadão José Cardoso Soares de Mello.

— Foi jubilada com todos os vencimentos a professora publica de instrucção primaria da cadeira mixta do povoado Anel, municipio de Viçosa, d. Umbelina Maria de Jesus, visto se achar impossibilitada

de continuar a exercer as suas funções, segundo os laudos medicos de inspeção de saude e contar mais de trinta annos de serviço.

— Foi exonerado dos cargos de membro e presidente da Junta Escolar de Porto de Pedras, o bacharel José Celestino Soares Brandão, sendo nomeado para substituil-o o cidadão Elisio da Cunha Mendonça.

— De iguais cargos em Santa Luzia do Norte foi exonerado o bacharel João Lira Flores, sendo nomeado para substituil-o, no de Presidente, o cidadão Ulysses Cansangão Acioli.

DIA 4

O sr. dr. Secretario do Interior justificou 30 faltas dadas pela prof. d. Rita Correia de Araujo Monteiro, do Grupo Escolar "Messias de Gusmão"; 30 dados pela professora d. Maria da Conceição Nabuco de Mello Vasconcellos, do mesmo grupo escolar; 14 dadas pela professora Edith Amaral de Athayde, do Grupo Escolar "Ambrozio Lira".

DIA 8

Foi jubilada com todos os vencimentos a professora da segunda cadeira isolada do sexo masculino de Bebedouro, arrabalde da capital, d. Anna Verçosa Jacobina Guerra, visto se achar impossibilitada de continuar a exercer as suas funções e contar mais de 30 annos de serviço efetivo.

DIA 9

Foram justificadas 28 faltas dadas pela professora d. Elisa de Souza Barreto e 30 pela professora d. Maria da Conceição Silva.

DIA 12

Foi removida da 3.^a cadeira isolada do

sexo feminino da cidade de Penedo d. Maria Mendonça Patury, para a 2.^a cadeira isolada, vaga, de 3.^a categoria, de Bebedouro, nesta capital.

DIA 14

Foi jubilada com todos os vencimentos a professora da 3.^a cadeira isolada de Bebedouro, desta capital, d. Andreza Petronila Leite, visto achar-se impossibilitada fisicamente de continuar no magisterio e contar mais de 30 annos de exercicio efetivo.

DIA 27

Foi exonerado do cargo de professor extranumerario da cadeira do sexo masculino da cidade de Paulo Affonso, conforme pediu, o cidadão Francisco Ribeiro de Albuquerque.

DIA 30

Foi exonerado, conforme pediu, do cargo de Diretor do Grupo Escolar "Diegues Junior" o cidadão João Craveiro Costa.

— Foram nomeados lentes catedraticos, respectivamente, das cadeiras de Inglez e Fisica, do Liceu Alagoano, em vista das suas aprovações obtidas em concurso, o cirurgião-dentista Pedro Cavalcante de Lima e o quimico industrial Moacyr Soares Pereira.

DEZEMBRO

DIA 5

Foi mandada pagar á professora Leonor Assunção a ajuda de custo a que tem direito por ter sido removida para o Grupo Escolar "Torquato Cabral".

DIA 16

Foi jubilada, com todos os vencimentos,

a professora publica da 1.^a cadeira do sexo feminino da cidade de Viçosa, d. Eufrosina Maria de Jesus, conforme requereu visto se achar impossibilitada de continuar a exercer as suas funções, segundo os laudos medicos de inspeção de saude a que se submeteu e contar mais de trinta annos de exercicio efetivo.

DIA 19

A' professora d. Edith de Souza Machado foi mandada pagar a ajuda de custo a que tem direito por ter sido transferida para o Grupo Escolar "Diegues Junior".

DIA 20

Foi nomeada a aluna-mestra d. Judith de Mattos professora adjunta do Grupo Escolar "Diegues Junior" desta cidade, para exercer o cargo de professora efetiva de 1.^a entrancia da cadeira mixta, isolada, vaga, do povoado Barra, municipio de Camaragibe.

— Foi nomeada professora adjunta do Grupo Escolar "Diegues Junior", desta capital, a aluna-mestra d. Maria Vitoria de Araujo Jorge.

DIA 23

O Exm.^o Sr. Governador do Estado, por atos desta data, exonerou o cidadão Orlando Cardozo de Sant'Anna, do cargo de professor extranumerario da cadeira do sexo masculino da cidade de Porto Calvo; removeu, com decesso, a professora publica da cadeira mixta de 2.^a categoria da cidade de Porto Calvo, d. Guiomar Sampaio Bezerra, para a cadeira mixta de 1.^a categoria do povoado Batalha, Municipio de Bello Monte; removeu, por conveniencia do ensino, a professora publica da cadeira mixta da Chã de Bebedouro, desta

capital, d. Maria da Gloria Nunes, para igual cadeira do povoado Capivara, Municipio de Traipú; removeu, por conveniencia do ensino, a professora publica da cadeira do sexo feminino do povoado Coqueiro Secco, Municipio de Santa Luzia do Norte, d. Deolinda Alves de Carvalho, para a cadeira mixta da Chã de Bebedouro, nesta cidade; removeu, ainda, por conveniencia do ensino, as professoras publicas d. d. Ernestina Reis, da 3.^a cadeira isolada do sexo masculino da cidade de Penedo, para igual cadeira, vaga, do sexo feminino da mesma cidade; Maria Bonifacio Feitoza, da cadeira mixta do Barro Vermelho, arrabalde daquela cidade, para a 3.^a cadeira isolada do sexo masculino da referida cidade, para a 3.^a cadeira isolada do sexo masculino a referida cidade; Maria da Gloria Pimenteira, da cadeira mixta do Oiteiro, para a do Barro Vermelho, arrabalde da aludida cidade; Esmeraldina Dolores da Silva Albuquerque, da

cadeira mixta da cidade e Traipú, para a do sexo masculino da cidade de Agua Branca; Maria Elisa de Albuquerque Melo, da cadeira mixta de Carrapato, Municipio da Capital, para a cadeira mixta da cidade de Traipú; Florisbella de Lima Soares, da cadeira de 2.^a categoria do sexo masculino do povoado Branquinha, Municipio de Muricy, para a cadeira mixta de igual categoria do povoado Annel, Municipio de Viçosa; exonerou os cidadãos João Vieira de Cerqueira Netto e João Baptista da Silva, dos cargos de Inspector Rural de Ensino dos povoados, respectivamente, Nicho e Currealinho, Municipio de Muricy, nomeando, para substituil-os, nos referidos cargos, o cidadão Alpheu Lins e Dr. João Lopez Ferreira e removeu a pedido, a professora publica da cadeira mixta de 1.^a categoria da villa de Junqueiro, D. Joanna Coelho da Silva, para igual cadeira de 2.^a categoria, vaga, do povoado Barra do Caçamba, Municipio de Viçosa.

Redempção

Vozes mar, das arvores, do vento!
 Quando ás vezes, num sonho doloroso,
 Me embala o vosso canto poderoso.
 Eu julgo igual ao meu vosso tormento...

Vérbo crespular e intimo alento
 Das cousas mudas; salmo mysterioso;
 Não serás tu, queixume vaporoso,
 O suspiro do mundo e o seu lamento?

Um espirito habita a immensidade:
 Uma ansia cruel da liberdade
 Agita e abala as fórmias fugitivas.

E eu compreendo a vossa lingua estranha,
 Vozes do mar, da selva, da montanha...
 Almas irmãs da minha, almas captivas!

ANTHERO DO QUENTAL

SUMMARIO:

Velhas opiniões
O ensino popular
Da Historia Alagoana
Madrugada na roça
Uma lição de musica
Alimento
O castigo corporal

A Instrução Publica de Alagôas
Exames e examinadores
A escola primaria no Brasil
Metodologia
O ensino publico em Alagôas
Historia do menino Geraldo
Noite de inverno
Ambiencia escolar
**A melhor higiene na organiza-
ção escolar**
Plano de aula sob numeros
As diversas numerações
Exercícios fisicos
O alcool
Noticiario
Redempção

Craveiro Costa
Dr. F. de Azevedo
Craveiro Costa
Luiz Guimarães
L. Laventôro
Renato Kehl
Dr. Martinho da
Rocha Junior
Raul Lima
Craveiro Costa

Craveiro Costa
Mendes Fradique
Eugenio de Castro
Luiz Accioly

Dr. M. Saboya
Prof. Rib. Escobar
Charles Laisant
Renato Kehl
Roberto Correia

Anthero de Quental